OBRAS
DE
LUIS DE CAMÕES,
PRINCIPE DOS POETAS DE HESPANHA.
SEGUNDA EDIÇÃO,

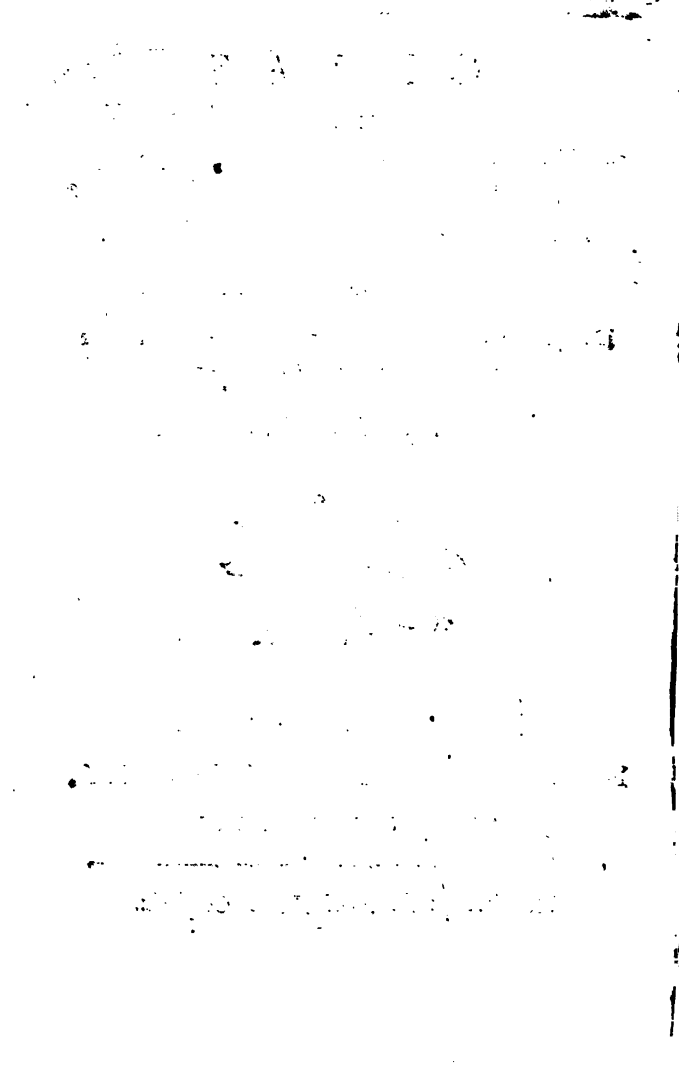
Da que, na Officina Luisiana, se fez em Lisboa nos annos de 1779, e 1780.

TOMO IV.

LISBOA.

Na Offic. de SIMÃO THADDEO FERREIRA.

ANNO M. DCC. LXXXIII.

Com licença da Real Meza Censoria.

PREFAÇAÕ.

DIversas saõ as figuras em que no Mundo tem apparecido impressas as Obras de Luis de Camões, em folha, em quarto, em oitavo, a que chamam pequeno, em doze, em desaseis, e em vinte e quatro. Cada hum dos Editores lançou mão daquella medida que se lhe representou mais conforme, ou com o seu proprio capricho, ou com algum seu particular interesse. Nós, entre tanta variedade, attendendo mais ao commodo do Público, que ao nosso particular, escolhemos a presente medida de oitavo grande, (*) como mais accommodada ao intento, pelas

(*) Houve justos motivos para passar esta segunda Ediçaõ de 8°. grande para 8°. pequeno, sendo hum

razões que saõ claras, assim aos intelligentes da Poesia, como aos da Arte Typographica. Haviamos disposto, que em tres volumes se comprehendessem todas estas Obras; e neste projecto persistimos por largo tempo; porém apparecendo de novo composições de Poeta, e algumas outras de seu Commentador, respectivas ao mesmo Luis de Camões, e de naõ pequeno interesse para o Público, e para os amantes destes estudos; vendõ que com o que accrescia, o terceiro volume ficaya desmedidamente avultado, nós resolvemos a fazer quarto Tomo, que he o presente. Para elle reservámos às Comedias, os Fragmentos, as Obras suppostas, e huma larga Ecloga de Manoel de Faria e Sousa, da qual tratámos já em outro lugar. Em quanto ás Comedias, naõ temos que dizer mais, do que ser esta, segundo alcançamos, a terceira vez que se imprime a de Filodemo; a qual, tendo corrido na negligencia de Copiado-

res,

---

delles, fazer neste a letra chamada interduo, na qual vai impresso, o mesmo effeito, e o mesmo commodo, que naquelle a leitura.

res, e Impressões, a mesma fortuna que as demais Obras do Poeta, nos deo bastante trabalho para a darmos certa na pontuaçaõ. Tivemos em nosso poder, e á vista, hum exemplar da primeira Ediçaõ della, que foi no anno de 1616., fonte donde sahio a segunda; com a qual (como tambem com a mesma primeira) poderá o Leitor curioso confrontar esta terceira, pois só entaõ conhecerá a differença que se dá entre as trés nesta parte.

Depois das Comedias entram os Fragmentos de algumas Obras do Poeta, achados por Manoel de Faria e Sousa em alguns Manuscriptos, e recolhidos agora por nós, dos seus Commentarios, por onde se acham dispersos. Ha entre estes Fragmentos huma Elegia, aqual Manoel de Faria, naõ se atrevendo a meter-lhe a mão, fez pública no mesmo estado corrupto, e deploravel em que a achou; para que se visse o estrago que nas Obras do Poeta haviam feito Copiadores barbaros. Nós a damos tambem da mesma sorte; ficando-nos huma grande mágoa de a naõ acharmos, para cabal satisfaçaõ dos Eruditos, como seu Author a escreveo.

Aos

Aos Fragmentos se seguem as Obras suppostas, e attribuídas a Luis de Camões, as quaes por diversas vezes, e em varias Edições, atrevidamente se tem publicado debaixo do seu nome, e com injúria grande delle: e aqui temos mais que dizer. Saõ estas Obras huns Tercetos, de que foi argumento o Senhor Rei D. Sebastiam: huma Petiçaõ ou Memorial em oitavas, feito ao Regedor, em nome de huma mulher criminosa, que se achava presa, e estava incursa na pena de degredo: os tres Cantos da creaçaõ, e composiçaõ do homem, e huma Elegia. A nenhuma destas cousas deramos lugar nesta Ediçaõ; mas entram aqui, porque póde ser que, com o que dissermos ácerca de cada huma dellas, se desenganem alguns crédulos, ou que naõ têm todo o conhecimento, e noticia das cousas.

Em primeiro lugar: quanto aos Tercetos; temos grande dúvida que sejam do nosso Poeta; naõ só pela pessima versificaçaõ, baixo estylo, falta de digestaõ, e methodo com que estaõ escriptos, senaõ tambem porque nos Commentarios de Faria, assim impressos, como manuscriptos; que

que revolvemos, se naõ faz mençaõ, nem achámos noticia de taes Tercetos: e naõ se faz crivel que a hum Escriptor taõ empenhado na gloria do Poeta, e que taõ diligentemente procurou haver á mão as suas composições, escapasse huma Obra taõ consideravel pelo seu assumpto, e argumento. Naõ nos seria difficil mostrar com alguns lugares, e com a má ordidura daquelle Poema, quaõ indigno seja do nome de Luis de Camões; mas naõ nos esquecendo da brevidade que seguimos nestas, como advertencias, deixamos estas reflexões aos Leitores prudentes, e judiciosos, aos quaes lembramos, que huma tal Obra, mais que da suavidade, e brandura de Luis de Camões, só parece ser filha daquella escabrosa dureza com que o Doutor Antonio Ferreira se explicava nos seus versos.

Passando agora á Petiçaõ, ou Memorial, delle dizemos o mesmo. Isto he, naõ ser Obra de Luis de Camões: e porque o nosso voto se naõ faça suspeitoso, e pareça ter origem em alguma particular paixaõ, transcreveremos o que a este respeito escreveo Faria, nesta materia melhor esti-

timador que muitos que depois delle o presumíram ser. No fim do Tomo IV. dos Commentarios ás Rhythmas, commentando Manoel de Faria a ultima oitava das 70. que Luis de Camões escreveo a Santa Ursula, diz assim, pag. 157., col. 2.: *Estas son las Octavas que permanecen de nuestro Poeta. En la Parte que llamaron segunda de sus Poemas varios; se ven unas côn titulo de Memorial al Presidente de Justicia, en favor de una muger hermosa, cazada, y que se llamava D. Catalina; y que estava condenada a destierro ultramarino, por adultera, tiniendo su marido en la India ... Ellas son 18., y el que las escriviò tenia lecion de su estylo; y echava mano de uno y otro lance suyo, sin algun fundamento; porque no ay Estancia que no sea un absurdo; en tanto extremo, que no las hiziera tales el Poeta, quando en la calle fuesse obligado a escrivirlas sobre la rodilla. Quiero se queden aqui la primera, y la ultima, en testimonio de verdad.* Depois de Manoel de Faria transcrever a primeira e a ultima das referidas Oitavas, conclue com o seu costumado sal: *Si este Regidor de Justicia*

na-

tuviera entendimiento; y la hiziera, pássara, sin duda, el destierro en que estava condenada aquella muger, a quien por ella rogava con tan criminosos versos: porque mayor culpa és ser un hombre tan tonto, que una muger cazada tan lasciva.

Entramos agora com os tres Cantos da creaçaõ do homem, que saõ os que se seguem; Obra (se póde ser) ainda mais alheia do estylo de Luis de Camões; do que os mesmos Tercetos ao Senhor Rei D. Sebastiam, e as mesmas Oitavas a favór da mulher criminosa. O primeiro Editor que publicou estes tres Cantos foi Domingos Fernandes, Livreiro; o qual, querendo gratificar ao Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, entaõ Bispo de Portalegre, alguns favores que lhe havia feito, e conhecendo que nisto lhe fazia hum obsequio o mais agradavel, por ser muito amante das letras, ajuntou varias Rhythmas de Luis de Camões, e imprimindo-as em Lisboa, no anno de 1616, na Officina de Pedro Crasbeeck, lhas dedicou, indo entre as mesmas Rhythmas os tres Cantos da creaçaõ do homem. Temos presente

hum

hum exemplar desta Ediçaõ, (he a segunda parte das Rhythmas, de que falla Manoel de Faria, onde tambem se imprimíram a primeira vez as Oitavas a favor da mulher) em cuja Dedicatoria diz Domingos Fernandes, fallando com o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha: *Naõ se descuidou minha ventura em me offerecer esta occasiaõ de andar juntando estas Rhythmas: e V. S. me fez mercê de haver a maior parte, certificado serem do Author. Outras me deram várias pessoas: e na mão de muitos Senhores Illustres achei tres Cantos da creaçaõ do homem, em oitava Rhythma, que vaõ no fim deste Livro; e tendo-os impresso, V. S. me affirmou naõ serem seus: mas como os tinha impressos, &c.*

Parece que bastava hum testimunho taõ calificado, como o do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha; para se naõ terem por de Luis de Camões os tres Cantos da creaçaõ do homem: mas como ainda póde haver alguns crédulos (por naõ dizer teimosos) daquelles a quem tudo o que luz, aindaque seja o mais baixo metal, lhe parece ouro; os quaes, depois de huma tal decisaõ, fiquem

na

na dúvida, accrescentaremos á authoridade do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha a do mesmo Faria e Sousa. Falla elle desta Obra, e diz assim, tom. IV. dos Commentar. ás Rhythm. pag. 158., col. 1.

Ay tambien con nombre de Luis de Camões, en la propria segunda Parte; tres Cantos, intitulados de la creacion del hombre: y mal criado fue todo aquel, a quien se le puso en la mollera, que eran de Luis de Camões aquellas malditas coplas. El primer Canto contiene 60.; el segundo 72.; el tercero 70.: y no haviendo en las 202: una que eche de si una pequeña lumbrecilla de aliento Poetico; y haviendose mostrado a hombres que presumian de entender desto (oh presuncion mortal!) las dexaron imprimir en nombre de un hombre, como Luis de Camões: y no sè que virtud tiene su nombre, que solo por estar alli, aunque tan postiço, se quiere nuestro entendimiento sugetar a hazer cuenta de algunos versos; por más que muchos dellos son errados, ya por sobra, ya por falta de syllabas; y otros sin número, aunque tengan onze. Estas Coplas escri-

crivió sin duda algun Medico ò Cirujano, traduziendo en verso lo que anda escripto en prosa en la segunda Parte del Libro de Anatomia que imprimió el Medicò Bernardino de Montaña el año de 1551.; y aquella Parte se intitula: Sueño del Marquez de Mondejar D. Luis Hurtado de Mendoça. *Fingese allì, que esse Cavallero soñò haver visto aquella fabrica de la composicion del hombre, en forma de un Palacio; y empieça assi*: Ante todas cosas me pareciò que via una casa tan polida, tan graciosa, tan bien labrada, que dava a entender claramente ser casa Real, &c. *Y despues de referir al Medico todo lo que viò en esta fabrica, le pide se la declare; y el vá explicando todas las pieças della; accommodandolas a todos los miembros interiores y exteriores del hombre; todo como se vè en aquellas Coplas: con la condicion de que ellas son malas, y las prosas del Marquez, y de su Medico, muy buenas; y la Philosophia dellas bien digerida. A' imitacion deste coloquio, hizo despues otro el Medico Vilalobos, con el Conde de Benavente enfermo; però con vantajosa elegancia, gala, y donaire.*

A'

A' vista de huns documentos taõ authorizados, e de tanto pezo, como ahi ficam; e depois das observações que fizemos nessas mesmas Obras, naõ faltou muito para as omittirmos nesta Ediçaõ, como indignas de andarem debaixo do nome do nosso Poeta: mas ponderando, que ainda assim poderia haver queixosos os quaes nos dessem em culpa esta omissaõ, nos resolvemos a fazê-las públicas, para que mais e mais se certifiquem, e se desenganem com os seus mesmos olhos. Com bastante incerteza damos tambem huma Elegia que se acha em algumas Edições, e principia: *Duvidosa esperança certo medo. &c.* aindaque esta, pela phrase, nos parece ser mais chegada ao estylo do Poeta; postoque a reputemos muito viciada de cópias.

Depois das Obras suppostas, segue-se em ultimo lugar a vida do Poeta, escripta com os seus mesmos versos por Manoel de Faria e Sousa; Obra de summo trabalho, e de que só poderia dar boa conta quem tivesse empregado nos Commentarios dos mesmos versos os largos estudos de mais de vinte e cinco annos, como elle mesmo

mo em alguns lugares confessa que empregára. Só quem tiver bastantes experiencias das composições deste genero poderá ser hum justo avaliador do seu merecimento. Foi notavel este Escriptor nos elogios de Luis de Camões; e tanto menos suspeitoso, quanto mais inimigo da lisonja, e quanto mais amante daquella verdade, inteireza, e zelo da gloria da Naçaõ, que tanto reluz em qualquer parte que se abram os seus escriptos. O merecimento deste Poeta foi para elle unico na estimaçaõ: nem cessa de se magoar do mal que o tratáram os seus mesmos Compatriotas, assim em vida, como depois da morte; pois que por muitos annos até se ignorou o lugar da sua sepultura. Em varios lugares repete Manoel de Faria estas, na verdade justificadas, queixas; e muito particularmente nos Commentarios munuscriptos, sobre a Ecloga XV., a qual agora novamente damos á luz. Gostosamente transcreveremos a passagem, para que igualmente se conserve a memoria, tanto do zelo de Manoel de Faria, quanto do merecimento de hum homem, que tanto honrou a Patria.

Diz

Diz Faria, em huma advertencia sobre a Ecloga XV. *De siete Eclogas, que ay de mi Poema en el manuscripto, esta és la ultima, y sola ella tiene titulo, que dize cuya és deste modo:* Ecloga de Luis de Camões á morte de D. Catharina de Ataide, Dama da Rainha. *Y antes desta Ecloga está la que de mi Poeta és la tercera en estas Rhythmas, escripta sin duda a la propria muerte desta Señora... A esta dicha mia de hallar este Manuscripto en Madrid, el año de 1641., se deve el saberse quien era esta Dama; porque hasta entonces no se sabia su nombre. Y si Portugal no dormiera el sueño de Endimion, en lo que és hazer caso de los successos que se tuvieron por glorias de otras Naciones, no olvidára esto: porque yo no sè que Petrarca fuesse mayor Poeta, que Luis de Camões, ni de tan lusido nascimiento: ni que Laura fuesse más illustre por sangre, que D. Catalina; ni que fuesse más hermosa, que ella. Y sè que siempre se conservò en Italia y Francia la memoria de quien havia sido, solo porque mereciò ser cantada de Petrarca: y sè, que lo que más sustenta la gloria del ingenio de Petrarca,*

és

és el haver celebrado a Laura. Y sè, que muriendo Laura, fue sepultada honorificamente, para que se supiesse della, solo por el haver sido celebrada de un tan raro ingenio: y sè que hallandose despues este sepulchro en Aviñon, y sabiendolo el Christianissimo y entendido y Politico y magnanimo Rey Francisco I. de Francia, se fue a ver aquellos huessos, y los hizo poner en más ventajoso monumento, con epitaphios de varias Lenguas, y en la suya Franceza le compuso uno, de ocho versos, con que acabò de colmar la gloria de Laura, y de Petrarca (*). *Y sè, que Luis de Camões, en calidad, en ingenio, y en exercicios illustres, excediò a Petrarca: y sè, que D.*

(*) Para completa satisfaçaõ dos nossos Leitores, lhes damos aqui estes Epitaphios que Manoel de Faria nos naõ dá, nem tam pouco Luis Antonio Muratori, na sua ampla Ediçaõ das Obras de Petrarca, feita em Modena no anno de 1711. Acham se debaixo da seguinte advertencia, em huma Ediçaõ das Rhythmas do mesmo Petrarca, feita pelo Rovilio em Leaõ, no anno de 1574., em 16., da qual os tiráram tambem para a sua os modernos Editores Venezianos do anno de 1756.: Ediçaõ a mais magnifica que se fez das Obras deste Poeta.

D. Catalina de Atayde, en sangre, y en puesto, sue

Nel mille cinquecento trentatre fu trovato in Avignone, per la molta diligenza del molto dotto, e virtuoso M. Maurizio Sceva, in una sepoltura ontica d'una capella della Chiesa de' Frati Minori una scatola di piombo, chiusa con un filo di rame, dentro la quale era una membrana scrittovi il „ già riferito „ Sonetto; ed una medaglia con una figura d'una Donna picciolissima da una banda, e dall' altra nulla; con queste lettre atterno: M. L. M. I le quali furono dal medesimo M. Sceva interpretate: Madonna Laura morta jace. *Per li quali indizj, e scritture è stato da molti con molta ragione creduto che in quel luogo fosse sepolto il corpo di quella Madonna Laura dal Petrarca amata. Onde poi passando in quel medesimo anno il Cristianissimo Re Francesco Primo per Avignone, per andare a Marsiglia, ed intendendo, il sepolcro di Madonna Laura essere stato ritrovato, l' andò a vedere, e come magnanimo, e di tutte le virtù verissimo padre, comandò ch' ei fosse e di marmi rifatto, e di Epitaffj in varie Lingue ornato, ed acciocche Madonna Laura la maggior gloria, e splendore che mai potesse ricevere, recivesse, egli stesso un' Epitaffio ornatissimo, e dottissimo compose: il quale co' suoi pochi versi le recò forse non minor fama che i molti, e rarissimi componimenti del Petrarca recato le abbiano. I versi dell' Epitafio di sua Maestà furono li seguenti:*

Epitaffio del Re Francesco Primo sopra la sepoltura di Madonna Laura.

En petit lieu comprins vous pouvez voir
Ce, qui comprent beaucoup par renommée
Plume, labeur, la langue, & le savoir
Furent vaincus par l'aymant de l'aymée.

fue mayor que Laura, y que en hermosura no fue menor. Antes, siendo preciso dar credito a mi Poeta en esto; ella aun en esto fue mayor; pues el dize

O gentil' Ame estant tant estimée,
Qui te pourra louer qu'en se taisant?
Car la parole est tousjours reprimée,
Quand le subjet surmonte ledisant.

Leggonsi ancora i due seguenti Epitaffij, per comandamento della medesima Maestà stati in quel medesimo tempo composti.

Julii Camilli Epigramma.

LAura ego, quæ fueram Tusci olim vita Poetæ;
Laura ego, quam in vita Tuscus alebat amor;
Hic sine honore diu jacui non cognita, quamvis
Cognita carminibus, culte Petrarcha, tuis.
Nullus purpureis spargebat floribus urnam:
Nullus odoratis serta dabat calathis.
Nunc quoque, Francisci sed versu, & munere Regis
Notesco, officiis conspicienda piis.

Del Signor Luigi Alamanni.

QUi giace il tronco di quel sacro Lauro,
Che del Tosco miglior fu tale oggeto,
Ch' ovunque scalda il Sol n' andò l' odore:
Or dal Gallico Re, del Ciel tesauro;
(Sendo in poco terren vile, e negletto)
E di marmi, e di stil riceve onore:
E sempre i rami avrà fioriti, e freschi
Sotto l' ombra immortal de' duo Franceschi.

ze, al celebrar su bellesa, que no la vieron tal en

Senetto a Madonna Laura.

ALma leggiadra, il cui corporeo velo
Trovò sì bello il Fiorentin Poeta,
Ch' Enea spregiando, Esiodo, e Dameta,
Di te cantò pien d'amoroso zelo:
Com' ei viva t' ornò, poi morta in Cielo
Pose; e con faccia mesta, e talor lieta
Or rise, or pianse, fra timore, e piétà,
Bramoso non cangiar natura, e pelo:
Così io, vago di quel che a lui sì piacque,
Della tua dico, ed immortal sua gloria,
E che vosco ognor viva anco il mio nome:
Con l' arte istessa che t' onora e come,
E che meco, e con lui sovr' Arno nacque,
Lascio qui di noi tre nuova memoria.

D. O. M. S.
ET MEMORIAE AETERNAE
D. LAVRAE, CVM PVDICI-
TIA TVM FORMA FOE-
MINAE INCOMPARABILIS,
QVAE ITA VIXIT, VT
EIVS MEMORIA NVLLO
SAECVLO EXTINGVI
POSSIT.
RESTITVIT VETE-
RVM MONVMENTO-
RVM PEREGRINVS
INDAGATOR

Gabriel Symeonus Flor. IIII. Idus April.
M. D. LVII.

Beatriz, ni en Laura; Dant, e ni Petrarca: esto es en la Oda sexta, Est. x.

Aquelle naõ sei que,
Que aspira naõ sei como;
Que invisibil sahindo a vista o vê;
Mas para o comprehender naõ lhe acha tomo;
E que toda a Toscana Poesia,
Que mais Phebo restaura,
Em Beatriz nem Laura nunca via.

Y

SONETTO

Ritrovato nella sepoltura di Madonna Laura in Avignone del 1533.

Qui giaccion quelle caste, e felici ossa
Di quell' alma gentile, e sola in terra.
Aspro e dur sasso, or ben teco hai sotterra
Il vero onor, la fama, e beltà scossa.
Morte ha del verde lauro svelta, e mossa
Fresca radice, e'l premio di mia guerra
Di quattro lustri, e più; s' ancor non erra
Mio pensier tristo; e' l chiude in poca fossa.
Felice pianta in borgo d' Avignone
Nacque, e morì; e qui con ella giace
La penna, e'l stil, l' inchiostro, e la ragione.
O delicati membri, o viva face,
Ch' ancor mi cuoci, e struggi! inginocchione
Ciascun preghi 'l Signor t' accetti in pace.

Y sè, que Portugal estimando todo esto en nada, estuvo muchos años sin saber adonde estava mal enterrado Luis de Camões: y ni mal ni bien sabe adonde lo está D. Catalina; y basta agora ignorò quien ella fuesse, &c.

Naõ poriamos termo ao dizer, se pertendessemos referir aqui as queixas que alguns Escriptores, zelosos das glorias da Naçaõ Portugueza, (quasi sempre ingrata para os que melhor a servíraõ) fizeram nesta parte; e por isso fecharemos este Discurso com o seguinte Epigramma, que a este mesmo proposito escreveo o erudito Abbade da Igreja de Sant-Iago Dantas, Joaõ Soares de Brito.

HOspitium vivo tumulum post fata negavit
Ingrata (heu!) meritis patria terra tuis.
At vaga sydeream posuit tibi fama sepulchrum,
Quà sub non uno nomine terra patet.
Quà celer Euphrates, & quà secat arva Timavus,
Et terra extremo cingitur Oceano.
Vilior in gemmis, Lodoice, auroque jaceres:
Unica fama potest esse tibi tumulus.

AD-

ADVERTENCIA

ácerca das Comedias que se seguem.

Como atéqui, nestas minhas duas Edições, em quanto aò texto do nosso Poeta, tenho seguido sempre os Exemplares impressos, e manuscriptos do Erudito, e Illustre Commentador Manoel de Faria e Sousa, como mais certos, e mais correctos; parece posto em rasaõ, e creio farei hum serviço relevante, e agradavel aos meus Leitores, se, tirandoas da confusaõ em que sempre andáraõ, lhes der tambem agora, divididas nos seus Actos, e Scenas, as duas Comedias, dos *Amphitriões*, e *Filodemo*, conforme as vi (tambem as vi commentadas) ha muitos annos nos Originaes do mesmo Faria. Naõ entra, porém, nem dá lugar a està divisaõ a Farça delRey Seleuco (Domingos Fernandes, primeiro editor della no anno de 1616, lhe chamou Comedia, talvez por lhe achar esse titulo em algum manuscripto) por ser huma breve composiçaõ, feita com o fim de instruir, e ao mesmo tempo recrear, a que por aquelles tempos intitulavaõ Auto. Naõ lhe tirando pois, o titulo com que já corre, só advertirei, que naõ he o de *Au-*

to

to de taõ pouco momento, como alguns por ventura se persuadiráõ; por quanto, deixada a nobre derivaçaõ que tem de *Acta, orum*, pois que *Auto* nenhuma outra cousa quer dizer, senaõ Feitos, Acções, &c. foraõ muitos os Varões doutos, e benemeritos da Rep. das letras, os que se occupáraõ em os escrever, humas vezes em Verso, e no estilo Comico, para Censura de vicios, e reprovaçaõ de máos costumes, outras em prosa para a instrucçaõ dos que a elles se applicassem. Entre os primeiros, que os escrevéraõ em Verso, deve sem dúvida ter o primeiro lugar o Infante D. Luis no seu Auto intitulado D. Duardos; Obra, conforme o parecer dos intelligentes, cheia dos mais finos pensamentos, apuradas Politicas, e maravilhosos affectos. Foi este Clarissimo Principe dotado de todas aquellas partes, e qualidades, que devem constituir hum Varaõ Excellentissimo, quaes saõ: agradavel presença, letras, valor, entendimento, grandesa de animo, affabilidade, e magnificencia. Foi filho do senhor Rei D. Manoel, de feliz memoria, e de sua segunda Mulher a Rainha D. Maria, filha dos Reis Catholicos D. Fernando, e D. Isabel: nasceo no

an-

anno de 1506, e, depois de nos deixar nas suas acções memorias dignas do seu nome, morreo no de 1555 (*). Tambem neste genero merece destincta memoria Gil Vicente, cujo pai (tambem do mesmo nome, e célebre pelas mesmas composições) vendo que era excedido pelo filho no engenho, como mostrou no Auto de *D. Luis de los Turcos* (**), e outras Obras; e que com mais razaõ poderia merecer, e lhe veriaõ a dar a an-

(*) No Testamento com que falleceo, que vem no segundo tomo das Provas da Historia Genealogica da Casa Real a pag. 513, se póde ler a piedade deste Principe. Veja-se tambem a este mesmo proposito o tomo III. da mesma Histor. Genealog. pag. 357, e seg. a Faria e Sousa no tomo 2º da Europ. Portug. m. pag. 519: a Damiaõ de Goes na Chronica delRei D. Manoel, liv. 1º. cap. 101, fol. 103: e sobre tudo a Vida que, deste mesmo Principe, escreveo o Excellentissimo Conde do Vimioso, D. Joseph Miguel Joaõ de Portugal, que foi impressa em Lisboa no anno de 1735.

(**) Naõ faltou quem entendesse, que este Auto de *D. Luis de los Turcos* fora Obra do mesmo Infante D. Luis, e naõ de Gil Vicente o Moço; e que elle o compuzera para nelle referir alguns dos successos, que lhe haviaõ acontecído na memoravel guerra de Africa, onde se achou, e onde o levára naõ só o seu natural valor, mas o gosto de acompanhar a seu Cunhado o Emperador Carlos V. Seja

antonomasia de Plauto Portuguez, tanto se indignou, (a que desatinos naõ conduz os homens a inveja!) que o fez desterrar para a India, onde, morrendo com summo valor em hum combate, deo bem a conhecer quanto naõ tinha menos maõ para a penna, que para a espada. Muitos outros se deraõ a este genero de composiçaõ, e escrevéraõ Autos em Verso, e no estilo Comico; assim como Antonio Pires Gonge, natural de San-

---

como for; o tal Auto, conforme li em huma Memoria, principiava desta sorte:

Viver em mingoa, temendo
De morrer, he viver falto:
Morrer eu por bem taõ alto,
Fico taõ vivo morrendo,
Quanto no querer me exalto.
Arriscome n'hum proposito,
Que me sobe a tanto bem,
Que arriscar-me me convem:
Ponha-se a vida em deposito:
Perca-se pois causa tem, &c.

Tambem he sua huma Copla que corre impressa, e que era principio de outra Obra, a qual diz assim:

Muito vence o que se vence:
Muito diz quem naõ diz tudo:
Porque a hum discreto pertence
A tempos fazer-se mudo.

Santarem, e Antonio Prestes, filho tambem da mesma Villa. De muitos delles, como tambem de algumas Comedias, fez Antonio Lopes, Moço da Capella Real huma Collecçaõ, que foi impressa em Lisboa por André Lobato, no anno de 1587, a qual hoje raras vezes se acha. Em tempos mais proximos a nós, e com a mesma delicadeza de engenho escrevêraõ igualmente Autos Francisco Rodrigues Lobo, D. Francisco Manoel de Mello, e outros: coroando (tambem nos nossos tempos) todos os que atéqui se compuzeraõ em prosa, o *Auto da Vida de Adam*, que com o nome de Felis Joseph da Soledade escreveo, e publicou em Lisboa no anno de 1727 o Eruditissimo Joseph da Cunha Brochado, Academico, e Censor da Academia Real da Historia Portugueza.

Mais me dilatára nesta materia, e mais larga memoria fizera em particular de alguns Autos, ponderando ao mesmo tempo o bem merecido applauso, que conseguíraõ os que primeiro abriraõ caminho a este genero de escriptos, dos quaes muito apenas se acha já hoje hum, ou outro Exemplar, ou alguns fragmentos citados em outros livros; porém certamente o naõ soffre a brevida-

de

de de huma Advertencia. Por ora vou a cumprir com as Comedias, menos o Commento, da mesma ſorte que as vi em Faria. Se acaſo para o futuro, como eſpero, ſe me offerecer occaſiaõ mais opportuna, com a meſma boa vontade, e com o meſmo goſto ſervirei mais amplamente aos meus Leitores.

EL-

ELREI SELEUCO,
COMEDIA
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES.

INTERLOCUTORES
DO PROLOGO.

O Mordomo, *ou Dono da Casa.*
Martim Chinchorro.
Ambrosio, Escudeiro.
Lançarote, Moço.

INTERLOCUTORES
DA COMEDIA.

ElRei Seleuco.
A Rainha Estratonica.
O Principe Antiocho.
Leocadio, Pagem do Principe Antiocho.
Frolalta, Criada da Rainha Estratonica.
Hum Porteiro da Cana.
Huma Moça da Camara.
Hum Physico, *ou Medico.*
Sancho, Moço do Physico.
Alexandre da Fonseca, hum dos Musicos.

ELL

ELREI SELEUCO,
COMEDIA.

PROLOGO.

Diz logo o Mordomo, ou Dono da casa.

DIS, Senhores, o Auctor por me honrar nesta festival noite, me quiz representar huma Farça; e diz, que por naõ se encontrar com outras já feitas, buscou hũus novos fundamentos para a quem tiver hum juizo assi arrazoado, satisfazer. E diz, que quem se della naõ contentar, querendo outros novos acontecimentos, que se vá aos soalheiros dos Escudeiros da Castanheira, ou de Alhos Vedros, e Barreiro, ou converse na Rua Nova em casa do Boticario, e naõ lhe faltará que conte. Porém diz o Auctor, que usou nesta obra da maneira de Isopete. Ora quanto á obra senaõ parecer bem a todos, o Au-

Auctor diz, que entende della menos que todos os que lha puderem emendar. Todavia, isto he para praguentos, aos quaes diz, que responde com hum dito de hum Philosopho, que diz: *Vós outros estudastes para praguejar, e eu para desprezar praguentos.* E com tudo quero saber da Farça em que ponto vai. Moço Lançarote?

Moç. Senhor.

Mord. Saõ já chegadas as figuras?

Moç. Chegadas saõ ellas quasi ao fim de sua vida.

Mord. Como assi?

Moç. Porque foi a gente tanta, que naõ ficou capa com friza, nem talaõ de çapato, que naõ sahisse fóra do couce. Ora vieram huns embuçadetes, e quizeram entrar por força: ei-lo arrancámento na mão: deram huma pedrada na cabeça ao Anjo, e rasgáram huma meia calça ao Ermitam; e agora diz o Anjo, que naõ ha de entrar, até lhe naõ darem húa cabeça nova, nem o Ermitam até lhe naõ pôrem huma estopada na calça. Este pantufo se perdeo alli: mande-o v. m. Domingo apregoar nos pulpitos, que naõ quero nada do alheo.

Mord. Se elle fora outra peça de mais valia, tu botáras a consciencia pela porta fóra, para o meteres em tua casa.

Moç. Oh se o elle fora, mais consciencia seria tornálo a seu dono, quem o havia mister para si.

Mord. Ora vem cá: vai daqui a casa de Martim Chinchorro, e dize-lhe, que temos cá Au-

to

to com grande fogueira, que se venha sua mercê para cá, e que traga comsigo o Senhor Romaõ d'Alvarenga, para que sobre o Canto-chão botemos nosso contraponto de zombaria. Ouves, Lançarote? Ir-lhe-has abrir a porta do quintal, porque mudemos o vinte aos que cuidam de entrar por força.

Indo-se o Moço diz:

Chichélo de Judeo; assi como foste pantufo, que te custava ser huma bolsa com hum par de reales, que saõ bôos para Escudeiro hypocrita, que saõ muito, e valem pouco?

Mord. Moço, que estás fazendo que naõ vás?

Moç. Senhor, estou tardando, e porém estou cuidando, que se agora fora aquelle tempo, em que corriam as moedas dos sambarcos, sempre deste tiraria para humas palmilhas. Mas já que assi he, diga-me v. m. que farei deste?

Mord. O' fideputa bargante; esperai, que est'outro vo-lo dirá

Faz que lhe atira com outro pantufo, vai-se o Moço, e diz o Mordomo:

Naõ ha mais máo conselho, que ter hum villaõ destes mimoso, porque logo passam o pé além da mão, e zombam assi da gravidade de seu amo. Mas tornando ao que importa, vossas mercês he necessario, que se cheguem hũus pa-

para os outros; para darem lugar aos outros Senhores que haõ de vir; que de outra maneira, se todo o corro se ha de gastar em palanques, será bom mandar fazer outro alvalade; e mais, que me haõ de fazer mercê, que se haõ de desembuçar; porque eu naõ sei quem me quer bem, nem quem me quer mal: este só desgosto tem hum Auto, que he como officio de Alcaide; ou haveis deixar entrar a todos, ou vos haõ de ter por villaõ ruim.

Entra Martim Chinchorro, fallando com o Escudeiro Ambrosio, e diz:

Mart. Entre v. m.

Ambros. Dias ha, Senhor, que ando de quebras com cortezias, e por isso vou diante. Beijo as mãos a v. m. A verdade he esta, passear em casa juncada, fogueira com castanhas, mesa posta com alcatifa, e cartas; além disto Auto para esgaravatar os dentes, esta he a vida, de que se ha de fazer consciencia.

Mord. Senhor, o descanso dizem lá, que se ha de ter em quanto homem puder, porque os trabalhos sem os chamarem, de seu se vem por seu pé, que seu nome he.

Mart. Ora pois, Senhor, o Auto dizem, que he tal? Porque hum Auto enfadonho traz mais somno comsigo, que huma pregaçaõ comprida.

Mord. Senhor, poo bom mo venderam, e eu o tomei á calla da sua boa fama, e se tal he,

eu

eu acho; que por outra parte naõ ha tal vida, como ouvir hum villaõ, que arranca a falla da garganta, mais sem sabor, que huma perapam, e huma donzella, que vem mais podre de amor, fallando como Apostolo, mais piedosa que huma lamentaçaõ.

Mart. Para estes taes he grande peça rapaz travesso com molho de junco; porque naõ andem mais ao coscorraõ, mais roucos que huma cigarra, trazendo de si enfadamento.

Moç. O' lá Senhores; pedem as figuras alfinetes para toucarem hum Escudeiro. Ora sus ha hi quem dê mais? que ainda vos veja todas a mim às rebatinhas: ora sus venham de mano em mano, ou de mana em mana.

Mord. Moço, falla bem ensinado.

Moç. Senhor, naõ faz ao caso; que os erros por amores tem privilegio de Moedeiro.

Ambros. O' rapaz naõ me entendes? Pergunto-te se tardará muito por entrar.

Moç. Parece-me, Senhor, que antes que amanheça começaraõ.

Ambros. Oh que salgado moço! Zombas de mi? Vem cá. Donde es natural?

Moç. Donde quer que me acho.

Ambros. Pergunto-te onde nascestes.

Moç. Nas mãos das parteiras.

Ambros. Em que terra?

Moç. Toda a terra he huma; e mais eu nasci em casa assobradada, varrida daquella hora, que naõ havia palmo de terra nella.

Mart. Bem varrido de vergonha que me tu pareces. Dize : Cujo filho es ? He para ver com que disparate respondes.

Moç. A fallar verdade, parece-me a mi, que eu sou filho de hum meu rio.

Mart. Vem cá. De teu tio ! E isso como ?

Moç. Como ? Isto, Senhor he adivinhaçaõ, que vossas mercês naõ entendem. Meu pai era Clerigo, e os Clerigos sempre chamam aos filhos sobrinhos, e daqui me ficou a mi ser filho de meu tio.

Mart. Ora te digo que és gracioso. Senhor, donde houvestes este ?

Mord. Aqui me veio ás mãos sem piós, nem nada ; e eu por gracioso o tomei ; e mais tem outra cousa, que huma trova fala taõ bem como vós, ou como eu, ou como o Chiado.

Ambros. Naõ ! quanto disso nós havemos-lhe de ver fazer alguma cousa, em quanto se vestem as figuras. Aindaque, para que he mais Auto, que vermos a este ?

Mord. Vem cá, moço: dize aquella trova, que fizeste á moça Briolanja, por amor de mi.

Moç. Senhor, si direi ; mas aquella trova naõ he senaõ para quem a entender.

Mart. Como ? Taõ escura he ella ?

Moç. Senhor, assi a sei eu escrever, e a fiz na memoria, porque eu naõ sei escrever senaõ com carvaõ, e porém diz assi :

Por amor de vós, Briolanja,
Ando eu morto,

Pe-

Pezar de meu avô torto.

Mart. Oh como he galante! Que descuido taõ graciofo! Mas vem cá: que culpa te tem teu avô nos desfavores que te tua dama dá?

Moç. Pois, Senhor, se eu houve de pezar de alguem, naõ pezarei eu antes dos meus parentes, que dos alheos?

Mord. Pois, ouçam vossas mercês a volta, que he mais chea de gavetas, que trombeta de Sereniffimo de la Valla.

Moç. A volta, Senhores, he mui funda; e parece-me, Senhores, que nem de mergulho a entenderáõ; e por isso mandem assoar os engenhos, e metam mais huma fardinha no entendimento, e póde ser que com esta servilha lhe calçará melhor; e todavia palra assi;

Vossos olhos taõ daninhos,
Me tratáram de feiçaõ,
Que naõ ha em meu coraçaõ,
Em que atem dous réis de cominhos:
Meu bem anda sem focinhos
Por vós morto,
Pezar de meu avô torto.

Mart. Ora bem: que tem de vêr os cominhos com o teu coraçaõ?

Moç. Pois, Senhores, coraçaõ, bofes, baço, e toda a outra mais cabedella, naõ se podem comer senaõ com cominhos; e mais, Senhores, minha dama era tendeira, q este he o verdadeiro entendimento.

Mart. E aquella regra que diz, meu bem anda

sem

sem focinhos, me dá tu a entender, que ella naõ dá nada de si.

Moç. Nunca vossas mercês ouvíram dizer: *Meu bem e meu mal lutáram hum dia, meu bem era tal, que meu mal o vencia?* Pois desta luta foi tamanha a quéda, que meu bem deo entre humas pedras que quebrou os focinhos, e por ficarem taõ esfarrapados, porque lhe naõ podiam botar pedaço, por conselho dos Physicos lhos cortáram por lhe nelles naõ saltarem erpes, e daqui ficou; *Meu bem anda sem focinhos,* como diz o texto.

Ambros. Tu fazes já melhores argumentos, que moços de estudo por dia de S. Nicoláo.

Mart. Senhor, aquillo tudo he bom engenho: este moço he natural para Logico.

Moç. Que, Senhor? Natural para loja? Si, mas naõ taõ fria como vossas mercês.

Mord. Parece-me, Senhor, que entra a primeira figura. Moço, mete-te aqui por baixo desta mesa, e ouçamos este Representador, que vem mais amarlotado dos encontros, que hum capuz roxo de Piloto, que sahe em terra, e o azitaira da arca de cedro.

Mart. Senhor, elle parece que aprende a Cirurgiaõ.

Ambros. Mais parece ourinol capado, que anda de amores com a menina dos olhos verdes.

Mord. Em fim, parece figura de Auto em verdade.

He

Entra o Repreſentador.

HE lei de direito, e luz verdadeira,
Julgar por ſi meſmos aquillo que vem;
Porque eu cuido que zombo de alguem,
E cuido que zombo da meſma maneira:
e ſe a qualquer parece que eſtá mais dobrado, ſem nenhum conhecer ſeu proprio engano, por grande que ſeja. Ora, Senhores, a mim me eſquece o dito todo de ponto em claro, mas naõ ſou de culpar, porque naõ ha mais que tres dias que mo deraõ; mas em breves palavras direi a voſſas mercês a ſumma da obra: ella he toda de rir do cabo até á ponta. Entraráõ logo primeiramente quinze donzellas, que vaõ fugidas de caſa de ſeus pais, e vaõ com cabazes apanhar azeitona; e traz ellas vem logo oito mundanos, metidos em hum covaõ, cantando: *Quem os amores tem em Cintra*; e deſpois de cantarem faraõ hũa dança de eſpadas, que he couſa muito para ver: entra mais ElRei Dom Sancho bailando os machatins, e entra logo Catharina Real com hũus poucos de parvos n'huma joeira, e ſemeá-los-ha pela caſa; de que naſcerá muito mantimento ao riſo, e niſſo fenecerá o Auto, com muſica de chocalho e buſmas, que Cupido vem dar a huma alfeloeira a quem quer bem, e ir-ſe-haõ voſſas mercês cada hum para ſuas pouſadas, ou conſoaráõ cá comnoſco diſſo que ahi houver. Parece-me, que nenhum diz que naõ. Ora pois ficareis *in vanum labo-*

ra-

raverunt, porque atégora zombei de vós, por me forrar do erro da representação, como quem diz, *digo-to, antes que mo digas.*

Ambros. Ora vos digo, Senhores, que se as figuras saõ todas taes, que acertariam em errar os ditos; aindaque me parece que este q naõ fez, senaõ a ser mais galante. Mas se assi he, ella he a melhor invençaõ que eu vi; porque já agora representações, todas he darem por praguentos, e saõ taõ certas, que he melhor errá-las, que acertá-las.

Mord. Parece-me que entram as figuras de siso: vejamos se saõ taõ galantes na prática, como nos vestidos.

Entra ElRei Seleuco, com a Rainha Estratonica.

Rei. SEnhora, desque a ventura
Me quiz dar-vos por mulher,
Me sinto emmeninecer,
Porque em vossa formosura,
Perde a velhice seu ser.
Hum homem velho, cansado,
Naõ tem força, nem vigor,
Para em si sentir amor,
Senaõ he que eu estou mudado
Com ser vosso n'outra côr.
Muito grande dita tem
A mulher que he formosa.

Rainh. Senhor, grande; mas porém

Se a tal he virtuosa,
Quer-lhe a ventura mór bem.

Rei Si, mas porém nunca vemos
A natureza esmerar,
Donde haja que taxar,
Que quando ella faz extremos,
Em tudo quer-se extremar:
Eu fallo como quem sente
Em vós esta calidade,
Pelo que vejo presente;
E se me esta mostra mente,
Mente-me a mesma verdade.
Huma só tristeza tenho,
Que naõ tem a meninice,
Que no mór contentamento
O trabalho da velhice
Me embaraça o sentimento.

Rainh. Senhor, novidades tais
Far-me-haõ crer de verdade.

Rei. Novidades lhe chamais!
Fólgo, Senhora, que achais
Na velhice novidades.

Rainh. Senhor, dias ha que sento
Em o Principe Antiôcho
Certo descontentamento!
Dera alguma cousa a trôco
Por saber seu sentimento.
Vejo-lhe amarello o rosto,
Ou de triste, ou de doente:
Ou elle anda mal disposto,
Ou lá tem certo desgosto

Que o naõ deixa ser contente.
Mande, Senhor, vossa Alteza
A chamá-lo por alguem;
Saberemos que mal tem,
Se he doença de tristeza,
De que nasce, ou de que vem.

Rei. Certo que eu me maravilho
Do que vos ouço dizer.
Que mal póde nelle haver?
Ide dizer a meu filho,
Que me venha logo ver.

Rainh. Se curar naõ se procura
Huma cousa destas tais,
Vem despois a crescer mais;
Quando naõ se acha já cura,
Toda a cura he por demais.

Entra o Principe Antiocho, com seu Pagem por nome Leocadio.

Princ. Leocadio, se es avisado,
E naõ te falta saber,
Saber-me-has dar a entender,
Quem ama desesperado,
Que fim espera de haver?

Pag. Senhor, naõ.
Mas porém porque razaõ
Lhe avem sabê-lo, ou de que?

Princ. Pergunto-te a conclusaõ,
Naõ me perguntes porque.
Porque he minha pena tal,

E de taõ eſtranho ſer,
Que me hei de deixar morrer;
E por naõ cuidar no mal
O naõ ouſo de dizer.
Que maneira de tormento
Taõ eſtranho, e evidente,
Que nem cuidar ſe conſente,
Porque o meſmo penſamento
Ha medo do mal que ſente!

Pag. Naõ entendo a Voſſa Alteza.

Princ. Aſſi importa á minha dor.

Pag. E porque razaõ, Senhor?

Princ. Para que ſeja a triſteza
Caſtigo do meu temor.
Porque ordena
O amor, que me condena,
Que ſe hajam de ſentir:
E ſem dizer nem ouvir.
Bemaventurada a pena
Que ſe póde deſcobrir.
Oh caſo grande, e medonho!
Oh duro tormento fero!
Verdade he iſto, que eu quero?
Naõ he verdade, mas ſonho,
De que acordar naõ eſpero.
Quero-me chegar a ElRei
Meu pai, que já me eſtá vendo.
Mas onde vou? Naõ m'entendo.
Com que olhos olharei
Hum pai, a quem tanto offendo?
Que novo modo de antolhos!

Por-

Porque neste atrevimento
Devêra meu sentimento
Para elle naõ ter olhos
Nem para ella pensamento.

Chega aonde está ElRei, e diz ElRei:

Rei. Filho, como andais assi,
Que tanto desgôsto tómo
De vos ver como vos vi?
Princ. Naõ sei eu tanto de mi,
Que possa saber o como.
Dias ha já, Senhor, que ando
Mal disposto, sem saber
Este mal que possa ser,
Que se nelle estou cuidando,
Quasi me vejo morrer.
Rei. Pois, filho, será razaõ
Que meus Physicos vos vejam.
Princ. Os Physicos, Senhor, naõ,
Que os males que em mi estaõ,
Saõ curas que me sobejam.
Rainh. Deite-se, que na verdade
Hum corpo deitado, e manso,
Descansa á sua vontade.
Princ. Senhora, esta enfermidade
Naõ se cura com descanso.
Rainh. Todavia, bom será
Que lhe façam huma cama.
Princ. Hum cokim abastará,
Que assi naõ descansará

O

O repouso de quem ama.
Rei. Vamos, filho, para dentro,
Em quanto a cama se faz:
Repousai como capaz,
Que a mi me dá cá no centro
A pena que assi vos traz.

Vaõ-se, e vem huma Moça a fazer a cama, e diz.

Moça. Mimos de grandes Senhores,
E suas extremidades,
Me haõ de matar de amores,
Porque de meros dulçores
Adoecem.
Entaõ logo lhes parecem
Aos outros, que saõ mamados;
E os que saõ mais privados,
Sobre elles estremecem.
Certo, e assi Deos me ajude,
Que saõ muito graciosos,
Porque de meros viçosos,
Naõ podem com a saude.
Mas deixallos,
Porque elles daraõ nos vallos,
Donde mais naõ se ergueráõ,
Inda que lhe dem a maõ
Os seus privados vassallos.

Entra hum Porteiro da Camara, e bate primeiro, e diz.

Port. Traz, traz, traz.
Moça. Jesu! Quem está ahi?
Port. Já vós, mana, ereis mamada,
Para vos levar furtada.
Nunca tal ensejo vi.
E vós estais descuidada!
Moça. E meus descuidos que fazem?
Port. Vossos descuidos, cadella?
Ah minh'alma! Sois taõ bella,
Que esses descuidos me trazem
Dous mil cuidados á vella.
Pois sou vosso ha tantos annos,
Mana, tirai os antolhos;
E vereis meus tristes dannos.
Moça. Naõ tenhais esses enganos.
Port. Nem vós tenhais esses olhos;
Que de vossos olhos vem
Esta minha pena fera.
Moça. De meus olhos? Assim era.
Port. Moça, que taes olhos tem
Nenhũus olhos ver devêra.
Moça. E porque?
Port. Porque cegais
A quantos olhos olhais;
Postoque por vós padecem.
Olhos, que tambem parecem,
Porque naõ os castigais?
Moça. Deos dê isso, pois de vós

Ti-

Tirou o que aos outros deu.
Port. Desatai-me lá esses nós.
Que mais siso queró eu,
Que naõ ter siso por vós?
Moça. Fallais d'arte: eu vos prometo
Que a resposta vem á vella.
Isso he olho de panella.
Quanto ha já que sois discreto?
Port. Quanto ha já que vós sois bella.
Moça. Dais-me logo a entender
Que eu sou fea a meu ver.
Port. E isso porque o entendeis?
Moça. Porque? Porque me dizeis,
Que só de meu parecer
Vos procede o que sabeis.
Port. He verdade.
Moça. Pois bem sento,
Que o vosso saber he vento.
Fica a cousa declarada,
Meu parecer naõ ser nada.
Port. Olhai aquelle argumento,
Além de bella, avisada.
Oh! Nem tanto, nem tam pouco.
Vede vós o que fallais.
Moça. Cego no saber andais.
Port. No siso mas naõ taõ louco
Como vós, mana, cuidais?
Ora dizei, duna má,
Que naõ amais, quem vos ama?
Moça. Ouvistes vós cantar já,
Velho malo, em minha cama?

Já me entendereis.

Port. Ha, ha.

Senhora, eſtais enganada,
Que com huma capa, e eſpada,
E com eſte capuz fóra.

Moça. Ora bem, tirai-o ora,
E fazei huma levada.

Port. Naõ: ſe me eu hoje alvoróço
Achar-me-heis d'outra feiçaõ.

Aqui tira o capuz, e diz.

Port. Tenho má diſpoſiçaõ?
Eſtas obras ſaõ de moço,
Se as moſtras de velho ſaõ.

Moça. Tendes mui gentís meneos.

Port. Naõ, Senhora, faço extremos.

Moça. Paſſeai ora, veremos
Se tendes taõ bóos paſſeos.

Port. Tudo, Senhora, faremos.

Moça. Virai ora a eſſoutra maõ.

Port. Eſta diſpoſiçaõ vede-a,
Que tenho gentil feiçaõ.

Moça. Tendes vós mui boa rédea.
Soffreis ancas?

Port. Iſſo naõ.

Moça. Por certo que tendes graça
Em tudo quanto fizerdes.
Fazei mais o que ſouberdes.

Port. Naõ ſei couſa que naõ faça,
Senhora, por me quererdes.

Moça.

Moça. Tendes vós muito bom ar.
Port. Mais que isto faz quem quer bem.
Moça. Ivos asinha, que vem
O Principe a se deitar.
Port. Nunca huma pessoa tem
Hum'hora para fallar.

Entra o Principe com o seu Pagem Leocadio, e diz.

Princ. Seja a morte apercebida,
Porque já o amor ordena
A dar a meu mal sahida,
Porque o fim da minha vida
O seja da minha pena.
Naõ tarde para tomar
Vingança de meu querer,
Pois naõ se póde dizer,
Que naõ tem já que esperar,
Nem com que satisfazer.
Os Physicos vem, e vaõ,
Sem saberem minhas mágoas,
Nem o pulso me acharáõ,
E se o querem ver nas aguas,
As dos olhos lho diraõ.
Se com sangrias tambem
Procuram ver-me curado,
O temor de meu cuidado
O mais do sangue me tem
Nas vèas todo coalhado.
Quero-me aqui encostar,

Que já o efprito me cai.
Leocadio, vai-me chamar
Os Muficos de meu Pai,
Folgarei de ouvir cantar.

Aqui fe deita, como que repoufa, e falla dizendo affi.

Princ. Senhora, qual defatino
Me trouxe a tanta triftura?
Foi, Senhora, por ventura,
A força do meu deftino,
Como voffa formofura?
Bem conheço que naõ poffo
Ter taõ alto penfamento;
Mas difto fó me contento,
Que fe paga com fer voffo
O mór mal de meu tormento.

Entram os Muficos, e diz Alexandre da Fonfeca hum delles.

Alex. Senhor, de que fe acha mal
O Principe, ou que mal fente?
Pag. Senhor, fei que eftá doente,
Mas fua doença he tal,
Que entender fe naõ confente.
Os Phyficos vem, e vaõ,
Hũus e outros a meude
Sem o poderem dar faõ:
Quanto mais cura lhe daõ

En-

Entaõ tem menos faude.
O Pai anda em sacrificios
Aos deoses, que lhe dem
A saude que convém;
Dizendo, que por seus vicios,
O mal a seu filho vem.
Eu suspeito que isto saõ
Alguns novos amorinhos,
Que terá no coraçaõ.
Alex. Amores! Com quem seraõ,
Que lhe naõ dem de focinhos?
Port. Senhores, que lhe parece
Da doença de Antiôcho?
Alex. Diga-lha quem lha conhece.
Pag. Que toma morrer a trôco
De calar o que padece.
Port. Isso he estar emperrado
Na doença, que he peor.
Tem-no os Physicos curado?
Alex. Oh! Que dd mal del amor,
No ha, Señor, sanador.
Port. Fallais como exprimentado,
Que eu cuido que esta fadiga,
Que o faz com que desespere,
Y por mas tormiento quiere,
Que se sienta, y no se diga.
Alex. Pois, Senhor meu, isso asselle,
Porque a pena, que sabeis,
Que eu cuido que está nelle,
Dar-lhe-ha penas cruéis,
Pues no ay quien la consuele.

Port. Fólgo, porque me entendeis.
Pag. Hemo-nos, Senhores, de ir,
Porque nos está esperando.
Port. Pois eu tambem hei de ir,
Que naõ mo posso expedir
Donde vejo estar cantando.
Princ. Cantai por amor de mi
Alguma cantiga triste,
Que todo meu mal consiste
Na tristeza, em que me vi.
Port. Mande-lhe cantar hum chiste.
Alex. Chiste naõ; que he deshonesto,
E naõ tem esses extremos.
Outro canto mais modesto:
Porém naõ sei que diremos.
Pag. Gaõleaõ o dirá presto.
Port. Dá licença V. Alteza,
Que diga minha tençaõ?
Princ. Dizei: seja em Canto-chaõ.
Port. Pois crede que he subtileza,
Que os Anjos a comeráõ.
Digaõ esta:
Enforquei minha esperança,
E o amor foi taõ madraço,
Que lhe cortou o baraço.
Alex. Naõ me parece esta boa.
Port. Haja eu perdaõ,
Porque naõ a entenderáõ.
Entender! Bofé que he boa.
Naõ lhe cahis na feiçaõ?
Alex. Dizei ora outra melhor.

Com-

Com que nos atarraqueis

Port. Ora efperai, e ouvireis.
Se a efta naõ dais louvor,
Quero que me degolleis.

CANTIGA.

Com voffos olhos, Gonçalves,
Senhora, captivo tendes
Efte meu coraçaõ Mendes.

Alex. Effa parece mui taibo,
Porque moftra bom indicio.
Port. Vós cuidareis que eu que raivo.
Alex. Todavia tem máo faibo.
Ora mal lhe corte o officio.
Princ. Tá, naõ vá mais por diante
A zombaria, que he má:
Cantai qualquer dellas já,
Que effe Porteiro he galante,
Ninguem o contentará.

Aqui cantam, e em acabando diz o Pagem.

Pag. Parece que adormeceo,
Port. Pois ferá bom que nos vamos.
Alex. Senhor, quer que nos vejamos?
Port. Senhor vir-me-ha do Ceo.
Releva-me que o façamos.

En-

Entra a Rainha com huma sua Criada por nome Frolalta, e diz a Rainha.

Rainh. Frolalta, como ficava
Antiôcho em te tu vindo?
Frol. Ficava-se despedindo
Da vida que entaõ levava,
E assi seus dias cumprindo.
Rainh. Oh grave caso de amor!
Desesperada affeiçaõ!
Oh amor sem redempçaõ,
Que alli te fazes maior
Onde tées menos razaõ!
No mais alto, e fundo pégo
Alli tées maior porfia.
Razaõ de ti naõ se fia;
Quem a ti te chamou cego,
Mui bem soube o que dizia.
Por ventura hia chorando?
Frol. Chorando hia, e chamando
Ao amor, amor cruel;
E em, Senhora, se deitando
Lhe cahio este papel.
Rainh. Que papel?
Frol. Este, Senhora.
Rainh. Amostra, que quero lê-lo.
Agora acabo de crê-lo,
Que ao que mostra por fóra
Aqui lhe lançou o sello.

Aqui

Aqui lê o papel, e diz.

Rainh Oh eſtranha pena fera!
Deſditoſa vida chara!
Oh quem nunca cá viera,
E com ſeu Pai naõ caſara,
Ou em caſando morrêra!
Frol. Aindaque eu peſa ſaõ,
Senhora, tudo bem vejo.
Attente, que na eleiçaõ
O que lhe pede o deſejo
Naõ conſente o coraçaõ.
Rainh. Frolalta, pois que es diſcreta
Nada te poſſo encobrir;
Porque ſe queres ſentir,
A huma mulher diſcreta
Tudo ſe ha de deſcobrir.
O dia que entrei aqui,
Que a Seleuco recebi,
Logo neſſe meſmo dia
No Principe filho vi
Os olhos com que me via.
Eſte principio ſoffri-lho,
Para ver ſe ſe mudava;
Antes mais ſe accreſcentava:
Eu amava-o como filho,
E elle d'outra arte me amava.
Agora vejo-o no fim,
Por ſe me naõ declarar:
Pois que já a iſſo vim,
A morte que o levar,

Me leve tambem amim.
Porque já que minha ſorte
Foi taõ crúa, e deſabrida;
Que me naõ quer dar ſahida;
Sejamos juntos na morte,
Pois o naõ ſomos na vida.
Oh quem me mandou caſar
Para ver tal crueldade!
Ninguem venda a liberdade,
Pois naõ póde reſgatar
Onde naõ tem a vontade.
Que naõ ha mór deſvario,
Que o forçado caſamento
Por alcançar alto aſſento;
Que, em fim, todo o ſenhorio
Eſtá no contentamento.
Naõ ſei ſe o vá ver agora,
Se ſerá tempo conforme,
Ou ſe imos a deshora.
Frol. Deſpois iremos, Senhora;
Que agora dizem que dorme.

Entra o Phyſico a tomar-lhe o pulſo, e tomando-o diz.

Phyſ. Su madraſta oyó nombrar,
Y el pulſo ſe le alterò:
Eſto no entiendo yo,
Porque para le alterar
El coraçon le obligó.
Pues el coraçon ſe altere,

Y porque en un momento
Algun nuevo vencimiento
De afficion terrible le hiere,
Que causa tal movimiento.
Pues que afficion cabe assi,
Con madrasta? Digo yo,
Dos razones ay aqui:
La una dize, que si,
La otra dize, que no.
Empero yo determino
De exprimentar la verdad,
Y hazer una habilidad,
Que declare es agua, ò vino,
Esta su enfermedad.
Porque toda esta mañana
Tengo estudiado su mal,
Sin ver causa effetual
De su dolencia inhumana,
Ni otra de su metal.
Llamar quiero este asnejon;
Mas aun deve de dormir
Segun que es dormilon.
Sancho?

Sanch. A Señor, à Señor.

Phys. Ea, aun estás durmiendo?

Sanch. Estoyme, Señor, vestiendo.

Phys. Pues vellaco, y sin sabor,
No me respondes dormiendo?
Vestios presto, ladron.
Oh que moço, y que ventura!

Sanch. Mas que amo y cataron.

Em-

Embieme el ropon,
Que no allo mi vestidura.
Phys. Que embie el ropon acá?
Parece, que os desmandais.
Sanch. Que vaya, Señor, ha, ha.
Que buenos dias ayais.

Entra o moço embrulhado em huma manta, e diz o Physico.

Phys. Di como vienes assi
Con la manta, y para que?
Sanch. Yo, Señor, se lo dirè:
Por venir presto vesti
Lo que mas presto me allè:
Porque viendo que el me llama,
Dormiendo yo sin afan,
Saltè presto de la cama;
Que parezco un gavilan,
Hermoso como una dama.
Phys. Mas es tu bovedad tanta,
Que vienes desta ficion.
Sanch. De mi vestido se espanta?
De noche sirve de manta,
Y de dia de ropon.
Phys. Embiôme ElRey a llamar.
Otra vez.
Sanch. Y a mi?
Phys. Y a ti!
Sanch. Y el que presta altà sin mi?
Phys. Que puedes tu aprovechar?

Sanch.

Sanch. Yo ſe lo dirè de aqui.
Si por la ventura quiere
Para que le dê conſejo
Quando doliente eſtuviere;
Digo, coma, ſi pudiere,
Y beba buen vino anejo,
Porque eſte es el licor
Que dá fuerça, y es ſabroſo;
Que ſegun dizen, Señor,
Vinum lætificat cor
Hominis, y le es provechoſo.
Phyſ. Ya ſabes la medicina,
Que Avicena nos refiere.
Sanch. Pues, Señor, porque es divina.
Però ElRey que le quiere,
Que manda, ò que determina?
Phyſ. El Principe eſtá doliente.
Sanch. O' meſquino! Y que mal ha?
Phyſ. Y a ti, necio, que te và?
Sanch. O' Señor, que es mi paridme.
Phyſ. Gracioſo el bovo eſtà.
Y pues dime por tu fé:
Llorarás ſi ſe muriere?
Sanch. No llorarè;
Emperò, Señor, harè
La peor cara que pudiere.
Phyſ. Ea bovo, vè corriendo,
Y enſilla la mula ayna.
Sanch. Vengala enſillar mejor.
Phyſ. O' velhaco, y ſin ſabor.
Sanch. Yo por cierto no lo entiendo.

Pe-

Pero una medecina
Le he de pedir, Dios queriendo,
Porque ando atribulado,
Y no sè parte de mi
Con este nuevo cuidado,
Para un sayo esfarrapado,
Que me dizen ay alli.

Phys. Ora ensilla, y nunqua biva,
Pues sufro tus desatinos.

Sanch. Señor, passion no reciva,
Ya cavalga Calaiinos
A là sombra de una oliva.

Aqui sahe bolindo com a almofaça, e acorda o Principe, e diz.

Princ. Oh bella vista, e humana,
Por quem tanto mal sostenho!
Oh Princeza soberana,
Como nos braços vos tenho,
Ou este sonho me engana!
Pois como, sonho; tambem
Me queres vir magoar,
E para me atormentar
Mostras-me a sombra do bem
Para assi mais me enganar?
Assi que, com quanto canso
Já naõ posso achar atalho,
Pois que o somno quieto, e manso,
Que os outros tem por descanso
Me vem a mi por trabalho.

Pois

Pois ha hi tantos enganos
Que condemnam minha sorte;
Naõ o tenho já por sorte,
Se á volta de tantos danos,
Viesse tambem a morte.

Aqui entra ElRei com o Physico, e diz ElRei.

Rei. Andai, e vede se achais,
O rasto deste segredo,
Que me dizem que alcançais;
Ainda que tenho medo
Que lhe seja por demais.
Phys. Plega a Dios que aqueste sea,
Para salud y remedio
Desta dolencia tan fea.
Yo buscarè todo el medio,
Que presto sano se vea.

Aqui lhe toma o Physico o pulso, e diz.

Phys. Afloxen, Señor, sus ais.
Como se alla en su penar?
Princ. Como me acho perguntais?
E como se póde achar
Quem sempre se perde mais?
Phys. La respuesta abre el camino.
Imagina de contino?
Princ. Naõ tenho outro mantimento,
Nem outro contentamento,
Senaõ o em que mi imagino.

Aqui

Vuestra Alteza, que haria
Si agora fuesse yo?
Rei. A mulher que eu tivesse
Dar-lha-hia. Oxalá
Que elle a Rainha quizesse!
Phys. Pues della si le parece,
Que por ella muerto está.
Rei. Que me dizeis?
Phys. La verdad.
Rei. Sem dúvida, tal sentistes?
Phys. Sin duda, sin falsedad.
Pues, Señor, aora tomad
Los consejos que me distes.
Rei. Certamente, que eu o via
Em tudo quanto fallava.
Como o vistes? Porque via?
Phys. Nel pulso, que se alterava
Si la via, ò si la oia.
Rei. Que maneira ha de haver?
Que eu certo me maravilho.
Possa mais o amor do filho
Do que póde o da mulher.
Finalmente hei-lha de dar,
Que a ambos conheço o centro.
Quero-o ir levantar,
E iremos para dentro
Neste caso praticar.

Diz contra o Principe.

Levantai-vos, filho, d'hi

O melhor que vós puderdes,
E vinde-vos para aqui,
Porque, em fim, o que quizerdes
Tudo havereis de mi.

Pag. Ha Senhores, oulá, ou?

Port. Viestes em conjunçaõ
A melhor que póde ser:
Haveis aqui de fazer
A tosquia a hum rifaõ.

Pag. Deixai-me, Senhor, dizer:
Haveis isto de acabar;
Coraçaõ hi bugiar,
No esteis preso en cadenas,
Que pois o amor vos deo penas,
Que vos lanceis a voar.

Port. Por certo que bem comprou.

Pag. Ora sabeis o que vai,
Antiocho, que casou
Com a mulher de seu Pai,
E o mesmo Pai o ordenou.

Port. Isso como?

Pag. Naõ o sei;
Porque dizem que a amava,
E que só por ella andava
Para morrer, e ElRei
Deo-a a quem a desejava.

Port. Se o casa por querer bem
Com a moça, a quem elle ama,
Direi eu que a mim me inflama
O amor mais que a ninguem.

Pag. Pois pedi-lhe a nossa dama.

Port. Por Saõ Gil ,, que ei-los cá vem ,
Elle pela mão com ella.

Entra ElRei , e Antiocho com a Rainha pela mão , e diz ElRei.

Rei. Que ha mais que esperar ?
Olhai que estranheza vai :
O muito amor ordenar ,
Ir-se o filho namorar
De huma mulher de seu Pai.
Querer bem foi sua dor ,
Negar-lha será crueldade ;
Assi que , já foi bondade
Usar eu de tal amor ,
E de tal humanidade.
Ella deixou de reinar
Como fazia primeiro
Por se com elle casar ,
E por amor verdadeiro
Tudo se póde deixar.
Em que nella tinha posto
Todo o bem de meu cuidado ,
Deixei mais que ella ha deixado ,
Que mais se deixa no gosto ,
Que no poderoso estado.
Mas já que tudo isto vemos ,
Hajam festas de prazer ,
As que melhor possam ser ,
Porque em taõ grandes extremos ,
Extremos se haõ de fazer.

Ha-

Hajam cantos para ouvir,
Jogos, prazeres ſem fundo,
Porque ſe quereis ſentir
Deſte modo entrou o mundo,
E aſſi ha de ſahir.

Aqui vem os Muſicos, e cantam, e depois de cantarem, ſahem-ſe todas as figuras, e diz Martim Chincborro.

Ora, Senhor, tomemos tambem noſſo pandeiro, e vamos feſtejar os noivos, ou vamos conſoar com as figuras, porque me parece que eſta he a mór feſta que póde ſer. Mas eſpere v. m., ouviremos cantar, e na volta das figuras nos acolheremos. Moço, accende eſſe mólho de cavacos, porque faz eſcuro, naõ vamos dar comnoſco em algum atoleiro, onde nos fique o ruço, e as canaſtras.

Eſtacio da Fonſeca.

Naõ, Senhor, mas o meu Pilarte irá com elles com hum par de tiçóes na mão, e perdoem o máo gaſalhado, mas daqui em diante ſirvam-ſe deſta pouſada, e naõ tenham iſto por palavras, porque eſſas, e plumas, o vento as leva.

OS AMPHITRIÕES,

COMEDIA

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES.

IN-

INTERLOCUTORES
DA COMEDIA.

Amphitriaõ.
Alcmena, ſua mulher.
Calliſto.
Feliſeo.
Soſea, moço de Amphitriaõ.
Bromia, ſua criada.
Belferraõ, Patraõ.
Aurelio, Primo de Alcmena.
Hum moço de Aurelio.
Jupiter.
Mercurio.

OS

OS AMPHITRIÕES, COMEDIA.

ACTO PRIMEIRO

SCENA I.

Entra Alcmena, saudosa do marido, que he na guerra, e diz.

Alcm. HA Senhor Amphitriaõ,
Onde está todo meu bem,
Pois meus olhos vos naõ vem.
Fallarei co' o coraçaõ,
Que dentro n'alma vos tem.
Ausentes duas vontades,
Qual corre mores perigos,
Qual soffre mais crueldades,
Se vós entre os inimigos,
Se eu entre as saudades?
Que a ventura, que vos traz

Taõ longe de vossa terra,
Tantos desconcertos faz,
Que se vos levou á guerra,
Naõ me quiz leixar em paz.
Bromia, quem com vida ter,
Da vida já desespera,
Que lhe poderás dizer?

Brom. Que nunca se vio prazer,
Senaõ quando naõ se espera.
E por tanto naõ devia
De ter triste a phantasia;
Porque vossa mercê crea,
Que o prazer sempre saltea
Quem delle mais desconfia.
Eu tenho no coraçaõ,
Do Senhor Amphitriaõ
Venha hoje alguma nova:
Naõ receba alteraçaõ,
Que a verdadeira affeiçaõ
Na longa ausencia se prova.

Alcm. Dizei logo a Feliseo,
Que chegue muito apressado
Ao caes, e busque meo
De saber se algum recado
Do porto Persico veo:
E mais lhe haveis de dizer,
Isto vos dou por officio,
D'alguma nova saber,
Em quanto eu vou fazer
Aos Deoses o sacrificio. *Vai-se Alcm.*

SCE-

SCENA II.

Bromia.

SAudades de minha ama,
Chorinhos, e devações,
Sacrificios, e orações,
Me haõ de lançar n'hũa cama,
Certamente.
Nós mulheres de ſemente
Somos ſedenho mui toſco:
Com qualquer vento que vente,
Queremos forçadamente
Que os Deoſes vivam comnoſco.
Quero Feliſeo chamar,
E dizer-lhe aonde ha de ir;
Mas elle como me vir,
Logo ha de querer rinchar,
De traveſſo.
Eu que de zombar naõ ceſſo,
Por ficar com elle em ſalvo,
Lanço-lhe hum, e outro remeſſo,
Aos ſeus furto-lhe o alvo,
E entaõ elle fica aveſſo.
Porque o melhor deſtas danças,
Com hũus vendiſos aſſi,
He trazê-los por aqui
O cheiro das eſperanças
Por viver.
Ha-os homem de trazer
Nos amores aſſi mornos,

Só

Só para ter que fazer,
E despois ao remetter
Lançar-lhe a capa nos cornos.
Felisco, se estais á maõ,
Chegai cá, vem como hum gamo:
Bem sci que naõ chamo em vaõ.

SCENA III.

Entra Feliseo.

Felis. CHamais-me? Tambem vos chamo;
Porém eu ouço, e vós naõ:
Senhora, que me matais,
Se vós já nunca me ouvis,
Ou me ouvis, e vos callais,
Dizei porque me chamais
Se me vós a mim fugis?
Brom. Eu vos fujo?
Felis. Fugis digo
De dar a meus males cabo.
Brom. Sabei que desse perigo
Naõ fujo como de imigo,
Fujo como do diabo.
Felis. Dai ao démo essa tençaõ,
Usai antes de cortês,
Cahi vós nesta razaõ.
Brom. Do perigo fogem os pés,
Do diabo o coraçaõ.
Felis. Dizeis-me, que nessa briga
Do meu coraçaõ fugis.

Brom.

Brom. Ainda qu'eu isso diga...
Felis. Ah minha doçe inimiga!
Bem sinto, que me sentis.
Mas para que me chamais?
Brom. Manda-vos minha Senhora
Que chegueis daqui ao cais,
E algũas novas saibais
D'Amphitriaõ nesta hora.
Felis. Quem as naõ sabe de si,
D'outrem como as saberá?
Brom. Naõ as sabeis vós de mi.
Felis. Má trama venha por ti,
Duna feiticeira má.
Porque naõ me olhas direito,
Cadella, que assi me cortas?
Brom. Porque vos quero dar portas,
Que s'eu olhar d'outro geito
Trarei cem mil vidas mortas.
Felis. E pois para que me andais
Enganando ha cem mil annos?
Brom. Dou-vos vida com engannos.
Felis. Nesses enganinhos tais
Acho crueis desengannos.
Brom. Quant'esses vos quero eu dar.
Vós cuidais que estais na sella?
Pois podeis-vos descer della,
Qu'eu nunca vos pude olhar.
Felis. Jogais comigo á panella?
Tendes-me ha tanto captivo,
E desenganais-me agora?
Tudo isto he o que privo.

Assi,

Assi, que he isso, Senhora,
Dochelo morto, dochelo vivo.
Se me vós desenganais
No cabo de tantos annos,
Direi, se licença dais,
Dais-me vida com engannos,
Desenganos já chegais.
Mas se isso havia de ser,
Dizei, má desconhecida,
Desterro de meu viver,
Que vos custava dizer
Amor, vai buscar tua vida?

Brom. Zombais? Fallais-me coprinhas?

Felis. Rir-vos-heis se vem á maõ:
Copras naõ, mas isto saõ
Ansias y passiones minhas
Dos boses, e coraçaõ.

Brom. Is-vos fazendo d'hũus sengos.....

Felis. Perdoneme Dios si peco.

Brom. Nesses dentinhos framengos
Conheço que sois hum peco
De todos quatro avoengos.

Felis. Tudo vos levo em capelo,
Já qu'estais tanto em agraço;
Porém fallando singelo,
A furto desse máo zelo,
Quereis-me dar hum abraço?

Brom. Ora digo que naõ posso
Usar comvosco de fero:
Tomai-o.

Felis. Já o naõ quero,

Por-

Porque esse abraço vosso,
Sabei que he engano mero.
Brom. O' . . . vós sois d'hũus sensabores,
Abraço pedis assim?
S'eu remango d'hum chapim?
Felis. Tudo isso saõ favores.
Zombai, vingai-vos de mim.
Brom. Vós do furioso touro
As garrochas naõ sentís.
Felis. Vedes, com isso só mouro:
Quando cuido que sois ouro,
Acho-vos toda ceitijs.
Brom. Em fim, sanha de villaõ
Vos fez perder hum bom dia.
Felis. Já agora o eu tomaria.
Quereis-mo dar?
Brom. Ora naõ.
Cocei-vos eu todavia?
Felis. Pois, Senhora, a quem vos ama,
Sois taõ desarrazoada?
Quero tomar outra dama,
Que naõ digam os d'Alfama,
Que naõ tenho namorada.
Brom. Leixai-me.
Felis. Vós me leixais.
Brom. Deixai-me.
Felis. Zombais de mi?
Brom. Deixai-me, pois me engeitais.
Eu me ausentarei daqui,
Onde me mais naõ vejais.
Felis. Boa está a zombaria.

Brom.

Brom. Naõ saõ essas minhas manhas.
Felis. Porém is-vos todavia?
Brom. Voyme a las tierras estrañas
Adò ventura me guia. *Vai-se Brom.*

SCENA IV.

Felisco só.

Felis. PHantasias de donzellas,
Naõ ha quem como eu as quebre,
Porque certo cuidam ellas,
Que com palavrinhas bellas
Nos vendem gato por lebre.
Esta tem lá para si
Qu'eu sou por ella finado;
E crê que zomba de mi;
E eu digo-lhe que si,
Sou por ella esperdiçado.
Preza-se de humas seguras,
E eu naõ quero mais Frandes,
Dou-lhe trela ás travessuras,
Porque destas cossaduras
Se fazem as chagas grandes.
Qu'estas, que andam sempre á vella,
Estas vos digo eu que cosso,
Porque de firmes na sella,
Crem que falsam a costella,
E ficam pelo pescosso.
Que quando estas damas tais
Me cacham entaõ recacho,

Mas

Mas disto agora nó mais,
Quero-me ir daqui ao cais
Ver se algumas novas acho. *Vai-se.*

SCENA V.

Entra Jupiter, e Mercurio, e diz. Jupiter.

Jupit. OH grande, e alto destino,
Oh potencia taõ profana,
Que a sétta d'hum menino
Faça que meu ser divino
Se perca por cousa humana!
Que me aproveitam os Ceos,
Onde minha essencia mora
Com tanto poder, se agora,
A quem me adora por deos,
Sirvo eu como a Senhora?
Oh que estranha affeiçaõ!
Quem em baixa cousa vai pôr
A vontade, e o coraçaõ,
Sabe taõ pouco d'amor,
Quaõ pouco amor de razaõ.
Mas que remedio hei de ter
Contra mulher taõ terribil,
Que se naõ póde vencer?
Merc. Alto Senhor, teu poder
O difficil faz possibil.
Jupit. Tu naõ vês qu'esta mulher
Se préza de virtuosa?

Merc.

Merc. Senhor, tudo póde ser,
Que para quem muito quer,
Sempre a affeiçaõ he manhosa.
Seu marido está ausente
Na guerra longe daqui;
Tu, que es Jupiter potente,
Tomarás sua fórma em ti,
Que o farás mui facilmente.
E eu me transformarei
Na de Sosea, criado seu,
E ao arraial me irei,
Onde logo saberei
Como se a batalha deu.
E assi poderás entrar,
Em lugar de seu marido,
E para que sejas crido,
Poderás tambem contar,
Quanto eu lá tiver sabido.
Jupit. Quem arde em tamanho fogo
Tira-lhe a virtude a côr
De subtil, e sabedor;
E quem fóra está do jogo
Enxerga o lanço melhor.
Mas tu, que dos sabedores
Tanto avante sempre estás,
Se deos es dos mercadores,
Sê-lo-has dos amadores,
Pois tal remedio me dás.
Ponha-se logo em effeito,
Que naõ soffre dilaçaõ,
Quem o fogo tem no peito;

E

E tu vai logo direito
Aonde anda Amphitriaõ. *Vaõ-se.*

SCENA VI.

Entra Feliséo, e Callisto, e diz Feliséo.

Felis. A Dò bueno por aqui,
Taõ longe do acoſtumado?
Calliſt. Mais longe vou eu de mi,
D'ir perto de meu cuidado.
Felis. No andar vos conheci.
Calliſt. E vós onde vos lançais,
Com voſſa contemplaçaõ?
Felis. Eu chego daqui ao cais
A ſaber de Amphitriaõ:
Naõ ſei ſe vou por demais.
Calliſt. Porque, por demais dizeis?
Felis. Porque nada alli ha certo.
Calliſt. Novas lá naõ as buſqueis,
Que aqui as tendes mais perto.
Felis. Pois dai-mas já, ſe as ſabeis.
Calliſt. Hum navio he já chegado
A' barra, que vem de lá,
Traz de Amphitriaõ recado,
Diz, que o deixa embarcado,
Para ſe vir para cá.
Tem vencido aquelle Rei,
E diz, ſegundo lhe ouvi,
Que eſta noite ſerá aqui.
Felis. Eſſas novas levarei

A Alcmena, que torne em si;
Porque ella tem maior guerra,
Co' os temores de perdello,
Que elle co' o Rei desta terra.
Callist. Onde amor lançar o sello,
Nenhuma cousa o desterra.
Porque inda que o pensamento
Vos fique, Senhor, em calma,
Por morte, ou apartamento,
Sempre vos lá ficam n'alma
As pégadas do tormento.
Felis. Isso he hum segredo mero,
A que o amor nos obriga:
Por isso em caso taõ fero,
Senhor, nunca ninguem diga,
Já lho quiz, e naõ lho quero.
Eu quiz bem a huma mulher,
Que vós conhecestes bem;
E com muito lhe querer,
Casou-se.
Callist. Oh! E com quem?
Que ainda o naõ posso crer.
Felis. Com hum Mercador, que veio
Agora do Egypto rico.
Callist. Isso traz agua no bico.
Esse homem he parvo, ou feio?
Felis. Pois vedes? Disso me pico.
E em pago desta traiçaõ,
Afóra outros mil descontos,
Que traz comsigo a affeiçaõ,
Sempre os signaes destes pontos

Tra-

Trarei no meu coração.
Callist. Viste-la mais?
Felis. Senhor vi,
Na janellinha da grade;
Passei, e disse-lhe assi:
Casada sem piedade,
Porque não a haveis de mi?
Callist. Que vos disse?
Felis. Lá no centro
Lhe enxerguei pouca alegria,
E como quem lhe doia,
Metendo-se para dentro
Disse, já passo folia.
Callist. Ah má sem conhecimento!
Quem lhe désse mil chofradas!
Felis. Senhor; como são casadas,
Casam-se co' o esquecimento
Das cousas que são passadas.
Callist. Lembranças de vos deixar
Picar-vos-hão como tojos.
Felis. Senhor, haveis d'assentar,
Que onde amor vos quer matar,
Siempre allà miran los ojos.
Hum motete lhe mandei,
Hum dia estando com febre,
Só da paixão que tomei.
Callist. Pois vejamos, quem tem lebre.
Felis. Senhor eu vo-lo direi.

MOTE.

Vós por outrem, e eu por vós;
Vós contente, eu penado;
Vós casada, eu cansado,
Polos santos de minha dona.

Callist. Senhor, vós só o fizestes?
Felis. Si, que ninguem me ajudou.
Callist. Se vós só o compozestes,
Crede, que extremos dissestes!
Nunca Orlando tal fallou.
Senhor, fizestes-lhe pé?
Felis. Senhor, si, e todo hum anno.
Vós zombais senaõ m'enganno?
Callist. Naõ, mas dou-vos minha fé
Que nunca vi taõ bom panno.
Felis. Ora olhe vossa mercê.

VOLTA.

Olhai em quaõ fundos vaos
Por vossa causa me affógo,
Que outro me ganha no jogo,
E eu triste pago os paos.
Olhos travessos, e maos,
Inda eu veja o meu cuidado
Por esse vosso trocado.

Callist. Naõ mais, qu'isso me degola.
Felis. Senhor, eu haja perdaõ.
Callist. Fizestes esse rifaõ

Em

Em algum jogo de bola,
E foi-lhe elle ter á maõ?
Felis. Digo-vos que o vio, e lho leo
Hum moçozinho d'escola.
Callist. Está isso assi do Ceo.
Sabe ella jogar a bola?
Felis. Naõ.
Callist. Pois naõ vos entendeo.
Ora eu já cheguei a ler
Petrarca, e crede de mi
Que nunca tal cousa vi.
Onde mora o bom saber,
Logo dá signal de si.
Onde casada pozestes,
Dizei, porque naõ dissestes
La que yo vi por mi mal.
Felis. Renunciava o metal,
Que em rifõeszinhos como estes,
Ha-se-de pôr tal com tal.
Que a trova trigo tremez
Ha de ser toda d'hum pano,
Que parece muito Ingrez
N'hum pelote Portuguez,
Todo hum quarto Castelhano.
Ouvi outra tambem minha,
Que fiz a certa tençaõ,
Clara, leve, bonitinha,
De feiçaõ, que esta trovinha,
He trovinha de feiçaõ.
Como n'hum dia me visse
Morto, e a máo na candêa,

E ella me naõ acodisse,
Fiz-lhe esta, porque sentisse
Que dava os fios á têa.
E o proposito he
Andar eu hum dia só,
E para que houvesse dó
De mi, e de minha fé,
Lamentei-lhe como Jó.
Callist. Andastes, Senhor, mui bem.
Felis. Ora, Senhor, attentai,
E vede o saibo que tem,
Se he para a ver alguem.
Callist. Ora dizei.
Felis. Ei-la vai.

TROVA.

Coraçaõ de carne crua,
Vê-lo teu amor aqui,
Que esmorecido por ti
Jaz no meio desta rua?

Callist. Na rua, Senhor, jazia?
E era em tempo de lama?
Felis. Senhor, quem falla a quem ama
De si mesmo se naõ fia.
Haveis de mentir á dama.
Callist. Volta disso?
Felis. Singular,
Senaõ que he muito sentida:
Far-vos-ha, Senhor, chorar...

Callist.

Callist. Oh! Diga, por sua vida,
Felis. Farei o que me mandar.

VOLTA.

Porque naõ has delle mágoa,
O' dura mais que ninguem,
Que anda o triste, que naõ tem
Quem lhe dê huma vez d'agoa.
Naõ lhe negues teu querer,
Pois te naõ custa dinheiro;
Que, em fim, por derradeiro
A terra te ha de comer.

Callist. Tal trova nunca se vio.
Agorentaste-la já?
Felis. Senhor naõ, ainda está
Como a sua mãi pario,
E naõ está muito má.
Callist. He trova, que tem por seis,
Naõ a posso mais gabar;
Mas, pois, tal cousa fazeis,
Senhor, naõ me ensinareis
Donde vem taõ bem trovar?
Felis. Naõ he a cousa taõ pequena
Como, Senhor, a fizestes,
Essa que agora dissestes.
Mas, porém, vou dar a Alcmena,
Estas novas que me destes.
Depois, Senhor, nos veremos;
Ficai roendo esse osso.

Callist.

Callist. O roer, Senhor, he vosso.
Felis. Pois eu, por mais que zombemos
Hei de ser vosso, e revosso.
Callist. O'... Escusai-vos d'extremos,
Que isso, Senhor, me atarraca;
Mas nós nos encontraremos,
E sobre isso envidaremos
Dous reales mais de saca. *Vaõ-se.*

ACTO SEGUNDO

SCENA I.

Entraõ Jupiter e Mercurio transformados, Jupiter na fórma de Amphitriaõ, Mercurio na de Sosea escravo, e diz Jupiter.

Jupit. MErcurio, pois sou mudado
Nesta fórma natural,
Olha, e nota com cuidado,
Se está em mi o pintado
Apparente co' o real.
Merc. Quem taõ proprio se transfórma,
Tenho por opiniaõ,
Que na tal transformaçaõ,
Lhe prestou natura a fórma,
Com que fez Amphitriaõ.
Jupit. Pois tu no gesto, e na côr,

Estás

Eſtás Soſea eſcravo ſeu.
Merc. Muito mais farás, Senhor.
Jupit. Naõ o faz ſenaõ o amor,
Que niſto póde mais qu'eu.
Merc. Já, Senhor, te fiz mençaõ,
Como deo Amphitriaõ
A ElRei Terela a morte,
Que na guerra igual a ſorte
Póde mais que o coraçaõ.
E deſpois de ſer tomada
Toda a Cidade, com gloria
D'Amphitriaõ bem ganhada,
Como em ſignal de victoria,
Eſta copa lhe foi dada.
Por ella bebia ElRei,
Em quanto a vida queria;
E eu porque te cumpria,
A ſeu eſcravo a furtei,
Que n'huma caixa a trazia.
Eſta poderás levar
A Alcmena, por lhe moſtrar
Verdadeiro, o que he fingido;
E deſta arte ſerás crido,
Sem mais outro ardil buſcar.
Jupit. Pois tudo têes ordenado
Por taõ nova, e ſubtil arte,
Como me vires entrado,
Irás dar eſte recado
A Phebo de minha parte.
Que faça mais devagar
Seu curſo neſte Hemiſpherio,

Que

Que o que soe acostumar;
Que esta noite hei de ordenar
Hum caso de alto mysterio.
E á Esphera mais alta
Mandarás que fixa esteja,
Porque a noite maior seja;
Porque sempre o tempo falta,
Onde a alegria he sobeja.
E terás tamanho tento,
Que como isto se ordenar,
Venhas aqui vigiar,
Porque meu contentamento
Ninguem mo possa estorvar.

Merc. Seja feito sem debate
Tudo como te convém.

Jupit. Pois naõ parece ninguem,
Como homem de casa bate,
E muda a falla tambem.

Bate Mercurio á porta.

Merc. O' de la casa, en buena hora,
Darmean de cenar aqui?

Brom. dentr. Sosea parece que ouvi,
Alviçaras, minha Senhora,
Que na falla o conheci.

SCE-

SCENA II.

Entra Alcmena, e Bromia.

Alcmen. ZOmbais, Bromia, por ventura?
Bromia. Senhora, naõ zombo, naõ.
Alcm. Vejo eu Amphitriaõ,
Ou a vista me affigura
O qu'está no coraçaõ?
Jupit. Olhos, diante dos quais
Dezejei mais este dia,
Que nenhuma outra alegria,
Senhora, nunca creais
Que lhe minta a phantasia.
Alcm. Oh presença mais querida
Que quantas formou amor!
Isto he verdade, Senhor?
Acabe-se aqui a vida,
Por naõ ver prazer maior.
Jupit. Pois esta hora de vos ver,
Alcançar, Senhora, pude,
Para mais contente ser,
Conformem co'este prazer
Novas de vossa saude.
Alcm. Vida foi pezada, e crua,
A saude qu'eu sostinha,
Que em quanto, Senhor, a tinha,
Temer perigo na sua,
Me fez descuidar da minha.
Merc. Y pues, mi Señora Alcmena,
Pese al demonio malvado,

No

No dirà a un su criado,
Vengaes Sosea norabuena?
Alcm. Sejais, Sosea, bem chegado.
Brom. Bem mal cri eu, que pudesse
Ver-te, Sosea, hoje aqui.
Merc. Pues tambien yo no crei,
Que en mi vida te viesse,
Segun las muertes que vi.
Alcm. Muito, Senhor, folgarei
Com novas de vencimento.
Jupit. De tudo quanto passei,
Por vos dar contentamento,
Em summa vos contarei.
Trago, Senhora, a victoria
Daquelle Rei taõ temido,
Com fama clara, e notoria,
Porém maior foi a gloria
De me ver de vós vencido.
Sem me terem resistencia,
Os Grandes me obedecêram;
Como ElRei morto tiveram,
Em signal de obediencia
Esta copa me trouxeram.
ElRei por ella bebia;
Ella, e tudo o mais he nosso,
Por onde claro se vià,
Que tudo me obedecia,
Pois tinha nome de vosso.
Merc. Si, mas luego de rondon
La fortuna diò la buelta.
Alcm. Como?

Merc.

Merc. Fue gran perdicion,
Porque en aquella rebuelta,
Me hurtaron mi jubon.
Pero bien me lo pagaron,
Quando comigo riñeron,
Que aunque me despojaron,
Si uno de seda llevaron,
Otro de açotes me dieron.

Alcm. Senhor, naõ posso gostar
De gosto, que he taõ immenso,
Senaõ muito devagar.
Faça-me mercê d'entrar,
E contar-mo-ha por extenso. *Vai-se Jup. e Alc.*

SCENA III.

Mercurio, e Bromia.

Merc. YO tambien te contaria,
Bromia, se quedas atras,
Que una noche . . . enojarteas?

Brom. Que?

Merc. Soñava, que te tenia;
No me atrevo a dezir màs.

Brom. Dize.

Merc. Pardies no diré.
Soñava.

Brom. Bem que sonhavas?

Merc. Que quando en la cama estavas
Que yo enfin recordé.

Brom. Pois tudo isso receavas?

Merc.

Merc. Sabe Dios, que yo acà siento;
Sola una alma vive en dos,
La qual anda dentro en vós.
Brom. E que quer ella cá dentro?
Merc. Tambien esso sabe Dios. *Vai-se Brom.*

SCENA IV.

Mercurio.

BEm se poderá enganar
Bromia, segundo ora estou,
Como Alcmena s'enganou;
Mas cumpre-me ir ordenar
O que meu Pai me mandou.
E porque seja guardada
Esta porta, e vigiada
De toda a gente nascida,
Me será cousa forçada,
Ser taõ depressa a tornada,
Que prestes faço a partida. *Vai-se.*

SCENA V.

Entra Sosea com o recadò de Amphitriaõ.

Sosea. AMphitrion esforçado,
Bravo và por la batalla,
Siete cabeças llevava,
De las mejores que ha hallado.

Falla.

Falla.

Quien viene de tierra agena,
Y de la muerte escapò,
La razòn le permitiò,
Que cante como sirena,
Como agora hago yo.
Y pues canto tan gentil,
Fuera llanto si muriera,
Quiero cantar como quiera,
Una y otra, y màs de mil,
Que digan desta manera:

Canta.

Dongolondron, con dongolondrera,
Por el camino de otera,
Rosas coge en la rosera,
Dongolondron, con dongolondrera.

Falla.

Quando yo vengo a pensar,
Que uno matarme quisiera,
No hago sino temblar,
Porque creo si muriera,
No pudiera màs cantar.
Porque estando a un rincon
De la casa adò quedè,
Senti mui grande ronron,
Y mirando que, mirè,

Vi que era un gran raton.
Empero yo nunca ſigo,
Sino conſejos mui ſanos,
Que en eſtes caſos levianos,
Quien deſprecia el enemigo,
Mil vezes muere a ſus manos.
Pero mi Señor alli
Matò al Rei de los Glipazos;
Yo como muerto le vi,
Juro a mi fé, que le di
Màs de dós mil cuchillazos.
Y por me librar de afan,
Me voy ſiempre a coſa hecha,
Probar mi mano derecha,
Que aquel es buen Capitan,
Que del tiempo ſe aprovecha.
Que quien ha de pelear,
Ha de buſcar tiempo y hora;
Pero quiero caminar,
Que me muero por cantar
Todo aqueſto a mi Señora.

SCENA VI.

Entra Mercurio, e diz:

MIl vezes comigo vejo,
Para que meu Pai ſe affoute;
Pois em taõ pequeno enſejo
Lhe mandei talhar a noute,
A' medida do deſejo.

E

E pois que como possante,
A mi tudo se reporta,
Chego agora neste instante
A estorvar qu'este bargante
Me naõ chegue a esta porta.

Sosea. No sè que miedo, ò locura,
Neste pecho se me cria:
Por Dios que se me afigura,
Que ha mucho qu'es noche escura,
Sin que venga el claro dia.
Mas sabed, que pienso yo,
Qu'el Sol que no se acordò
De con el dia venir,
Que à noche quando cenò
Algun buen vino bebiò,
Que le haze tanto dormir.

Merc. Já sentes comprida a noute,
Que eu assi mandei fazer?
Pois mais te quero dizer,
Que sentirás muito açoute,
Se cá quizeres vir ter.
Porém, pois este bargante *á parte.*
Tem medroso coraçaõ,
Quero-me fingir ladraõ,
Ou phantasma, e por diante
Naõ irá, se vem á maõ.
E com tudo se passar,
A falla quero mudar,
Na sua de tal feiçaõ,
Que couces, e porfiar,
Lhe façam hoje assentar,

Que ſou Soſea, elle naõ.

Falla Caſtelhano.

No veo paſſar ninguno,
En quien yo me pueda hartar?
Soſea. A quien oygo aqui hablar?
Mande Dios no ſea alguno,
Que me quiera aporrear.
Merc. La carne de algun humano
Me ſeria mui ſabroſa.
Soſea. Oh que boz tan temeroſa!
Hombres comes, ó mi hermano?
No es mejor otra coſa?
Carne humana es mui mezquina.
Q' no comas deſſo, no.
Antes carne de gallina.
Pero ſe màs ſe avezina,
Que màs gallina, que yo?
Merc. Una boz de hombre aora
A la oreja me bolò.
Soſea. Pezare quien me parió?
La boz traigo boladora.
Ella quizera ſer yo,
Pues mi boz pudo bolar,
Do la pudieſſes oyr:
Por contigo no reñir,
Me devieras de preſtar
Las alas para huir.
Merc. Que buſcas cabe eſſa puerta,
Hombre? Sè qu'eres ladron.

Soſea.

Sosea. Ay que el alma tengo muerta.
Oh Jupiter me convierta
Las tripas en coraçon.
Merc. Quien eres? Quieres hablar?
Sosea. Soy quien mi voluntad quiere.
Merc. Piensas que puedes burlar?
Sosea. E tu puedesme quitar
Que yo sea quien quisiere?
Merc. Osas hablar tan osado,
Don vellaco bovarron?
Di quien eres?
Sosea. Un criado
Del Señor Amphitrion,
Por nombre Sosea llamado.
Merc. Pienso qu'el seso perdiste.
Como te llamas mal hombre?
Sosea. Sosea soy, sino me oiste.
Merc. Como en persona tan triste,
Osas d'ençuziar mi nombre?
Estos puños llevarás
Pues tener mi nombre quieres.
Quieresme dizir quien eres?
Sosea. O' Señor, no me des màs,
Que yo seré quien tu quisieres.
Merc. Con tan nueva falsedad
Andais por esta Ciudad,
Delante de quien os mira?
Pues si sois Sosea, tomad.
Sosea. Si me dás por la verdad,
Que me harás por la mentira?
Merc. Y que verdad es la tuya?

Que te quiero dar castigo?
Sosea. Sino soy Sosea, que digo,
Que Jupiter me destruya.
Merc. Mirad el falso enemigo:
Tomad este bofeton,
Que yo soy Sosea, y no vòs.
Sosea. Tu Sosea?
Merc. Sosea por Dios,
Escravo d'Amphitrion.
Sosea. De modo que tiene dos?
Merc. No tendrà, aunque tu quieres,
Que a mi solo conoció.
Sosea. Pues luego de quien soy yo?
Merc. Si tu no sabes quien eres,
Quieres que yo lo sepa? No.
Sosea. En fin, has me de hazer crer
Que yo no soy quien ser solia.
Merc. Quien solias tu de ser?
Sosea. Tregoas me as de prometer,
Dirtelohe sin profia.
Merc. Prometo.
Sosea. No me daràs?
Merc. No, sino fuere razon.
Sosea. Pues hermano, tu sabràs
Que mi amo Amphitrion...
Merc. Tu amo? Pues llevarás.
Mi amo es, que tuyo no.
Sosea. Ay que un brazo me quebrò!
Merc. Mas que luego te matasse.
Sosea. Oxalà Dios ordenasse
Que tu aora fuesses yo,

Y yo que te desmembrasse!
Merc. Essa tu rema tan loca,
Puños te la han de quitar.
Dime, di, verguença poca,
Que hablas?
Sosea. Que puedo hablar,
Si me as quebrado la boca?
Merc. Di quien eres, sin fatiga.
Sosea. Soy un hombre, en quien tu dàs.
Merc. Dime, pues, que nombre as.
Sosea. Como quieres tu que diga,
Para que no me dês màs?
Merc. No me as de hablar contrahecho.
Sosea. toda mi vida passada
Sosea fuy, y con despecho
Aora soy; que? No nada,
Que tus manos me han desecho.
Merc. Cuyo eres, pues las sientes?
Dexando consejos vanos:
La verdad, que si me mientes,
Dàs con la lengua en los dientes,
Y yo doyte con las manos.
Sosea. No conoces Amphitrion?
Merc. Hombre sin seso te llamo.
Tan fuera estàs de razon!
Piensas de mi, bovarron,
Que no conozco a mi amo?
Sosea. En su casa conociste
Uno, que es Sosea llamado,
Hombre despreciado y triste?
Merc. Dessa suerte lo dixiste?

Yo ſoy triſte y deſpreciado?
Pues ſabe que te llegó
A la muerte tu fortuna.
Soſea. Pues logo ſi yo no ſoy yo,
Aunque nadie me matò,
Soy luego coſa ninguna.
Oh dioſes, que deſconcierto!
Yo por ventura ſoy muerto?
O' muriome la razon?
Yo no ſoy de Amphitrion?
El no me mandou del puerto?
Yo sè que no eſtoy loco.
De mi madre no naci?
No ando? No hablo aqui?
Merc. Pues ſoſſiega aora un poco,
Que yo tambien diré de mi.
Yo no sè que yo ſoy yo?
Yo no te di con mis manos?
Mi Señor no me llevò
A la guerra, adò matò
Aquel Rey de los Thebanos?
Soſea. Yo eſſo muy bien lo sè.
Empero tu que hazias
Quando la batalla vias?
Merc. Eſcucha, yo lo diré,
Y ceſſaran tus porfias.
Quando mi Señor andava
Peleando, y derramava
La ſangre de algun mezquino,
Con una bota de vino
Yo el mio acreſcentava.

Soſea

Sosea. Dize lo que yo hazia.
Con todo, saber queria
Sola una cosa, si puedo.
Tu pecho entonces sentia?
Merc. Del beber grande alegria,
Y del pelear gran miedo.
Sosea. Y despues?
Merc. Muy reposado
A dormir me echè de grado,
Des del Sol hasta la Luna.
Sosea. Todo lo tiene contado.
En fin, tengo averiguado
Que yo no soy cosa ninguna.
Pues de todo en un instante
Me as echado de mi fuera,
Aconsejame si quiera,
Quien seré daqui adelante,
Pues no soy quien d'antes era.
Merc. Quando yo no ser quisiere
Esse, que tu ser deseas,
Despues, que ya Sosea no fuere,
Dartehè, si te pluguiere,
Licencia, que todo seas.
Y acogete luego amigo
A buscar tu nombre digo,
Pues Dios vida te dexò,
Que el Sosea queda comigo.
Sosea. Pues contigo quedo yo,
Dios quede hermano contigo.
Aora quiero yr allà,
Adò mi Señora està,

Con-

Contarle como es venido
Mi Señor. Mas ò perdido!
Si otro yo tiene allà,
Todo lo terná sabido.
Merc. Ah hombre.....
Sosea. Mi boz sonò.
Merc. Aonde buelves aora?
Sosea. Por Dios no sè onde vò,
Porque si yo no soy yo,
Ni Alcmena es mi Señora.
Merc. Adonde vàs?
Sosea. Con mensaje
Del Señor Amphitrion
Para Alcmena.
Merc. Adò salvaje?
Puès quebraste la omenaje;
Ahi veràs tu perdicion.
Yo doyte consejos sanos,
Y porfias otra vez?
Sosea. Altos dioses soberanos,
Pues me no valen las manos,
Aqui me valgan los pies. *Foge.*
Merc. Desta arte enseñan aqui
A hurtar el nombre ageno. *Vai-se Merc.*

SCENA VII.

Sosea. AY Dios como me acogi!
O' Jupiter alto, y bueno,
Quan cerca la muerte vi!
Quierome yr a mi Señor.

Con-

Contarle quanto he passado,
Y el me dirà de grado,
Si yo soy su servidor,
En que cosa me he tornado. *Vai-se.*

ACTO TERCEIRO

SCENA I.

Entraõ Jupiter, e Alcmena.

Jupit. TOda a pessoa discreta
Terá, Senhora, assentado,
Que hum bem muito desejado
Se ha de alcançar por dieta,
Para ser sempre estimado.
E quem alcançado tem
Tamanho contentamento,
Por conservá-lo convém
Que tome por mantimento
A fome de tanto bem.
E por isso hei de tomar
Este tempo taõ ditoso,
Para a frota visitar;
E depois quando tornar,
Tornarei mais desejoso.
Que pois taõ bom captiveiro
Me tem presa a liberdade,

Eu

Eu lhe prometto em verdade,
Que tome ainda primeiro,
Que mo peça a ſaudade.

Alcm. Aindaque ſe poſſa ir
Mais aſinha do que creo,
Como hei de eu conſentir,
Que ſe haja de partir
Na meſma noite que veo?

Jupit. Forçada he minha tornada,
Mas muito cedo virei,
Porque deſque foi chegada
A eſte porto a Armada,
Ainda a naõ viſitei.

Alcm. Pois, Senhor, taõ pouco eſtais
Com quem viſtes inda agora?
Faça-ſe como mandais.

Jupit. Vós me vereis cá, Senhora;
Primeiro do que cuidais. *Vaõ-ſe.*

SCENA II.

Entraõ Amphitriaõ, e Soſea.

Amph. EM fim, tu, que eſtás aqui,
Eſtavas já la primeiro?

Soſea. Señor, crea qu'es anſi.

Amph. Eu nunca entendi de ti,
Que eras tambem chocarreiro.

Soſea. Señor, yo qu'eſtoy preſente,
No ſoy Soſea ſu criado?

Amph. Creo que naõ certamente,

Por-

Porque Sosea era avisado,
E tu es mui differente.
Sosea. Pues, Señor, si en mi se vè,
Que no soy quien d'antes era
Buelvome.
Amph. E para que?
Sosea. Ver se à dicha me quedè
Durmiendo por la galera.
Amph. Pois me queres fazer crer
Huma doudice taõ raza,
Mais quero de ti saber,
Como naõ entraste em casa,
D'Alcmena minha mulher?
Sosea. Aunque Sosea quisiesse
La verdad no negarà:
Aquel yo que allà està
No quiso que a casa fuesse
Estotro yo, que yva allà.
Y con furia tan crecida
A mi se vino aquel hombre,
Que yo me puse en huyda,
Y ansi le dexè mi nombre,
Por me dexar el la vida.
Amph. Quem seria taõ ousado,
Que tanto mal te fizesse?
Sosea. Yo mismo Sosea llamado,
Que a casa era ya llegado,
Antes que de acà partisse.
Amph. Tu chegaste antes de ti?
Este he gentil desbarate.
Sosea. Pues màs le digo de aqui,

Que

Que vengo huyendo de mi,
Porque yo mismo no me mate.
Amph. Eram dous, ou era hum só,
Quem te fez assi fugir?
Sosea. Pezete quien me parió:
Digo, que era un solo yo:
Mil vezes lo he de dezir?
Puede ser que naceria
Daquel hombre otro alguno,
Como aquel de mi nacia,
Porque aunque fuesse el uno,
Por màs de quatro tenia.
El tenia mi aparencia,
Empero yo nunca vi
Tal fuerça, ni tal potencia:
Esta sola diferencia
Le tengo hallado de mi.
Amph. Pudeste delle saber
Cuja era?
Sosea Quien? Aquel yo?
Tuyo, Señor, dixo ser.
Amph. Nunca eu tive mais que hum só,
E esse naõ quizera ter.
Sosea. Pues, Señor, si el bien doblado
Te le muestra agora Dios,
Deve ser de ti alabado,
Pues de uno solo criado.
Te ha hecho agora dos.
Amph. Antes para que conheças,
Que cousa he máo servidor,
Me pezará se assi for,

Que

Que de taõ ruijs cabeças,
Quantas mais, tanto peor.
E já que saõ taõ incertos
Teus ditos para se crer,
Muito melhor deve ser,
Que deixe teus desconcertos,
E vá ver minha mulher. *Vaõ-se.*

SCENA III.

Entra Almena, e diz:

QUe fado, que nascimento,
De gente humada nascida,
Que d'escasso, e avarento,
Nunca consentio na vida
Perfeito contentamento!
Amphitriaõ, que mostrou
Hum prazer taõ desejado
A quem tanto o desejou,
Na noite, que foi chegado,
Nessa mesma se tornou!
De se tornar taõ asinha
Sinto tanto entristecer
O sentido, e alma minha,
Que certo, que me adivinha
Algum novo desprazer.
Mas parece este, que vem,
Senaõ estou enganada.
Se elle he, venha com bem,
Pois que com sua tornada,
Taõ transtornada me tem.

SCE-

SCENA IV.

Entra Amphitriaõ, e Sosea, e diz Amphitriaõ.

Amph. Com que palavras, Senhora,
Poderei engrandecer
Taõ sublimado prazer,
Como he ver chegada a hora,
Em que vos pudesse ver?
Certo grão contentamento
Tive de meu vencimento,
Mas maior o hei de mim
De me ver posto na fim
De taõ longo apartamento.

Alcm. Já eu disse o que sentia
De vinda taõ desejada.
Mas diga-me todavia,
Como naõ foi ver a Armada,
Que me disse hoje este dia?

Amph. Della venho eu inda agora
Desejoso de vos ver,
Muito mais que de vencer.
Mas que me dizeis, Senhora,
Que hoje me ouvistes dizer?

Alcm. Senaõ estava remota
Certamente, que lhe ouvi,
Quando hoje partio daqui,
Que tornava a ver a frota,
Porque era forçado assi.

Amph. Sosea.

Sosea. Señor, aqui estoy yo.

Amph.

Amph. Tu óuves tal desconcerto?
Sosea. Grandes orejas ganó,
Pues estando en casa oyó,
Quien estava allà nel puerto.
Amph. Quando dizeis, que me ouvistes?
Alcm. Hoje, quando vos partistes.
Amph. Donde?.
Alcm. Daqui de me ver.
Amph. Nunca vi grande prazer,
Que naõ tenha os cabos tristes.
Quantos males d'improviso,
Que causam grandes mudanças!
Que mulher de tanto aviso,
Agora minhas lembranças
A tem fóra de juizo!
Alcm. Quereis-me fazer cuidar,
Que poderia sonhar
O que pelos olhos vi?
Nunca vos eu mereci
Quererdes-me exprimentar.
Amph. Postoque he para pasmar
Ver hum caso taõ estranho,
Todavia hei de attentar,
Se poderei concertar
Hum desconcerto tamanho.
Quando dizeis que vim cá?
Alcm. Esta noite que passou.
Amph. Dai-me alguem, que aqui se achou,
Que me visse.
Alcm. Esse que ahi está,
Sosea, que comvosco andou.

Amph.

Amph. Sosea, pódes-te lembrar,
Que hontem me vistes aqui?
Sosea Nunca yo supe de mi,
Que me pudiesse acordar
Daquello que nunca vi.
Alcm. Ora eu creo, e he assi,
Que ambos vindes conjurados,
Para zombardes de mi,
Mas eu darei hoje aqui
Signaes que sejam provados.
Amph. Que signaes póde ahi haver
De mentira taõ notoria,
Que nem foi, nem póde ser?
Alcm. Donde vim eu a saber
Novas de vossa victoria?
Amph. Que novas?
Alcm. Dir-vo-las-hei,
Assi como mas contastes,
Que na batalha matastes
Aquelle soberbo Rei,
E tudo desbaratastes.
Naõ fazendo resistencia
N'huma batalha taõ crua;
Dando-vos obediencia,
Vos deram huma copa sua,
Lavrada por excellencia.
Amph. Sosea he culpado só
Nestes acontecimentos.
Sosea. Señor, son encantamientos;
Porque aquel hombre, que es yo,
Le contaria estos cuentos.

Amph.

Amph. Quem he esse que vos deu
Taes novas, saber queria?
Alcm. Quem mo pergunta?
Amph. Quem? Eu.
Quereis-me fazer sandeu?
Alcm. Mas vós me fazeis sandía.
Amph. Ora quero perguntar:
Que fiz sendo aqui chegado?
Alcm. Puzemos-nos a cear.
Amph. E despois de ter ceado?
Alcm. Fomos-nos ambos deitar.
Amph. Nunca queira Deos que possa
Achar-se na minha honra
Nenhuma falta, nem mossa:
Seja isto doudice vossa,
Antes que minha deshonra.
Sosea. Bien lo supe yo entender,
Que era esto encantaciones,
Y aora me avrà de crer,
Que dos Soseas puede aver,
Pues ay dos Amphitriones.
Alcm. Com me quererdes tentar,
Taõ torvada me fizestes,
Que me naõ póde lembrar,
Que vos mandasse mostrar
A copa que me hontem destes.
Amph. Eu copa? Se isso ahi há,
Que estou doudo cuidarei.
Sosea. Señor, bien guardada está.
Alcm. Bromia?
Brom. Senhora.

Alcm. Dai cá
A copa que hontem vos dei.
Sosea. Pues yo parì otro yo,
Y vòs otro Amphitrion,
No es mucha admiracion,
Si la copa otra parió,
Ni aun fuera de razon.

SCENA V.

Entra Bromia com a copa, e diz.

Brom. Eis-aqui a copa vem,
Testimunho de verdade.
Amph. Oh estranha novidade!
Alcm. Poder-me-has dizer alguem,
Que o que digo he falsidade?
Amph. Sosea, quando hontem cá vinhas,
Poder-me-has negar, ó ladraõ,
Que lhe déste as novas minhas,
E mais a copa que tinhas
Guardada na tua maõ?
Sosea Señor, que no pude, no,
Ver a mi Señora Alcmena:
Si aquel esso acà ordenó,
No lleve este yo la pena
Del mal que hizo el otro yo.
Amph. Ora eu naõ sei entender
Tal caso, nem lhe acho fundo;
Com tudo venho a dizer,
Que ha tantos males no mundo.

Que tudo se póde crer.
Se vos trouxer quem vos diga
Como esta noite dormi
Na náo, crereis que he assi?
Alcm. Nenhuma cousa me obriga
A que naõ crêa o que vi.
Amph. Se o Patraõ aqui vier,
Que he homem d'authoridade,
Crereis o que vos disser?
Alcm. Sim, que ninguem póde haver
Que me negue esta verdade.
Amph. Eu estou em concrusaõ
D'hoje desembaraçar
Taõ enleada questaõ:
A' náo me quero tornar
A trazer cá Belferraõ.
Sosea, até minha tornada
Fica nesta casa em vella;
Qu'eu armarei tal cilada,
A quem m'a mim tem armada,
Que venha hoje a cahir nella. *Vai-se.*

SCENA VI.

Alcm. OH mulher triste, e suspensa
Da mais alta confusaõ,
Que nunca vio coraçaõ!
Em que mereces a offensa,
Que te faz Amphitriaõ?
Sempre de mi foi amado,
Tanto quanto em mi se sente,

Alcm. Dai cá
A copa que hontem vos dei.
Sosea. Pues yo pari otro yo,
Y vòs otro Amphitrion,
No es mucha admiracion,
Si la copa otra parió;
Ni aun fuera de razon.

SCENA V.

Entra Bromia com a copa, e diz.

Brom. EIs-aqui a copa vem,
Testimunho de verdade.
Amph. Oh estranha novidade!
Alcm. Poder-me-has dizer alguem,
Que o que digo he falsidade?
Amph. Sosea, quando hontem cá vinhas,
Poder-me-has negar, ladraõ,
Que lhe déste as novas minhas,
E mais a copa que tinhas
Guardada na tua maõ?
Sosea Señor, que no pude, no,
Ver a mi Señora Alcmena:
Si aquel esso acà ordenó,
No lleve este yo la pena
Del mal que hizo el otro yo.
Amph. Ora eu naõ sei entender
Tal caso, nem lhe acho fundo;
Com tudo venho a dizer,
Que ha tantos males no mundo.

Que tudo se póde crer.
Se vos trouxer quem vos diga
Como esta noite dormi
Na náo, crereis que he assi?

Alcm. Nenhuma cousa me obriga
A que naõ crêa o que vi.

Amph. Se o Patraõ aqui vier,
Que he homem d'authoridade,
Crereis o que vos disser?

Alcm. Sim, que ninguem póde haver
Que me negue esta verdade.

Amph. Eu estou em concrusaõ
D'hoje desembaraçar
Taõ enleada questaõ:
A' náo me quero tornar
A trazer cá Belferraõ.
Sosea, até minha tornada
Fica nesta casa em vella;
Qu'eu armarei tal cilada,
A quem m'a mim tem armada,
Que venha hoje a cahir nella. *Vai-se.*

SCENA VI.

Alcm. OH mulher triste, e suspensa
Da mais alta confusaõ,
Que nunca vio coraçaõ!
Em que mereces a offensa,
Que te faz Amphitriaõ?
Sempre de mi foi amado,
Tanto quanto em mi se sente,

Co' o coraçaõ taõ liado,
Que se de mi era ausente,
Nelle o via figurado:
E pois mulher, que comprisse
Melhor qu'eu fidelidade,
Naõ a vi, nem quem me visse,
Que dos limites sahisse
Hum pouco da honestidade.
Pois porque he taõ maltratada
Innocencia taõ singella,
Que a pena mais apertada,
He a culpa levantada
Ao coraçaõ livre della?
Mas já que minh'alma está
Sem culpa do que padeço,
Seja o que for, qu'eu conheço
Que a verdade me porá
No qu'eu pô-la ter mereço.
Bromia?

Brom. Senhora.

Alcm. Hi mandar
A Feliseo, que vá
Meu primo Aurelio chamar,
Que lhe quero perguntar,
Que conselho me dará:
E pois que Amphitriaõ
Vai buscar somente quem
Lhe ajude a sua tençaõ,
Quero eu ter aqui tambem
Quem me defenda a razaõ.

ACTO QUARTO

SCENA I.

Jupiter, e Alcmena.

Jupit. GRão desconcerto tem feito
Amphitriaõ com Alcmena:
Qualquer delles tem direito:
Eu sou o que venço o preito,
E ambos pagam a pena.
Quero-me ir là desfazer
Taõ trabalhosa demanda,
Por nos tomarmos a ver;
Porque, em fim, quem muito quer
Com qualquer desculpa abranda.
E pois que a affeiçaõ
Ha de mudar taõ asinha
Quero ir alcançar perdaõ
Da culpa que sendo minha,
Parece de Amphitriaõ.
Alcm. Parece que torna cá
Amphitriaõ, que já se hia:
Naõ sei a que tornará,
Senaõ se lhe peza já
Dos enganos que tecia.
Jupit. Senhora, naõ haja error
Que tantos males me faça,

Por-

Porque se o contrário for,
Pequeno será o amor,
Que manencórja desfaça;
E pois com tanta alegria
De tantos perigos vim,
Pezar-me-ha se achar no fim,
Que huma leve zombaria
Vos possa aggravar de mim.

Alcm. Com palavras de deshonra
Naõ se há de tratar quem ama;
Nem zombaria se chama,
Por exprimentar a honra,
Pôr em tal perigo a fama.
Bem tive eu para mim;
Que era aquillo experiencia.

Jupit. Errei no que commetti;
Bem me basta a penitencia;
De quanto me arrependi.
E se fiz algum error,
Com que vosso amor se mude
De quem vo-lo tem maior,
Naõ exprimentei virtude,
Mas exprimentei amor.
Que se com caso taõ vário
Folguei de vos agastar,
Foi amor accrescentar;
Porque ás vezes hum contrário
Faz seu contrário avisar.
Daqui vem, que a leve mágoa
Firmeza, e affeições augmenta,
Como bem se vê na frágoa,

On-

Onde o fogo se accrescenta,
Borrifando-o com pouca agoa.
Se hum mal grande se alevanta
N'hum coraçaõ, que maltrata,
A affeiçaõ desbarata,
Porque onde a agua he tanta
O fogo d'amor se mata.
E pois tive tal tençaõ,
Perdoai, Senhora, a culpa
Deste vosso coraçaõ.

Alem. Naõ se alcança assi perdaõ
D'erro que naõ tem desculpa.

Jupit. Ora pois assi tramais
Quem em tanto risco pôs
O amor que vós negais,
Eu m'ausentarei de vós,
Onde mais me naõ vejais.
Que, pois, desculpa naõ tem
Coraçaõ que tanto quer,
Vou-me, que naõ será bem,
Que quem vós naõ podeis ver,
Que possa mais ver ninguem.
Se algum'hora meu cuidado
Vos der dor, em que pequena,
Peço-vos, pois fui culpado,
Que vos naõ peze da pena
De quem vos foi taõ pezado.
E despois que a desventura
Puzer este coraçaõ
Debaixo da sepultura,
As letras na pedra dura

Vos-

Vossa dureza diraõ.
Isto vos hei de dizer,
Que m'ensinou minha dor:
Se quizerdes léda ser,
Nunca exprimenteis amor
Em quem vo-lo naõ tiver.
Deixai-me ir; naõ me tenhais.

Alcm. Amphitriaõ naõ choreis.
Amphitriaõ.

Jupit. Que quereis,
Ou para que nomeais
Homem, que ver naõ podeis?

Alcm. Amphitriaõ, s'eu causei
Com manencória pequena
Cousa, com que o magoei,
Eu quero cahir na pena
Dessa culpa que lhe dei.

Jupit. Sempre serei magoado
Se vossa má condiçaõ
Me naõ perdôa o passado.

Alcm. Perdôo, e peço perdaõ
De lhe naõ ter perdoado.

Sosea. No le perdone, Señora,
Hasta que con devocion
Tambien me pida perdon,
Que bien se me acuerda aora
Que me ha llamado ladron.

Jupit. Sosea?

Sosea. Señor.

Jupit. Vai buscar
O Piloto Belferraõ,

Dir-

Dir-lh'as, se desembarcar,
Que me parece razaõ,
Que venha hoje cá cear.
Sosea. Si, Señor; voy a la ora.
Jupit. De nenhuma calidade
Cure de fazer demora.
E nós vamos-nos, Senhora,
Confirmar nossa amizade. *Vaõ-se.*

SCENA II.

Entra Mercurio.

GRandes revoltas vaõ lá,
Grandes acontecimentos;
Cumpre-me que esteja cá,
Em quanto meu pai está
Em seus desenfadamentos.
Porque vi Amphitriaõ
Vir da náo mui apressado,
E tendo corrido, e andado,
Naõ pôde achar Belferraõ,
Que lhe era bem escusado.
Parece-me que virá
Ver se lhe abre aqui alguem;
Mas, porém, se chega cá,
Já póde ser que se vá
Mais confuso do que vem.

SCENA III.

Entra Amphitriaõ, e diz.

Amph. QUiz-nos nossa natureza
Com tal condiçaõ fazer,
Que já temos por certeza
Naõ haver grande prazer,
Sem mistura de tristeza.
Este decreto espantoso,
Que instituio nossa sorte,
He tal, e taõ rigoroso,
Que ninguem antes da morte
Se póde chamar ditoso.
Com esta justa balança
O fado grande, e profundo,
Nos refrêa a esperança,
Porque ninguem neste mundo
Busque bemaventurança.
Eu, que cuidei de viver
Sempre contente de mi,
Com tamanho Rei vencer,
Venho achar minha mulher,
De todo fóra de si.
Mas d'outra parte, que digo,
Que s'he verdade o que vi,
E o que ella diz he assi,
Virei a cuidar comigo,
Que eu sou o fóra de mi.
Quero ver se a acho já
Fóra de taõ seccos nós.

O' de casa?
Merc. O de allà?
Quien sois?
Amph. Abre.
Merc. Santo Dios,
Pues no os conocen acà.
Amph. Oh que gentil desvario!
Abri-me ora se quizerdes.
Merc. No haré, que en mi confio,
Que de fuera dormiredes,
Que no comigo amor mio.
Que cancion para oir!
Amph. Ah Sosea! Zombas de mi?
Ora quero-me fingir
Que ainda o naõ conheci,
Por ver se me quer abrir.
Ah Senhor, naõ abrireis?
Merc. Que quereis hombre por Dios?
Amph. Duas palavras de vós.
Merc. Tengo dicho màs de séis,
E aora me pedis dos?
De fuera podeis dormir,
Que entrar no podeis acà.
Amph. Ora acabai, abri lá.
Merc. Digo que no quiero abrir.
Dixe dos palabras ya.
Amph. Ora sus, bargante, abri.
Merc. Sino te buelves de aqui,
A gran peligro te ofreces.
Amph. Velhaco, naõ me conheces,
Ou estás fóra de ti?

Merc.

Merc. Bonito venis amor.
Quien sois, que hablais tan osado?
Amph. Abre, que sou teu Senhor.
Merc. Buelvase dessotro lado,
Y conocerlehe mejor.
Amph. Sosea moço.
Merc. Assi me llamo,
Huelgome que lo sepais,
Empero digo que os vais,
Que Amphitrion es mi amo,
Vós hi buscar quien seais.
Amph. Pois quero saber de ti
Eu quem sou?
Merc. Y quien sois vós?
Como os llaman?
Amph. Abri.
Merc. A vós os llaman Abri?
Pues, Abri, andad con Dios.
Amph. Quem ha, que possa soffrer
Em sua honra tal destroço,
Que para me endoudecer
Me tem negado a mulher;
E agora me nega o moço?
Merc. Mira el encantador
Como se lastima y llora,
Y fuesse tomar aora
La forma de mi Señor,
Para engañar mi Señora.
Pues esperad, y no os vais,
Por un espacio pequeño,
Vernà quien representais,

Y

Y el os harà que bolvais
El falso gesto a su dueño.
Amph. Vai velhaco, e chama cá
Esse falso feiticeiro,
Que se elle lá dentro está,
Esta espada julgará
Qual de nós he o verdadeiro. *Vai-se Merc.*

SCENA IV.

Entraõ Sosea, e Belferraõ, e diz Belferraõ.

Belfer. ORa ninguem presumira
Que tinhas taõ pouco siso,
Pois vás achar d'improviso
Taõ bem forjada mentira,
Que me faz sahir de riso.
Hum moço, que alevantou
Tal graça, nunca nasceo,
Porque vos jura que achou,
Que ou elle em dous se perdeo,
Ou de hum, dous se tornou.
Sosea. Patron, que no burlo no,
En uno son dos unidos,
Y en dos cuerpos separidos:
Yo soy el, y el es yo;
De un padre y madre nacidos.
Belfer. Esse tu que la estás
Taõ velhaco he como ti?
Sosea. Mas aun pienso que es màs:
Por delante y por detràs

Todo se parece a mi.
Y fue gran merced de Dios
Ajuntar a mi mas uno,
Que peor fuera de nós,
Si Dios me hiziera ninguno,
Que no de uno hazer dos.

Belfer. Assi, que se te perdeste
Vieste a cobrar mais hum:
Mui gentil conta fizeste;
Pois que perdido soubeste
Que eras dous, sendo nenhum.

Sosea. Pues teneis por abusion
Verdad tan clara, y tan rasa,
Aunque pone admiracion,
Quiera Dios, que allá en casa
No halleis otro Patron.

Amph. O Patraõ, que fui buscar,
Parece que vejo vir:
Naõ sei quem o foi chamar;
Mas que me ha de aproveitar,
Se me naõ querem abrir?
Ah Belferraõ!

Belfer. Ah Senhor!
Já sinto que fui culpado,
Porque quem he convidado,
Se taõ vagaroso for,
Merece naõ ser chamado.

Amph. A vós quem vos convidou?

Belfer. Sosea, por mandado seu.

Amph. Disso, Patraõ naõ sei eu,
Que Sosea já me negou

E

E já se naõ dá por meu.
E se alguem vos foi dizer,
Qu'eu vos chamo á minha mesa,
Mal vos dará de comer
Quem de todo lhe he defesa
A casa, e mais a mulher.
Belfer. Quem he esse taõ ousado,
Que vos isso faz, Senhor?
Amph. Sosea, creio, que enganado
Por algum encantador;
Que a honra me tem roubado.
Belfer. Se elle aqui comigo vem,
Isso como póde ser?
Amph. Ah! Que a ira que vou ter,
Taõ cega a vista me tem,
Que mo naõ deixava ver.
Porque razaõ, cavalleiro,
Naõ me abris quando vos mando?
Vós fazeis-vos chocarreiro?
Sosea. Yo Señor? Y como? Y quando?
Amph. Quereis-lo saber primeiro?
Esperai, dir-vo-lo-ha,
Mas será por outro son.
Sosea. Ah Señor Amphitrion,
Porque matandome está,
Sin delito, y sin razon?
Amph. Agora, que vos eu dou
Me chamais Amphitriaõ,
E para me abrirdes naõ?
Belfer. Este moço em que peccou?
Porque pena sem razaõ?

Naõ

Naõ mais, por amor de mi.
Amph. Naõ, que naõ sou seu Senhor:
Eu sou hum encantador.
Naõ o dizeis vós assi,
Ladraõ, perro, enganador?
Sosea. Porque fui presto a llamar
Por su mandado al Patron,
Me quiere aora matar?
Amph. Quem vo-lo mandou buscar?
Sosea. Sino ay otro Amphitrion,
Vuestra merced sin dudar.
Amph. Eu te mandei?
Sosea. Si Señor,
Si otro no.
Amph. Outro ha aqui,
Por quem tu zombes de mi?
Pois só desse encantador
Me quero vingar de ti.
Sosea O' Jupiter, a quien llamo
Por su bondad que me valla;
Pues porqué Sosea me llamo,
Yo mismo, y despues mi amo,
Me dieron venida mala.

ACTO

Pois espera, e levarás.

Jupit. O' lá, tornai por detrás,
Naõ deis no moço; que he meu.

Amph. Vosso?

Jupit. Meu.

Amph. Póde isto haver,
Que outrem minhas cousas tome?
Vós galante haveis de ser,
O que me tomais o nome,
Casa, moços, e mulher.
Eu vos farei conhecer
Com quem tendes esse trato.

Jupit. Sosea?

Sosea. Señor.

Jupit. Vai dizer,
Que apparelhem de comer,
Em quanto este doudo mato.

Belfer. O' Senhor; naõ seja assim,
Haja em vós concerto algum;
E senaõ, pois aqui vim,
Farei que só tome em mim
Os golpes de cada hum.

Jupit. Patraõ, vossa boa estrella
Me fará deixar com vida
Quem me naõ merece tella.

Amph. Naõ a tenho eu merecida,
Pois que vos deixo com ella.

Belfer. O homem que for sisudo,
N'huma taõ grande questaõ,
Ha de tomar por escudo
A justiça, e a razaõ;

Que

Que eſtas armas vencem tudo.
E pois eſſa natureza
Muitos homẽes faz iguais,
Dê qualquer de vós ſignais
De quem he, para certeza
Da fórma que ambos moſtrais.
Jupit. Sou contente de moſtrar
Pelos ſignaes que vos dou,
Que saõ eſtes ſem faltar.
Amph. Que ſignaes podeis vós dar,
Para que ſejais quem ſou?
Jupit. Eſtes, que logo vereis
Se ſaõ váos, ſe de raiz:
Patraõ, vós ſede juiz,
Que vós logo enxergareis
Qual mais verdade vos diz.
Belfer. Eu naõ ſinto onde conſiſta
A cura deſta doença,
Que ha taõ pouca differença,
Que aquelle em que ponho a viſta,
Por eſſe dou a ſentença.
Mas, Senhor, vós que ordenaſtes,
Que o juiz diſto foſſe eu,
Quando ſe a batalha deu,
Dizei, que me encommendaſtes,
Que ficaſſe a cargo meu?
Jupit. Dei-vos cargo, que eſtiveſſe
Toda a Armada a bom recado,
E ſe mal vos ſuccedeſſe,
Que para os vivos houveſſe
O refugio apparelhado.

Belfer. Ora vós quantos dobrões
Esse dia m'entregastes ?
Amph. Tres mil, e vós os contastes.
Belfer. Ambos sois Amphitriões
Pelos signaes que mostrastes.
Jupit. Para ser mais conhecida
A tençaõ deste sandeu,
Vede est'outro signal meu,
Que he neste braço a ferida,
Que me ElRei Terela deu.
Belfer. Mostrai vós, Senhor, tambem.
Amph. Aqui o podeis olhar.
Belfer. Oh cousa para espantar!
Que ambos a ferida tem,
D'hum tamanho, em hum lugar!

SCENA II.

Entra Sosea.

Sosea. DIze mi Señora Alcmena,
Que no se ha de assi d'estar
Con un bovo a razonar,
Que se le enfria la cena.
Jupit. Belferraõ, vamos cear.
Amph. Belferraõ, naõ me leixeis.
Como tambem me negais ?
Jupit. Andai, naõ vos detenhais,
Vamos, comer se quereis,
Naõ ouçais hum doudo mais.
Amph. Ah máos! Assi me ordenais

Of-

Offensa taõ mal, olhada?
Eu farei se me esperais,
Com que todos conheçais
Os fios da minha espada.
Jupit. As portas prestes fechemos,
Naõ entre este doudo cà.
Sosea. De fuera se dormirà:
Entre tanto que cenemos,
Puede passearse allà. *Vaõ-se.*

SCENA. III.

Ampitriaõ só.

OH ira para naõ crer,
Em que minh'alma se abraza,
Que me faz endoudecer,
E naõ me ajuda a romper
As paredes desta casa!
E porque? Naõ tenho eu
Forças, que tudo destrua,
Pois que tanto a salvo seu,
Outrem acho que possua
A melhor parte do meu?
Eu irei hoje buscar
Quem me ajude a vir queimar
Toda esta casa sem pena,
Donde veja arder Alcmena,
Com quem a vejo enganar.

SCENA IV.

Vai-se Amphitriaõ por huma porta, e entra por outra, vem Aurelio, e hum seu moço, e diz.

Aurel. NO hallo a mis males culpa,
'Para que merezca pena
La causa que me condena.
Moço. Essa está gentil desculpa
Para hoje dar a Alcmena.
Tem-no mandado chamar,
E elle está taõ descuidado.
Aurel. Moço, queres-me matar?
Que desculpa posso eu dar
Melhor qu'este meu cuidadõ?
Moç. E naõ ha mais que fazer?
Com isso a boca me tapa,
Para mais nada dizer?
Aurel. Ora dá-me cá essa capa;
E vamos ver o que quer.
Naõ trates de mais razaõ,
Pois naõ há quem te resista,
Que veio outra novaçaõ.
Moço. Que he?
Aurel. Ou me mente a vista,
Ou eu vejo Amphitriaõ.
Moço. Eu ouvi a Feliseo,
Quando cá trouxe o recado,
Como elle era chegado,
E quiz-me dizer, que veo
Do siso desconcertado.

Aurel.

Aurel. Isso quero eu ir saber,
Pois que tal cousa se soa.
Senhor, póde-se dizer,
Que a vinda seja mui boa?
Amph. Essa naõ póde ella ser.
Aurel. Porque naõ?
Amph. Porque he roubada
Minha honra sem temor,
E minha casa tomada,
E vossa Prima enganada
Por hum grande encantador.
Aurel. Isso he certo?
Amph. E manifesto:
E tudo tem já por seu
Adultero, e deshonesto;
Tem-me tomado o meu gesto,
E faz-lhe crer, que saõ eu.
Aurel. Contais hum caso d'espanto;
E pois naõ podeis entrar,
Defendeime por em tanto,
Que eu hei lá de chegar.
Para ver quem póde tanto. *Vai-se*.

SCENA V.

Amphitriaõ só.

SE ver deshonra taõ clara
Me naõ tivera o sentido
Totalmente endoudecido,
Que gravemente choára,

Vea

Ver taõ grande amor perdido!
E quando vejo a verdade
Do nosso amor, e amizade,
Desfeito com tanta mágoa,
Enchem-se-me os olhos d'agoa,
E a alma de saudade.
Assi, que quiz minha estrella
Para nunca ser contente,
Que agora estando presente
Viva mais saudoso della;
Que quando della era ausente.
Esta porta vejo abrir
Com impeto demasiado,
Que poderei presumir?
Que vejo Aurelio sahir,
Como homem desatinado.

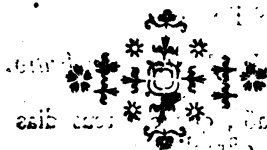
SCENA VI.

Entra Aurelio, Belferraõ, e Sosea, e diz Aurelio.

Aurel. Oh estranha novidade!
Oh cousa para naõ crer!
Belfer. Venho cego de verdade,
Que naõ puderam soffrer
Meus olhos a claridade.
Sosea. Oh triste, que vengo ciego
Con rayos, y con visiones;
Y destas encantaciones,
Si nuestra casa arde en fuego,

E já se naõ dá por meu.
E se alguem vos foi dizer,
Qu'eu vos chamo á minha mesa,
Mal vos dará de comer
Quem de todo lhe he defesa
A casa, e mais a mulher.
Belfer. Quem he esse taõ ousado,
Que vos isso faz, Senhor?
Amph. Sosea, creo, que enganado
Por algum encantador,
Que a honra me tem roubado.
Belfer. Se elle aqui comigo vem,
Isso como póde ser?
Amph. Ah! Que a ira que vou ter,
Taõ cega a vista me tem,
Que mo naõ deixava ver.
Porque razaõ, cavalleiro,
Naõ me abris quando vos mando?
Vós fazeis-vos chocarreiro?
Sosea. Yo Señor? Y como? Y quando?
Amph. Quereis-lo saber primeiro?
Esperai, dir-vo-lo-ha,
Mas será por outro som.
Sosea. Ah Señor Amphitrion,
Porque matandome está,
Sin delito, y sin razon?
Amph. Agora, que vos eu dou
Me chamais Amphitriaõ,
E para me abrirdes naõ?
Belfer. Este moço em que peccou?
Porque pena sem razaõ?

Naõ

Nas obras de admiraçaõ,
Que por mi causadas saõ;
Quiz-me vestir em teu gesto,
Por honrar tua geraçaõ.
Tua mulher parirá
Hum filho de mi gerado,
Que Hercules se chamará,
O mais valente, e esforçado,
Que no Mundo se achará:
Com este, teus sucessores
Se honraráõ de serem teus;
E dar-lhe-haõ os Escriptores
Por doze trabalhos seus,
Doze milhões de louvores.
E dessa illustre fadiga
Colherás mui rico fruito:
Em fim, a razaõ me obriga,
Que taõ pouco della diga,
Porque o tempo dirá muito.

ACTO QUINTO

SCENA I.

Entra Jupiter, e diz.

Jupit. QUem he o taõ atrevido,
Que aqui ousa de fazer
Taõ revoltoso arruido,
Com meus moços, sem temer,
Que fui sempre taõ temido?
Quem aqui faz uniaõ,
Toma mui grande despejo.
Belfer. Oh grande admiraçaõ!
Vejo eu outro Amphitriaõ,
Ou he sonho isto que vejo?
Sosea. No mirais la encantacion,
Que aquel hizo a mi Señor?
El que sale, Belferron,
Es el cierto Amphitrion,
Qu'estotro es encantador.
Jupit. Sosea?
Sosea. Mi Señor, ya vò.
Jupit. Patraõ, só por vós espero.
Sosea. No os lo dizia yo,
Que este era el verdadeiro,
Y esso que alla queda, no?
Amph. Bargante, aonde te vás?
Fazes teu Senhor sandeu?

INTERLOCUTORES
DA COMEDIA.

Filodemo.
Vilardo, ſeu moço.
Dionyſa.
Solina, ſua moça.
Venadoro.
Monteiro.
Hum Paſtor Doriano, amigo de Filodemo.
Hum Bobo, filho do Paſtor.
Florimena, Paſtora.
Dom Luſidardo, pai de Vanadoro.
Tres Paſtores bailando.
Doloroſo, amigo de Vilardo.

AR

ARGUMENTO
DA DITA COMEDIA.

HUm Fidalgo Portuguez, que acaso andava nos Reinos de Dinamarca, como por largos amores, e maiores serviços, tivesse alcançado o amor de huma filha d'elRei, foi-lhe necessario fugir com ella em huma galé, por quanto havia dias que a tinha prenhe; e de feito, sendo chegados á costa de Hespanha, onde elle era Senhor de grande patrimonio, armou-se-lhe grande tormenta, que sem nenhum remedio dando a galé á costa se perderam todos miseravelmente, senaõ a Princeza, que em huma taboa foi á praia, a qual como chegasse o tempo de seu parto, junto de huma fonte pario duas crianças, macho e femia; e naõ tardou muito que hum Pastor Castelhano, que naquellas partes morava, ouvindo os tenros gritos dos meninos, lhe acudio a tempo que a mãi já tinha espirado. Crescidas, em fim, as crianças debaixo da humanidade, e criaçaõ daquelle Pastor, o macho que Filodemo se chamou á vontade de quem os baptizára, levado da natural inclinaçaõ, deixando o campo, se foi para a Cidade, aonde por musico, e discreto, valeo muito em casa de D. Lusidardo, irmão de seu Pai, a quem muitos annos servio sem saber o parentesco que entre ambos havia; e como de seu Pai naõ tivesse herdado nada mais que os altos espiritos, namorou-se de Dionysa, filha de seu

Senhor, e Tio, que incitada ao que por suas obras, e boas partes merecia, ou porque ellas nada engeitam, lhe naõ queria mal. Aconteceo mais, que Venadoro, filho de D. Lusidardo, mancebo fragueiro, e muito dado ao exercicio da caça, andando hum dia no campo apoz hum cervo, se perdeo dos seus, e indo dar em huma fonte, onde estava Florimena, irmãa de Filodemo, que assim lhe pozeram o nome, enchendo hũa talha de agua, se perdeo de amores por ella, que se naõ soube dar a conselho, nem partir-se donde ella estava, até que seu Pai o naõ foi buscar. O qual informado pelo Pastor que a criára, (que era homem sabio na Arte Magica) e como a criára, naõ teve por mal de casar a Filodemo com Dionysa sua filha, e prima de Filodemo, e a Venadoro seu filho, com Florimena sua sobrinha, irmãa de Filodemo Pastor, e tambem pela muita renda que tinha, e de seu Pai ficára, de que elles eram verdadeiros herdeiros. Das mais particularidades da Comedia, fará mençaõ o Auto, que he o seguinte:

FI-

FILODEMO,
COMEDIA.

ACTO PRIMEIRO

SCENA I.

Entra Filodemo, e hum ſeu moço Vilardo.

Filod. MOço Vilardo?
Moç. Ei-lo vai.
Filod. Fallai era má, fallai,
E ſahi cá para a ſala.
O villaõ como ſe cala!
Moç. Pois, Senhor, ſahi a meu pai,
Que quando dorme naõ fala.
Filod. Trazei cá huma cadeira:
Ouvís villaõ?
Moç. Senhor, ſim.
Se m'ella naõ traz a mim,

Vejo-lh'eu ruim maneira.
Filod. Acabai, villaõ ruim.
Que moço para servir
Quem tem as triſtezas minhas!
Quem pudeſſe aſſi dormir!
Moç. Senhor, neſtas manhãaszinhas
Naõ ha hi ſenaõ cahir.
Por demais he trabalhar
Qu'eſte ſomno ſe me auſente.
Filod. Porque?
Moç. Porque ha de aſſentar,
Que ſenaõ for com pam quente,
Naõ ha de deſafferrar.
Filod. Ora hi pelo que vos mando,
Villaõ feito de formento.
Triſte do que vive amando,
Sem ter outro mantimento,
Qu'eſtar ſó phantaſiando.
Só huma couſa me deſculpa
Deſte cuidado que ſigo,
Ser de tamanho perigo,
Que cuido que a meſma culpa
Me fica ſendo caſtigo.

Vem o moço, e aſſenta-ſe na cadeira Filodemo, e diz avante.

Filod. Ora quero praticar
Só comigo hum pouco aqui,
Que deſpois que me perdi,
Deſejo de me tomar

Eſ-

Eſtreita conta de mi.
Vai para fóra, Vilardo.
Torna cá: vai-me ſaber
Se ſe quer já lá erguer
O Senhor Dom Luſidardo,
E vem-mo logo dizer. *Vai-ſe o moço.*
Ora bem, minha ouſadia,
Sem azas, pouco ſegura,
Quem vos deo tanta valia,
Que ſubais a phantaſia
Onde naõ ſobe a ventura?
Por ventura, eu naõ naſci
No mato, ſem mais valer,
Que o gado ao paſto trazer?
Pois donde me veio a mi
Saber-me tambem perder?
Eu naſcido entre Paſtores
Fui trazido dos currais,
E d'antre meus naturais
Para caſa dos Senhores
Donde vim a valer mais.
E agora logo taõ cedo
Quiz moſtrar a condiçaõ
De ruſtico, e de villaõ:
Dando-me ventura o dedo,
Lhe quero tomar a maõ.
Mas oh qu'iſto naõ he aſſi,
Nem ſaõ villáos meus cuidados,
Como eu delles entendi;
Mas antes de ſublimados
Os naõ poſſo crer de mi.

Porque como hei eu de crer
Que me faça minha estrella
Taõ alta pena soffrer,
Que sómente pola ter
Mereço a gloria della;
Senaõ se amor, d'attentado,
Porque me naõ queixe delle,
Tem por ventura ordenado,
Que mereça o meu cuidado,
Só por ter cuidado nelle?

SCENA II.

Vem o moço, e diz.

Moç. O Senhor Dom Lusidardo
Dorme com todo o convento,
E elle com o pensamento
Quer estar fazendo alardo
De castellinhos de vento.
Pois taõ cedo se vestio,
Com seu damno se conforme,
Pezar de quem me pario,
Que ainda o Sol naõ sahio,
Se vem á mão, tambem dorme.
Elle quer-se levantar
Assi pela manhãazinha:
Pois quero-q desenganar,
Nem por muito madrugar
Amanhece mais asinha.

Filod. Traze-me a viola cá.

Moç. Voto a tal, que me vou rindo.
Senhor, tambem dormirá.
Filod. Traze-a, moço.
Moç. Si virá,
Senaõ estiver dormindo.
Filod. Ora hi polo que vos mando:
Naõ gracejeis.
Moç. Eis-me vou:
Pois pezar de Saõ Fernando,
Por ventura sou eu grou?
Sempre hei d'estar vigiando?

Vai-se o moço, e diz Filodemo.

Filod. Ah Senhora, que podeis
Ser remedio do que peno;
Quaõ mal ora cuidareis
Que viveis, e que cabeis
N'hum coraçaõ taõ pequeno!
Se vos fosse apresentado
Este tormento em que vivo,
Crerieis que foi ousado
Este vosso? de criado
Tornar-se vosso captivo?

SCENA III.

Vem o moço, e traz a viola.

Moç. ORa eu creio, se he verdade
Que estou de todo acordado,
Que meu amo he namorado,

E a mi dá-me na vontade,
Que anda hum pouco abalado.
E se tal he, eu daria
Por conhecer a donzella
A raçaõ d'hoje, este dia,
Porque a desenganaria
Sómente por ter dó della.
Havia-lhe perguntar,
Senhora, de que comeis?
Se comeis d'ouvir cantar,
De fallar bem, de trovar,
Em boa hora casareis.
Porém se vós comeis paõ,
Tende, Senhora, resguardo,
Que eis-aqui está Vilardo,
Que he como hum camaleaõ,
Por isso bus, fazei fardo.
E se vós sois das gamenhas,
E houverdes d'attentar,
Por mais que por manducar,
Mi cama son duras penhas,
Mi dormir sempre es velar.
A viola, Senhor, vem
Sem primas, nem derradeiras:
Mas sabe o que lhe convém?
Se quer, Senhor, tanger bem,
Ha de haver mister terceiras.
E se estas cantigas vossas
Naõ forem para escutar,
E quizerdes espirar,
Ha mister córdas mais grossas,

Por-

Porque naõ possam quebrar.
Filod. Vai para fóra.
Moç. Já venho.
Filod. Qu'eu só desta phantasia
Me sostenho, e me mantenho.
Moço. Quamanha vista que tenho,
Que vejo a estrella no dia. *Vai-se Vilardo.*

SCENA IV.

Canta Filodemo.

ADò sube el pensamiento,
Seria una gloria immensa
Si allà fuesse quien lo piensa.

Falla.

Qual espirito divino
Me fará a mi sabedor,
Pois que taõ alto imagino
Deste meu mal, se he amor,
Se por dita, desatino.
Se he amor, digame qual
Póde ser meu fundamento,
Ou qual he seu natural,
Ou porque empregou taõ mal
Hum taõ alto pensamento.
Se he doudice, como em tudo
A vida me abraza, e queima,
Ou quem vio n'hum peito rudo

De-

Desatino taõ sisudo,
Que toma taõ doce teima?
Ha Senhora Dionysa,
Onde a natureza humana
Se mostrou taõ soberana,
O que vós valeis me avisa,
Mas o qu'eu peno m'engana.

SCENA V.

Entra Solina, moça, e diz.

Solin. TOmado estais vós agora,
Senhor, com o furto nas mãos.
Filod. Solina, minha Senhora,
Quantos pensamentos vãos
Me ouvirieis lançar fóra.
Solin. O' Senhor, quaõ bem que soa
O tanger de quando em quando:
Bem sei eu huma pessoa,
Que ha já huma hora, e boa,
Que vos está escutando.
Filod. Por vida vossa, zombais?
Quem he? Quereis-mo dizer?
Solin. Naõ o haveis vós de saber,
Bofé se me naõ peitais.
Filod. Dar-vos-hei quanto tiver
Para taes tempos como estes.
Quem tivera voz dos Ceos,
Pois escutar me quizestes.
Solin. Assi parta eu a Deos,

Co-

Como lhe vós parecestes.
Filod. A Senhora Dionysa
Quer-se já alevantar?
Solin. Assi me veja eu casar,
Como despida em camisa
Se ergueo por vos escutar.
Filod. Em camisa levantada!
Taõ ditosa he minha estrella,
O ma dizeis refalsada?
Solin. Pois bem me defendeo ella,
Que vos naõ dissesse nada.
Filod. Se pena de tantos annos
Merecer algum favor
Para cura de meus dannos,
Fartai-me desses engannos,
Que naõ quero mais do amor.
Solin. Agora quero eu fallar:
Neste caso com mais tento:
Quero agora perguntar:
E de siso his vós tomar
Hum taõ alto pensamento?
Certo he minha maravilha,
Se vós isto naõ sentís
Bem: vós como naõ cahis
Que Dionysa que he filha
Do Senhor a quem servis?
Como? Vós naõ attentais
Os Grandes, de que he pedida?
Peço-vos que me digais
Qual he o fim que esperais
Neste caso, em vossa vida.

Que

Que razaõ boa, ou que côr,
Podeis dar a esta affeiçaõ?
Dizei-me vossa tençaõ.

Filod. Onde vistes vós amor
Que se guie por razaõ?
Se quereis saber de mi,
Que fim, ou de que theor,
O pertendo em minha dor,
Se eu neste amor quero fim,
Sem fim me atormente amor.
Mas vós com gloria fingida
Pertendeis de m'enganar,
Por assi mal me tratar:
Assi, que me dais a vida
Sómente por me matar.

Solin. Eu digo-vos a verdade.

Filod. Da verdade fujo eu,
Porque se o amor me deu
Pena de tal calidade,
Assas me custa do meu.

Solin. Fólgo muito de saber
Que sois amante taõ fino.

Filod. Pois mais vos quero dizer,
Que ás vezes no imaginar
Naõ ouso de me'stender.
Na hora que imaginei
Na causa de meu tormento,
Tamanha gloria levei,
Que por onças desejei
De lograr o pensamento.

Solin. Se me vós a mi jurardes

De me terdes em ſegredo
Huma couſa; mas hei medo
De logo tudo contardes.
Filod. A quem?
Solin. A'quelle enxovedo.
Filod. Qual?
Solin. Aquelle máo pezar,
Que ant'ontem comvoſco hia.
Quem ſe foſſe em vós fiar!
O que vos diſſe o outro dia,
Tudo lhe foſtes contar.
Filod. Que lhe contei?
Solin. Já lh'eſquece?
Filod. Por certo qu'eſtou remoto.
Solin. Hi, que ſois hum ceſto roto.
Filod. Eſſe homem tudo merece.
Solin. Vós ſois muito ſeu devoto.
Filod. Senhora, naõ hajais medo:
Contai-m'iſſo, e far-m'hei mudo.
Solin. Senhor, o homem ſiſudo,
Se em taes couſas tem ſegredo,
Saiba que alcançará tudo.
A Senhora Dionyſa,
Crede que mal vos naõ quer:
Naõ vos poſſo mais dizer:
Iſto tende por baliſa.
Com que vos ſaibais reger.
Que em mulheres, ſe attentais;
O querer eſtá viſibil;
E ſe bem vos governais,
Naõ deſeſpereis do mais,

Por-

Porque, em fim, tudo he possibil.
Filod. Senhora, póde isso ser?
Solin. Si, que tudo o mundo tem.
•Olhai naõ o saiba alguem.
Filod. E que maneira hei de ter
Para crer tamanho bem?
Solin. Vós, Senhor, o sabereis;
E já que vos descobri
Tamanho segredo aqui,
Huma mercê me fareis,
Em que me vai muito a mi.
Filod. Senhora, a tudo me obrigo
Quanto for em minha mão.
Solin. Pois dizei a vosso amigo,
Que naõ gaste tempo em vão,
Nem queira amores comigo.
Porque eu tenho parentes,
Que me podem bem casar;
E mais que naõ quero andar
Agora em boca de gentes
A quem s'elle vai gabar.
Filod. Senhora, mal conheceis
O que vos quer Duriano:
Sabei-o, se o naõ sabeis,
Que em sua alma sente o dano
Do pouco que lhe quereis:
E que outra cousa naõ quer,
Que ter-vos sempre servida.
Solin. Pola sua negra vida
Isso havia eu bem mister.
Filod. Vós sois desagradecida?

Solin. Si, que tudo saõ enganos
Em tudo quanto fallais.
Filod. Naõ quero que me creais:
Crede o tempo, que ha dous anos
Que vos serve, e inda mais.
Solin. Senhor, bem sei que m'engano;
Mas a vós como a irmaõ
Descubro este coraçaõ:
Sabei que a Duriano
Tenho sobeja affeiçaõ.
Olhai que lhe naõ digais
Isto que vos aqui digo.
Filod. Senhora, mal me tratais:
Inda que sou seu amigo,
Sabei que vosso sou mais.
Solin. E já que vos confessei
Aquestas fraquezas minhas,
Que ha tanto que de mi sei,
Fazei vós nas cousas minhas
O qu'eu nas vossas farei.
Filod. Vós enxergareis, Senhora,
O qu'eu por vós sei fazer.
Solin. Como me deixo esquecer,
Aqui estivera agora
Fallando té anoitecer.
Vou-me, e olhai quanto val
O que passou ante nós.
Filod. E porque vos ides vós?
Solin. Porque parece já mal
Estar aqui ambos sós.
E mais vou vestir agora

Que ſe moſtre ſeu perdido,
Inda que ſeja fingido,
Como lh'outrem faz a elle.
E já que me ſatisfaz,
E tanto niſto ſe alcança,
Dê-lhe fingida eſperança:
Do mal que lhe outrem faz,
Tomará nella vingança. *Vai-ſe Filod.*

SCENA VII.

Entra Vilardo.

ORa boa eſtá a cilada
De meu amo com ſua ama,
Que ſe levantou da cama
Por ouvi-lo: eſtá tomada:
Aſſi a tome má trama.
E mais crede, que quem canta,
Ainda deſcantará;
E quem do leito, onde eſtá,
Por ouvi-lo ſe levanta,
Mór deſatino fará.
Quem havia de cuidar,
Que dama formoſa, e bella,
Saltaſſe o demonio nella,
Para a fazer namorar
De quem naõ he igual della?
Que me dizeis a Solina?
Como ſe faz Celeſtina!
Que por naõ lhe haver inveja

Tam-

Tambem para si deseja
O que o desejo lh'ensina.
Crede, que se me alvoróço,
Que a hei de tomar por dama;
E naõ será grão destroço,
Pois o amo quer a ama,
Que á moça queira o moço.
Vou-me, que vejo lá vir
Vanadoro, apercebido
Para a caça se partir,
E voto a tal, que he partido,
Para ver, e para ouvir.
Que he razaõ justa, e rasa,
Que seu folgar se desconte
Em quem arde como brasa;
Que se vai caçar ao monte,
Fique outrem caçando em casa. *Vai-se Vilard.*

SCENA VIII.

Entra Vanadoro.

APprovada antiguamente
Foi, e muito de louvar,
A occupaçaõ do caçar,
E da mais antigua gente
Havida por singular.
He o mais contrário officio
Que tem a ociosidade,
Mái de todo o bruto vício:
Por este limpo exercicio

Se

Se reserva a castidade.
Este, dos grandes Senhores
Foi sempre muito estimado;
E he grande parte do estado
Ter monteiros, caçadores,
Como officio que he prezado.
Pois logo porque razaõ
A meu pai ha de pezar
De me ver ir a caçar?
E taõ boa occupaçaõ
Que mal me póde causar?

SCENA IX.

Entra o Monteiro, e diz.

Mont. SEnhor, venho alvoroçado,
E mais com muita razaõ.
Van. Como assi?
Mont. Que me he chegado
O mais extremado caõ,
Que nunca caçou veado.
Vejamos que me ha de dar.
Van. Dar-vos-hei quanto tiver;
Mas ha-se d'exprimentar,
Para se poder julgar
As manhas que póde ter.
Mont. Póde assentar qu'este caõ,
Que tem das manhas a chave.
Bem feito? Em admiraçaõ.
Pois em ligeiro? He huma ave.

Em

Em cometter? Hum leaõ.
Com pôrcos? Maravilhoso.
Com veados, Extremado.
Sobeja-lhe o ser manhoso.
Van. Pois eu ando desejoso
D'irmos matar hum veado.
Mont. Pois, Senhor, como naõ vai?
Van. Vamos, e vós mui ligeiro
O necessario ordenai,
Qu'eu quero chegar primeiro
Pedir licença a meu pai. *Vaõ-se.*

ACTO SEGUNDO

SCENA I.

Entra Duriano, e diz.

POis naõ creo eu em S. Pisco de pao, se hei de pôr pé em ramo verde, te lhe dar trezentos açoutes, despois de ter gastado perto de trezentos cruzados com ella: porque logo lhe naõ mandei o setim para as mangas, fez de mim mangas ao demo: naõ desejo eu de saber, senaõ qual he o galante que me succedeo; que se vo-lo eu colho a balravento, eu lhe farei botar ao mar quantas esperanças lhe a fortuna tem cortado á minha. Ora te-

tenho assentado, que amor destas anda com o dinheiro, como a maré com a Lũa: bolsa cheia, amor em aguas vivas; mas se vasa, vereis espraiar este engano, e deixar em secco quantos gostos andavam como o peixe na agua.

SCENA II.

Entra Filodemo, e diz.

Filod. O'Lá: cá sois vós? Pois agora hia eu bater essas moutas, para ver se me sahieis de alguma; porque quem vos quizer achar, he necessario que vos tire como huma alma.

Dur. Oh maravilhosa pessoa! Vós he certo que vos prezais de mais certo em casa, que pinheiro em porta de taverna; e trazeis, se vem á mão, os pensamentos com os focinhos quebrados, de cahirem onde vós sabeis; pois sabeis, Senhor Filodemo, quaes saõ os que me matam: hũus muito bem almofaçados, que com dois ceitís fendem a anca pelo meio, e se prezam de brandos na conversaçaõ, e de fallarem pouco, e sempre comsigo, dizendo, que naõ daraõ meia hora de triste pelo thesouro de Veneza; e gabam mais Garcilasso que Boscaõ; e ambos lhe sahem das mãos virgẽes; e tudo isto por vos meterem em consciencia, que se naõ achou para mais o Grão Capitam Gonçalo Fernandes. Ora pois desengano-vos, que a mór pa-

pazia do mundo foram altos espiritos, e eu naõ trocarei duas pescoçadas da minha &c., depois de ter feito a trosquia a hum frasco, e fallar-me por tu, e fingir-se-me bebada, porque o naõ pareça por quantos Sonetos estaõ escriptos polos troncos das arvores do Vale Luso, nem por quantas Madamas Lauras vós idolatrais.

Filod. Tá, tá, naõ vades avante, que vos perdeis.

Dur. Aposto que adivinho o que quereis dizer?

Filod. Que?

Dur. Que se me naõ acudieis com batel, que me hia meus passos contados a herege de amor.

Filod. Oh que certeza tamanha, o muito peccador naõ se conhecer por esse!

Dur. Mas oh que certeza de maior, de muito enganado esperar em sua opiniaõ! Mas tornando á nosso proposito, que he o para que me buscais, que se he cousa de vossa saude tudo farei.

Filod. Como templará el destemplado? Quem poderá dar o que naõ tem, Senhor Duriano? Eu quero-vos deixar comer tudo: naõ póde ser que a natureza naõ faça em vós o que a razaõ naõ póde: o caso he este, dir-vo-lo-hei; porém he necessario que primeiro alimpeis como marmélo, e que ajunteis para hum canto de casa todos esses máos pensamentos; porque segundo andais mal avinhado, damnareis tudo aquillo que agora lançarem em vós. Já vos dei conta da pouca que tenho com toda a outra

cou-

cousa: que naõ he servir a Senhora Dionysa; e postoque a desigualdade dos estados o naõ consintam, eu naõ pertendo della mais que o naõ pertender della nada, porque o que lhe quero, comsigo mesmo se paga, que este meu amor he como a ave Phenix, que de si só nasce, e naõ de outro nenhum interesse.

Dur. Bem praticado está isso, mas dias ha que eu naõ creo em sonhos.

Filod. Porque?

Dur. Eu vo-lo direi, porque todos vós-outros os que amais pela passiva, dizeis que o amor fino como melaõ, naõ ha de querer mais de sua dama que amá-la; e virá logo o vosso Petrarca, e o vosso Petro Bembo, atoado a trezentos Platões, mais çafado que as luvas de hum pagem d'arte, mostrando razões verisimeis, e apparentes, para naõ quererdes mais de vossa dama que vê-la, e ao mais até fallar com ella; pois inda achareis outros esquadrinhadores d'amor, mais especulativos, que defenderáõ a justa por naõ emprenhar o desejo; e eu faço-vos voto solemne, se a qualquer destes lhe entregassem sua dama tosada, e apparelhada entre dous pratos, eu fico que naõ ficasse pedra sobre pedra: e eu já de mi vos fez confessar que os meus amores haõ de ser pela activa, e que ella ha de ser a paciente, e eu agente, porque esta he a verdade: mas, com tudo, vá v. m. co' a historia por diante.

Filod. Vou, porque vos confesso que neste caso

ha muita dúvida antre os Doctores: assi que vos conto, que estando esta noite com a viola na mão, bem 30. ou 40. legoas pelo sertaõ dentro de hum pensamento, senaõ quando me tomou á traiçaõ Solina, e antre muitas palavras que tevemos, me descobrio que a Senhora Dionysa se levantára da cama por me ouvir, e que estevera pela greta da porta espreitando quasi hora e meia.

Dur. Cobras, e tostões, signal de terra: pois ainda vos naõ fazia tanto avante.

Filod. Finalmente, veio-me a descobrir, que me naõ queria mal, que foi para mi o maior bem do mundo; que eu estava já concertado com minha pena, a soffrer por sua causa, e naõ tenho agora sogeito para tamanho bem.

Dur. Grande parte da saude he para o doente trabalhar por ser são. Se vos leixardes manquecer na estrebaria com essas finezas de namorado, nunca chegareis onde chegou Rui de Sande: por isso boas esperanças no leme, que eu vos faço bom, que ás duas enxadadas achéis agua. E que mais passastes?

Filod. A maior graça do mundo: veio-me a descobrir que era perdida por vós; e me quiz dar a entender, que faria por mi tudo o que lhe vós mereceis.

Dur. Santa Maria! Quantos dias ha que nos olhos lhe vejo marejar esse amor? porque o fechar de janellas que essa mulher me faz, e outros enojos que dizer poderia, no son sino

cor-

corredores del amor, e a cilada em que ella quer que eu caia.

Filod. Nem eu naõ quero que lho queirais, mas que lhe façais crer que lho quereis.

Dur. Naõ... quanté dessa maneira me offereço a romper meia duzia de serviços alinhavados ás pandeiretas, que bastem assentar-me em soldo pelo mais fiel amante que nunca calçou esporas; e se isto naõ bastar, salgan las palabras mas sangrentas del coraçon, entoadas de feiçaõ, que digam que sou hum Mancias, e peor ainda.

Filod. Ora daisme a vida. Vamos ver se por ventura apparece, porque Vanadoro, irmão da Senhora Dionysa, he fóra á caça, e sem elle fica a casa despejada, e o Senhor Dom Lusidardo anda no pomar, que todo o seu passatempo he enxertar, e despôr; e outros exercicios d'Agricultura, naturaes a velhos; e pois o tempo nos vem á medida do desejo, vamonos lá, e se puderdes fallar fazei de vós mil manjares, porque lhe façais crer que sois mais esperdiçado d'amor que hum Braz Quadrado.

Dur. Ora vamos, que agora estou de vez, e cuido d'hoje fazer mil maravilhas, com que vosso feito venha á luz. *Vaõ-se.*

SCENA III.

Entra Dionysa, e Solina, e diz Dionysa.

Dion. SOlina, mana.
Solin. Senhora.
Dion. Trazei-me cá almofada,
Que a casa está despejada,
E esta varanda cá fóra
Está melhor assombrada.
Trazei a vossa tambem
Para estarmos cá lavrando;
Em quanto meu pai naõ vem,
Estaremos praticando,
Sem nos estorvar ninguem.
Solin. Este he o mesmo lugar
Onde estava o bem logrado,
Tal que de muito enlevado
Se esquecia do cantar
Por se enlevar no cuidado.
Dion. Vós, mana, sois mui ruim:
Logo lhe fostes contar
Que me ergui polo escutar.
Solin. Eu o disse?
Dion. Eu naõ o ouvi?
Como mo quereis negar?
Solin. E pois isso que releva?
Que se perde nisso agora?
Dion. Que se perde? Assi, Senhora,
Folgareis vós que se atreva
A contá-lo lá por fóra?

Que

Que se lhe meta em cabeça
Alguma parvoa tençaõ?
Que faça, se vem á maõ,
Algũa cousa que pareça?
Solin. Senhora, naõ tem razaõ.
Dion. Eu sei mui bem attentar
Do que se ha de ter receio,
E do que he para estimar.
Solin. Naõ he o demo taõ feio
Como alguem o quer pintar:
E naõ se espera isso delle,
Que naõ he ora taõ moço:
E vossa mercê assélle,
Que qualquer segredo nelle
He como huma pedra em poço.
Dion. E eu que segredo quero
Com hum criado de meu pai?
Solin. E vós, mana, fazeis fero:
Ao diante vos espero,
Se adiante o caso vai.
Dion. O madraço, quem o vir
Fallar de siso co' ella...
Entaõ vós, gentil donzella,
Folgais muito de o ouvir?
Solin. Si, porque me falla nella.
E eu como ouço fallar
Nella, como quem naõ sente,
Fólgo de o escutar,
Só para lhe vir contar
O que della diz a gente.
Que eu naõ quero nada delle,

E mais porque está fallando:
Naõ m'esteve ella rogando
Que fosse fallar com elle?
Dion. Disse-vo-lo assi zombando.
Vós logo tomais em grosso
Tudo quanto me escutais.
Parvo! Que vê-lo naõ posso.
Solin. Ella alli, e o cam co' o osso:
Inda isto ha de vir a mais.
Pois que tal odio lhe tem?
Fallemos, Senhora, em al;
Mas eu digo que ninguem
Merece por querer bem
Que a quem lho quer, queira mal.
Dion. Deixai-o vós doudejar.
Se meu pai, ou meu irmaõ,
O vierem a aventar,
Naõ ha elle de folgar.
Solin. Deos meterá nisso a maõ.
Dion. Ora hi polas almofadas,
Que quero hum pouco lavrar,
Por ter em que me occupar,
Que em cousas taõ mal olhadas
Naõ se ha o tempo de gastar.
Solin. Que cousa somos mulheres!
Como somos perigosas!
E mais estas taõ viçosas
Que estaõ á boca que queres,
E adoecem de mimosas.
Se eu naõ caminho agora
A seu desejo, e vontade,

Co-

Como faz esta Senhora,
Fazem-se logo nessa hora
Na volta da honestidade.
Quem a víra o outro dia
Hum poucochinho agastada,
Dar no chão com a almofada,
E enlevar a phantasia,
Toda n'outra transformada!
Outro dia lhe ouviráõ
Lançar suspiros a mólhos,
E com a imaginaçaõ
Cahir-lhe a agulha da maõ,
E as lagrimas dos olhos.
Ouvir-lh'eis á derradeira
A' ventura maldizer,
Porque a foi fazer mulher:
Entaõ diz que quer ser Freira.
E naõ se sabe entender.
Entaõ gaba-o de discreto,
De musico, e bem disposto,
De bom corpo, e de bom rosto:
Quanté entaõ eu vos prometto,
Que naõ tem delle desgosto.
Despois se vem attentar,
Diz que he muito mal feito
Amar homem deste geito,
E que naõ póde alcançar
Pôr seu desejo em effeito.
Logo se faz taõ Senhora,
Logo lhe ameaça a vida,
Logo se mostra nessa hora

Mui-

Muito segura de fóra,
E de dentro está sentida.
Bofé, segundo vou vendo,
Se esta postema vier,
Como eu suspeito, a crescer,
Muito ha que della entendo
O fim que póde vir ter. *Vai-se Solin.*

SCENA IV.

Entra Duriano, e Filodemo, e diz Duriano.

Dur. ORa deixai-a ir, que á vinda lhe fallaremos: entretanto cuidarei o como hei de fazer, que naõ ha mór trabalho para hũa pessoa que fingir-se.

Filod. Dar-lhe-heis esta carta, e fazei muito com ella que a dê á Senhora diosa, que me vai nisso muito.

Dur. Por mulher de taõ bom engenho a tendes?

Filod. E porque me perguntais isso?

Dur. Porque ainda hontem entrou pelo a, b, c, e já quereis que lea carta mandadeira, fá-la-heis cedo escrever materia junta.

Filod. Naõ lhe digais que vos disse nada, porque cuidará que por isso lhe fallais; mas fingi que de puro amor a andais buscando, a tempos que façam á vossa tençaõ.

Dur. Deixai-me vós a mi com o caso, que eu sei melhor as paneadas a estes vintes que vós; e eu vo-la farei hoje vir a nós sem gasas, e

vós

vós entretanto acolhei-vos a sagrado porque ella lá vem.

Filod. Olhai lá, fazei que a naõ vedes, e fingi que fallais comvosco, que faz a nosso caso.

Dur. Dizeis bem: yo sigo tristeza, remedio de tristes: la terrible pena mia no la espero remediar; pois naõ devia assi de ser posantos e vanselos; más muitos dias ha que eu sei que o amos, e os cangrejos, andam ás vessas. Ora, em fim, las tristezas no me espanten, porque suelen afloxar quanto mas duelen. *Vai-se Fil.*

SCENA V.

Entra Solina com a almofada, e diz.

Solin. AQui anda passeando
Duriano, e só comsigo
Pensamentos praticando:
Daqui posso estar notando
Com quem sonha, se he comigo.

Dur. Ah quaõ longe estará agora
Minha Senhora Solina,
De saber que estou bem fóra
De ter outra por Senhora,
Segundo o amor determina!
Porém se determinasse
Minha bemaventurança,
Que de meu mal lhe pezasse,
Até que nella tomasse
Do que lhe quero vingança!

Solin.

Solin. Comigo sonha por certo.
Ora quero-me mostrar,
Assi como por acerto:
Chegar-me-hei mais ao perto,
Por ver se me quer fallar.
Sempre esta casa ha d'estar
Acompanhada de gente,
Que naõ possa homem passar!
Dur. A' traiçaõ vindes tomar
Quem já feridas naõ sente?
Solin. Logo me a mi parecia,
Que era elle o que passeava.
Dur. E eu mal adivinhava
Que me viesse este dia,
Que ha tantos que desejava.
Se hũus olhos por vos servir,
Com o amor que vos conquista,
Se atrevêram a sobir
Os muros da vossa vista,
Que culpa tem quem vos vir?
E se esta minha affeiçaõ,
Que vos sirve de giolhos,
Naõ fez erro na tençaõ,
Tomai vingança nos olhos,
E deixai o coraçaõ.
Solin. Ora agora me vem riso.
Assi que vós sois, Senhor,
De siso meu servidor?
Dur. De siso naõ, porque o siso
Me tem tirado o amor.
Porque o amor, se attentais,

N'hum

N'hum taõ verdadeiro amante,
Naõ deixa siso bastante,
Senaõ se siso chamais
A doudice taõ galante.
Solin. Como Deos está nos Ceos,
Que se he verdade o que temo,
Que fez isto Filodemo.
Dur. Mas fê-lo o démo, que Deos
Naõ faz mal tanto em extremo.
Solin. Bem. Vós, Senhor Duriano,
Porque zombareis de mim?
Dur. Eu zombo?
Solin. Eu naõ me engano.
Dur. S'eu zombo, inda em meu dano
Vejais vós mui cedo a fim.
Mas vós, Senhora Solina,
Porque me querereis mal?
Solin. Sou mofina.
Dur. Oh real!
Assi que minha mofina
He minha imiga mortal.
Dias ha qu'eu imagino,
Que em vos amar, e servir,
Naõ ha amador mais fino;
Mas sinto que de mofino
Me fino sem o sentir.
Solin. Bem derivais: quanté assi
A' popa o dito vos veio.
Dur. Vir-me-ha de vós, porque creio
Que vós fallais dentro em mi
Como esprito em corpo alheio.

E assi, que em estas piós
A cahir, Senhora, vim,
Bem parecerá antre nós,
Pois vós andais dentro em mim;
Que ande eu tambem dentro em vós.
Solin. E bem, Que fallar he esse?
Dur. Dentro na vossa alma digo
Lá andasse, e lá morresse:
E se isto mal vos parece,
Dai-me a morte por castigo.
Solin. Ah máo! Como sois malvado!
Dur. Mas vós como sois malvada,
Que de hum pouco mais de nada
Fazeis hum homem armado
Como quem está sempre armada!
Dizei-me, Solina, mana.
Solin. Que he isso? Tirai lá a maõ:
E vós sois máo cortezaõ.
Dur. O que vos quero m'engana,
Mas o que desejo naõ.
Naõ ha aqui senaõ paredes,
As quaes naõ fallam, nem vem.
Solin. Está isso muito bem.
Bem: e vós, Senhor, naõ vedes,
Que poderá vir alguem,
Dur. Que vos castam dous abraços?
Solin. Naõ quero tantos despejos.
Dur. Pois que faraõ meus desejos,
Que querem ter-vos nos braços,
E dar-vos trezentos beijos?
Solin. Olhai que pouca vergonha!

Hi-

Hi-vos di, boca de praga.
Dur. Eu naõ sei certo a que ponha
Mostrardes-me a triaga,
E virdes-me a dar peçonha.
Solin. Ora ide rir á feira,
E naõ sejais dessa laia.
Dur. Se vedes minha canseira,
Porque lhe naõ dais maneira?
Solin. Que maneira?
Dur. A da saia.
Solin. Por minha alma, hei de vos dar
Meia duzia de porradas.
Dur. Oh que gostosas pancadas!
Mui bem vos podeis vingar,
Que em mim saõ bem empregadas.
Solin. Ao diabo, que o eu dou.
Como me doeo a maõ!
Dur. Mostrai cá, minha affeiçaõ,
Que essa dor me magoou
Dentro no meu coraçaõ.
Solin. Ora hi-vos embora asinha.
Dur. Por amór de mi, Senhora,
Naõ fareis huma cousinha?
Solin. Digo que vades embora.
Que cousa?
Dur. Esta cartinha.
Solin. Que carta?
Dur. De Filodemo
A Dionysa vossa ama.
Solin. Dizei, que tome outra dama,
E dê os amores ao démo.

Dur. Naõ andemos pola rama.
Senhora, aqui para nós,
Que sentís della com elle?
Solin. Grandes alforges sois vós!
Pois hi-lhe dizer que appelle.
Dur. Fallai, que aqui estamos sós.
Solin. Qualquer honésta se abala,
Como sabe que he querida.
Ella he por elle perdida,
Nunca n'outra cousa falla.
Dur. Ora vou-lhe dar á vida.
Solin. E eu naõ lhe disse já
Quanta affeiçaõ lh'ella tem?
Dur. Naõ se fia de ninguem,
Nem crê que para ello ha
No mundo tamanho bem.
Solin. Dir-vos-hia de mim lá
O que lh'eu disse zombando?
Dur. Naõ disse, por S. Fernando.
Solin. Ora ide-vos.
Dur. Que me vá?
E mandais que torne? Quando?
Solin. Quando eu cá vir lugar,
Vo-lo mandarei dizer.
Dur. Se o quizerdes buscar,
Naõ vos deve de faltar,
Senaõ faltar o querer.
Solin. Naõ falta.
Dur. Dai-me hum abraço,
Em signal do que quereis.
Solin. Tá, que o naõ levareis.

Dur.

Dur. De quantos serviços faço,
Nenhum pagar me quereis?
Solin. Pagar-vos-haõ alguma hora,
Que isso a mi tambem me toca;
Mas agora hi-vos embora.
Dur. Essas mãos beijo, Senhora,
Em quanto naõ posso a boca. *Vai-se Dur.*

SCENA VI.

Solina, que traz a almofada, y falla com Dionysa.

Solin. JA' vossa mercê dirá
Que estive muito tardando.
Dion. Bem vos detevestes lá.
Bofé que estava cuidando
Em naõ sei quê.
Solin. Que será?
Aqui somos: quanto agora
Está ella transportada. *áparte.*
Dion. Que rosnais vós lá, Senhora?
Solin. Digo, que tardei lá fóra
Em buscar esta almofada.
Que estava ella agora só
Comsigo phantasiando?
Dion. Bofé que estava cuidando
Que he muito para haver dó
Da mulher que vive amando,
Que hum homem póde passar
A vida mais occupado;

Com paſſear, com caçar,
Com correr, com cavalgar,
Fórra parte do cuidado.
Mas a coitada
Da mulher ſempre encerrada,
Que naõ tem contentamento,
Naõ tem deſenfadamento
Mais que agulha, e almofada.
Entaõ iſto vem parir
Os grandes erros da gente:
Foram mil vezes cahir
Princezas d'alta ſemente.
Lembra-me que ouvi contar
De tantas affeiçoadas
Em baixo e pobre lugar,
Que as que agora vaõ errar
Podem ficar deſculpadas.

Solin. Senhora, a muita affeiçaõ
Nas Princezas d'alto eſtado
Naõ he muita admiraçaõ;
Que no ſangue delicado
Faz amor mais impreſſaõ.
Mas deixando iſto á parte,
Se m'ella quizer peitar,
Prometto de lhe moſtrar
Huma couſa muito d'arte,
Que lá dentro fui achar.

Dion. Que couſa?

Solin. Couſa d'eſprito.

Dion. Algum panno de lavores?

Solin. Inda ella naõ deo no fito.

Cartinha sem sobre-escripto,
Que parece ser de amores.
Dion. Essa he a boa ventura.
Solin. Bofé que mo pareceo.
Dion. E essa donde nasceo?
Solin. No meu cesto da costura:
Naõ sei quem m'alli meteo.
Dion. Mostrai-ma, naõ hajais medo,
Mana, eu que vos descobri.
Solin. E se ella vem para mi,
Logo quer ver meu segredo?
Naõ a veja: vá-se, di.
Ei-la-ahi.
Dion. Cuja será?
Solin. Naõ sei certo cuja he.
Dion. Si sabeis.
Solin. Naõ sei bofé
Dion. Ora a carta mo dirá.
Solin. Pois lêa vossa mercê.

Abre Dionysa a carta, e lê-a.

Carta.

Se para merecer minha pena vos naõ falta mais que viver contente della, já logo ma podeis consentir, pois que de nenhũa outra cousa vivo triste, senaõ por naõ ser para taõ doce tristeza. Se tendes por offensa commetter a minha ousadia, por maior a devieis ter se a naõ commettesse; que amor acostumado he fazer

os extremos ás medidas das affeições, e as affeições ás medidas da causa dellas. Pois logo, nem o meu amor póde ser pouco, nem fazer menos: se este bastar para consentirdes em meu pensamento, baste para me dardes o que pelo ter mereço; e se naõ muitas graças ao amor, que me soube dar hum cuidado, que com têlo se paga o trabalho de soffrêlo.

Slin. Quanta parvoice diz!

Dion. Ora muito boa está!
Como vós, mana, sois má!
Naõ sejais vós taõ biliz,
Que bem vos entendo já.
Cuja he?

Solin. E eu que sei.

Dion. Pois quem o sabe?

Solin. O démo.

Dion. Certo que he de quem temo,
Que os ditos que nella achei
Saõ todos de Filodemo.
Este homem, que atrevimento
He este que foi tomar?
Qual será seu fundamento,
Que mil vezes me faz dar
Mil voltas ao pensamento?
Naõ entendo delle nada;
Mas inda que isto he assi,
Disso que delle entendi
Me sinto taõ alterada,
Que me naõ acho de mi.
Eu inda naõ posso crer

Que he verdade este amor;
Mas praza a Deos, se assi for,
Que inda este meu arreceio
Senaõ converta em temor.

Solina.

Já vós, já sedes
Peixes nas redes.
Senhora, quem mais confia,
Mais asinha a cahir vem:
Natural he o querer bem;
Que o amor n'alma se cria,
Sem o sentir quem o tem.
Filodemo, no que ouvi,
Tem-lhe sobeja affeiçaõ;
E postoque o crea assi,
Ou eu sonhei, ou ouvi,
Que era d'alta geraçaõ.
Logo na philosomia,
Nas manhas, artes, e geito,
Mostra mui grande respeito:
Nem taõ alta phantasia
Naõ se põe em baixo peito.

Dion. Tudo isso cuido, e vi
Mil vezes miudamente;
Más estás mostras assi
Saõ desculpas para mi,
E naõ para toda a gente.

Solin. O seu moço vejo vir
A nós, seu passo contado:

Eſte he muito para ouvir,
Que diz que me quer ſervir
D'amores eſperdiçado.

SCENA VII.

Entra Vilardo, e diz.

Vil. SEnhora, o Senhor ſeu pai,
Meſmo de voſſa mercê,
Já lá para caſa vai:
Por iſſo, Senhora, andai;
Que elle me mandou n'hum pé;
E diz que foſſe jantar
Voſſa mercê meſmamente.
Solin. E já veio do pomar?
Dion. Oh quem pudéra eſcuſar
De comer, nem de ver gente!
Nenhũa côr de verdade
Tenho do que m'elle manda.
Vil. S'ella ſem vontade anda,
Eu lh'empreſtarei vontade,
Empreſte-m'ella a vianda.
Solin. Vá, Senhora, por naõ das
Mais em que cuidar á gente.
Dion. Irei, mas naõ por jantar,
Que quem vive deſcontente
Mantem-ſe de imaginar.
Vil Pois tambem cá minhas dores
Me naõ deixam comer paõ;
Nem come minha affeiçaõ

Se-

Senaõ ſopadas d'amores,
E mil poſtas de paixaõ.
Das lagrimas caldo faço
Do coraçaõ eſcudella:
Eſſes olhos ſaõ panella,
Que coze bofes, e baço,
Com toda a mais cabedella. *Vaõ-ſe todos.*

SCENA VIII.

Entra o Monteiro em buſca de Vanadoro, que ſe perdeo na caça, e diz.

Mont. PErdeo-ſe por eſta brenha,
Vanadoro, meu Senhor,
Sem que novas delle tenha:
Queira Deos que inda naõ venha
Deſta perda outra maior.
Contra eſta parte daqui
Des por hum cervo correo,
Logo deſappareceo:
Como da viſta o perdi,
O goſto ſe me perdeo.
Eu, e os mais caçadores,
Corremos montes, e covas,
Fallámos com Lavradores
Deſte valle, e com Paſtores,
Sem delle acharmos novas.
Quero ver neſtes caſais
Que cobre aquelle arvoredo,
Se acharei Paſtores mais,

Que me dem algũus signais
Que me possam tornar ledo.

Chama polos Pastores do casal, e responde-lhe hum Pastor.

O' dos casaes, ó de lá?
Ah Pastores naõ fallais?
Past. Quien sois, ò lo que buscais?
Mont. Ouvis? Chegai para cá.
Past. Dizid vòs lo que mandais.

Falla o Bobo, filho do Pastor.

Bob. No vayais adò os llamò,
Padre, sin saber quien es.
Past. Porque?
Bob. Porque este es
Aquel ladron que hurtò
El asno del Portugues:
Y se vais adò estan
Os juro al cuerpo sagradò
De San Pisco, y San Juan,
Que tambien os hurtaran,
Que sois asno, mas honrado.
Past. Dexame ir, que me llamò.
Bob. No, por vida de mi madre,
Que si allà vays, muerto sò;
Y desta vez quedo yo,
Sin asno, triste, y sin padre.
Mont. Vinde, que vo-lo encommendo

E

E em vossas mãos me ponho.

Bob. No vais, que dixo encomiendo,
Y encomiendoos al demonio:
Y esso es lo que andais haziendo?

Past. Dexame yr adò està,
Que no es cosa que me espante.

Bob. No quereis sino yr allà?
Pues echale pan delante,
Puede ser amansarà.

Past. Dios os guarde: que cosa es
Essa porque bozeais?

Mont. Dar-m'heis novas, ou signais,
D'hum Fidalgo Portugues,
Se passou por onde andais?

Bob. Yo sò Hidalgo Portugues.
Que manda su Señoria?

Past. Callate: ò que nescio es?

Bob. Padre, no me dexatès
Ser lo que quisiere un dia?
Ah Santo Dios verdadero!
No serè lo que otros son?
Digo agora que no quiero
Ser Alonsico, el vaquero.

Past. Callate ya bobarron.

Bob. Ya me callo: aora un poco
He de ser lo que yo quisiere.

Past. Señor, diga lo que quiere,
Porqu'este mochacho es loco,
Y muero porque no muere.

Mont. Digo, que se por ventura
Sabeis o que ando buscando;

Hum

Hum Fidalgo que caçando
Se perdeo nesta espessura
Apoz hum cervo andando.
Tenho esta parte corrida,
Sem delle poder saber:
Trago a alegria perdida;
E se de todo a perder,
Perca se tambem a vida.
Porque só polo buscar
Tenho trabalhos assaz.

Bob. Yo no puedo callar màs;

Past. Como no puedes callar?
Quitate allà para tras.
Quanto por aquesta tierra,
No siento nueva ninguna.

Mont. Oh trabalhosa fortuna!

Past. Mas detras daquesta sierra
Hallareis por dicha alguna:
Que unas choças de vaqueros
Portugueses alli estan,
Y ahi muchas vezes van
Caçadores Cavalleros:
Puede ser que lo sabran.

Mont. Quero-me ir lá saber.
Ficai-vos, a Deos Pastor.

Past. Dios os livre de dolor.

Bob. Y a nos dè siempre comer,
Pan, y sopas, qu'es mejor.
Mirad lo que os notifico
En aquel valle, aculla,
Anda paciendo un borrico,

Hi-

Hidalgo, manso, y bonico,
Puede ser que esse será.
Past. Calla, y acabá de andar.
Bob. Já ando.
Past. Quieres callar?
Bobo, que tan poco sabe!
Bob. No dizeis que ande y acabe?
Ando, y no quiero acabar. *Vaõ-se todos.*

ACTO TERCEIRO

SCENA I.

Entra Florimena, Pastora, com hum pote que vai á fonte, e diz.

Flor. POr este formoso prado
Tudo quanto a vista alcança
Taõ alegre está tornado,
Que a qualquer desesperado
Póde dar certa esperança.
O monte, e sua aspereza,
De flores se veste lédo;
Reverdece o arvoredo;
Sómente em minha tristeza
Está sempre o tempo quedo.
Junto desta fonte pura,
Segundo a muitos ouvi,

D'ali

D'altos parentes nasci:
Foi como quiz a ventura,
Mas naõ como eu mereci.
O dia que fui nascida,
Minha mãi do parto forte
Foi sem cura fallecida;
E o dia que me deo vida
Lhe dei eu a ella a morte.
Do mesmo parto nasceo
Meu irmão, que antre os cabritos,
Comigo tambem viveo;
Mas assi como cresceo,
Crescêram nelle os espritos.
Foi-se buscar a Cidade;
Teve juizo, e saber,
Eu fiquei como mulher,
E naõ tive faculdade
Para poder mais valer.
A hum Pastor obedeço
Por pai, que d'outro naõ sei;
E pola mãi que matei
A huma cabra conheço
De cujo leite mamei.
Mas porém, já qu'este monte
Me obriga, e meu nascimento,
Quero, pois quer meu tormento,
Encher a talha na fonte
Que c' os olhos accrescento.

SCE-

SCENA II.

Em quanto finge que enche a talha, entra Vanadoro, e diz.

Van. Pois que me vim alongar
Dos caminhos, e da gente,
Fortuna que o consente
Se devia contentar
De me ter taõ descontente.
Porém, segundo adivinho,
Por taõ espesso arvoredo,
Por taõ aspero penedo,
Quanto mais busco o caminho,
Tanto mais delle me arredo.
O cavallo, como amigo,
Já cansado me trazia;
Mas deixou-me todavia
Que mal poderá comigo
Quem comsigo naõ podia.
Quero-me aqui assentar
A' sombra, nesta hervinha,
Perque canso já de andar;
Mas inda a fortuna minha
Naõ cansa de me cansar.
Junto desta fonte pura
Naõ sei quem cuido qu'está;
Mas no coraçaõ me dá,
Que aqui me guarda a ventura
Algũa ventura má.
Ou ganhado, ou bem perdido,

Fa-

Faça, em fim, o que quizer,
Que eu o fim disto hei de ver;
Que já venho apercebido
A tudo quanto vier.
Oh que formosa Serrana
A' vista se me offerece!
Deosa dos montes parece;
E se he certo que he humana,
O monte naõ a merece.
Pastora taõ delicada,
De gesto taõ singular,
Parece-me que em lugar
De perguntar pola estrada
Por mim lh'ei de perguntar.
Atéqui sempre zombei
De qualquer outra pessoa
Que affeiçoada topei;
Mas agora zombarei
De quem se naõ affeiçoa.
Serrana, cuja pintura
Tanto a alma me moveo;
Dizei-me: Por qual ventura
Andareis nesta espessura,
Merecendo estár no Ceo?

Flor. Tamanho inconveniente
Andar na serra parece?
Pois a ventura da gente
Sempre he mui differente,
Do que ao parecer merece.

Van. Tal resposta he manifesto
Naõ se parecer co' as cabras;

Pois naõ vos parece honesto
Saberdes matar co' o gesto,
Senaõ inda com palabras.
No mato tudo he rudeza.
Ha tal gesto, e diferiçaõ?
Naõ o creio.
Flor. Porque naõ?
Naõ suppꝛirá natureza
Onde falta criaçaõ?
Van. Já logo nisso, Senhora,
Dizeis, senaõ sinto mal,
Que do vesso natural
Naõ era serdes Pastora.
Flor. Digo, mas pouco me val.
Van. Pois quem vos pôde trazer
A' conversaçaõ do monte?
Flor. Perguntai-o a essa fonte,
Que as cousas duras de crer,
Hum as faça, outro as conte.
Van. Esta fonte, que está aqui,
Que sabe do que dizeis?
Flor. Senhor, mais naõ perguntein,
Porque outra cousa de mi,
Sabei, que naõ sabereis.
De vós agora sabei,
O que naõ tendes sabido:
Se quereis agua, bebei:
Se andais por dita perdido,
Eu vos encaminharei.
Van. Senhora, eu naõ vos pedia,
Que ninguem m'encaminhasse;

Que

Que o caminho que eu queria,
Se o eu agora achasse,
Mais perdido me acharia:
Naõ quero passar daqui,
E naõ vos pareça espanto,
Que em vos vendo me rendi;
Porque quando me perdi,
Naõ cuidei de ganhar tanto.

Flor. Senhor, quem na serra mora
Tambem entende a verdade
Dos enganos da Cidade:
Vá-se embora, ou fique embora,
Qual for mais sua vontade.

Van. O' lindissima donzella,
A quem a ventura ordena
Que me guie como estrella;
Quereis-me deixar a pena,
E levar-me a causa della?
E já que vos conjurastes
Vós e amor para matar-me,
Oh naõ deixeis d'escutar-me:
Pois a vida me tirastes,
Naõ me tireis o queixar-me.
Que eu em saugue, e em nobreza,
O claro Ceo me extremou;
E a fortuna me dotou
De grandes bées, e riqueza,
Que sempre a muitos negou.
Andando caçando aqui,
Apoz hum cervo ferido,
Permittio meu fado assi,

Que

Que andando dos meus perdido,
Me venha perder a mi.
E porque inda mais passasse
Do que tinha por passar,
Buscando quem m'ensinasse,
Porque via me tornasse,
Acho quem me faz ficar.
Que vingança permittio
A fortuna n'hum perdido!
Oh que tyranno partido,
Que quem o cervo ferio,
Vá como cervo ferido!
Ambos feridos n'hum monte,
Eu a elle, outrem a mi:
Huma differença ha aqui,
Qu'elle vai sarar á fonte,
E eu nella me feri.
E pois que taõ transformado
Me tem vossa formosura,
Hum de nós troque o estado,
Ou vós para o povoado,
Ou eu para a espessura.

Flor. Dos arminhos he certeza,
Se lhe a cova alguem çujar,
Morar fóra antes d'entrar:
D'estimar muito a limpeza
Pola vida a vai trocar.
Tambem quem na serra mora
Tanto estima a honestidade,
Que antes toma ser Pastora,
Que perder a honestidade,

A troco de ser Senhora.
Se mais quereis, esta fonte
Vos descubra o mais de mim:
O que ella vio, ella o conte;
Porque eu vou-me para o monte,
Porque ha já muito que vim. *Vai-se Florim.*

SCENA III.

Vanadoro.

O' Linda minha inimiga,
Gentil Pastora, esperai:
Pois que tanto amor me obriga,
Consenti-me que vos siga;
Vá o corpo onde alma vai.
E pois por vós me perdi,
E neste estado amor me pôs
Os olhos com que vos vi,
Pois os deixaste sem mi,
Oh naõ os deixeis sem vós.
Porque a fortuna me disse,
Que nas serras, onde andais,
Em estes extremos tais,
Naõ era bem que vos visse
Para naõ ver de vós mais.
E pois amor se quiz ver
Da livre vida vingado,
Em que eu sohia viver,
Faça em mi o que quizer,
Que aqui vou ao jugo atado. *Vai-se Vanadoro apoz de Florimena.*

SCE-

SCENA IV.

Entra Dom Lusidardo pai de Florimena, que quer ir em sua busca, e o Monteiro, e Filodemo, e diz Dom Lusidardo.

Lusid. OH Santo Deos verdadeiro,
A quem o Mundo obedece!
Meu filho naõ apparece:
E que me dizeis Monteiro?
Mont. Digo-lhe que m'entristece.
Que eu corri por esses montes,
Bem quinze leguas, ou mais,
E busquei polos casais,
Por serras, montes, e fontes,
Sem ver novas, nem signais.
Toda a gente que levou,
Buscando-o, muito cansada,
Pelo mato anda espalhada;
Mas ainda nimguem tornou,
Que soubesse delle nada.
Lusid. Oh fortuna nunca igual!
Quem me fará sabedor
De meu filho, e meu amor,
Que se he muito grande o mal,
Muito mór he o temor?
Quem tolhe que naõ achasse
Algum leaõ temeroso,
N'algum monte cavernoso,
Que sua fome fartasse,
Em seu corpo taõ formoso?

Quem ha que saiba, ou que visse,
Que das montanhas erguidas
D'algum monte naõ sahisse,
E com seu sangue tingisse
As hervas nelle nascidas?
O' filho, vai-me a lembrar,
Quantas vezes vos mandava,
Que deixasseis o caçar:
Naõ cuidei de adivinhar
O que fortuna ordenava.
Eu irei, filho, buscar-vos:
Por esses montes, por hi;
Ou a perder-me, ou cobrar-vos;
Que morte que quiz matar-vos,
Quero que me mate a mi.
Onde fostes, fenecido
Seja tambem vosso pai;
Ser-me-ha acontecido,
Como virote que vai
Buscar outro que he perdido.
Vós só haveis de ficar,
Filodemo, encarregado
Para esta casa guardar,
Que de vosso bom cuidado
Tudo se póde fiar.
Ide-vos a fazer prestes,
Mandai cavallos sellar;
Pois achá-lo naõ pudestes,
Ir-m'heis buscar o lugar
Onde da vista o perdestes. *Vaõ-se.*

SCE-

SCENA V.

Entra o Bobo com o vestido de Vanadoro, a quem Vanadoro o deo, por se vestir de Pastor, e diz cantando.

LOs mochachos del Obispo
No comen cosa mimosa,
Ni çanca d'araña, ni cosa mimosa.

Falla.

De su sayo colorado
Tan loçano me vestiò!
Y pues yo ya no soy yo,
Ya por otro estoy trocado,
Que este sayo me trocò.
Oh que asno Portugues,
Que loco por Florimena,
Desseò çamarra agena;
E dame por enterès,
Una çamarra tan buena!
Como yo vi la bovilla
Andar con el en questiones,
Y pararsele amarilla,
Dixele: Florimenilla,
Andais en dongolondrones?
El me dixo: Matalote,
No tengais dello desmayo:
Y en esto, como un rayo,
Tomome mi capirote,

Y diome ſu capiſayo.
Capirote, en buena fé,
Si vós, quando en mi entraſtes,
Capiſayo vos tornaſtes,
Que yo por eſſo cantarè,
Pues anſi me mejoraſtes.

Canta.

Lyrio, lyrio, lyrio loco,
Con que? Con capirotada.
Por hablar con la goloſa
D'amores, mirad la coſa,
Çamarrilla tan hermoſa,
Que me ha dado tan honrada,
Con que? Con capirotada.

Falla.

Yo entonces reſpondi;
Señor, dame pan y queſo,
Mas deſpues que lo entendi,
Dixe a ella: Dale un beſo,
Qu'el me diò çamarra a mi.
Agora me miraràn
Quantos a la Yglesia fueren;
Y aquellos que no me quieren,
Aora me rogaràn.
Sabeis porque no querrè?
Porque eſtoy ahidalgado;
Y quando fuere rogado,

Can-

Cantando responderè,
Que ya estoy otro tornado.

Canta, e baila.

Soropicote, picote, moças,
Aora quiero amores con vosoutras.

SCENA VI.

Entra o Pai, e diz.

Pai. HIjo Alonsillo.
Bob. Hijo Alonsito.
Pai. No me quieres escuchar?
Bob. Pues dexame suspirar.
Pai. Escuchame aora asnillo
Lo que te quiero mandar.
Vete al valle de las rosas,
Di a Anton del Lugar,
Que se puede acà llegar,
Porque tengo muchas cosas
Que importan para le hablar:
Porque es aquí allegado
A este valle un hombre honrado,
Mancebo de casta buena,
Que amores de Florimena
Le traen loco y penado.
Dize que quiere casar
Con ella, que su tormiento
No le dexa reposar;

Y

Y que venga festejar
Tan dichoso casamiento.
Bob. Dizid, padre, tambien vòs
No quereis casar comigo?
Casemos ambos adòs.
Pai. Vè, y has lo que te digo.
Bob. Responde, padre, por Dios.
Pai. Vè luego, y buelve apressado.
Anda. No quieres andar?
Bob. Pues que me aveis empuxado,
Juro a mi de desandar
Todo quanto tengo andado.
Pai Trabajoso es este insano;
Nunca haze lo que quereis.
Bob. Ora no os apassioneis,
Mi padrecico loçano,
Que burlava, y no lo veis.
Pai. Vete dahi.
Bob. Heme aqui.
Pai Vè donde te dixe.
Bob. Ya vengo.
Oh que padrasto que tengo,
Que assi me manda por ahi,
Sendo camino tan luengo! *Vaõ-se.*

ACTO

ACTO QUARTO

SCENA I.

Entrã Dionysa, e Solina.

Dion. O' Solina, minha amiga,
Que todo este coração
Tenho posto em vossa mão;
Amor me manda que diga,
Vergonha me diz que não.
Que farei?
Como me descobrirei?
Porque a tamanho tormento
Mais remedio lhe não sei,
Que entregá-lo ao soffrimento.
Meu pai muito entristecido
Se vai pela serra erguida,
Já da vida aborrecido,
Buscando o filho perdido,
Tendo a filha cá perdida.
Sem cuidar,
Foi a casa encommendar
A quem destruir lha quer:
Olhai que gentil saber,
Que vai comigo deixar
Quem me não deixa viver.
Solin. Senhora, em tanto desgosto
Não posso meter a mão;

Mas

Mas como diz o rifaõ,
Mais val vergonha no rosto,
Que mágoa no coraçaõ.
E bofé, se tanto amasse,
E visse tempo, e sazaõ,
Sem seu pai, sem seu irmaõ,
Que a nuvem triste tirasse
De cima do coraçaõ.

Dion. Ah mana, que tenho medo,
Que s'eu em tal consentisse,
Que logo o Mundo o sentisse,
Porque nunca houve segredo,
Que, em fim, se naõ descobrisse.

Solin. Se eu tantas dobras tevesse
Como quantas houve erradas,
Sem que o mundo o soubesse,
A' fé qu'eu enriquecesse,
E fosse das mais honradas.

Dion. Sabeis que tenho em vontade?

Solin. Que podeis, Senhora, ter?

Dion. Fallar-lhe, só para ver
Se he por ventura verdade
O que dizeis que me quer.

Solin. Bofé, mana, dizeis bem,
E eu o mandarei chamar,
Como para lhe rogar,
Que hum annel, que lá me tem,
Que mo mande concertar.

Dion. Dizeis mui bem.

Solin. Vou-me lá
Chamar o seu moço á falá;

E

E s'este parvo vem cá,
Com elle hum pouco rirá,
Que sempre amores me fala.
Vilardo, moço?

SCENA II.

Entra o Moço Vilardo.

Vil. QUem chama?
Solin. Vem cá, moço; eu te chamo.
Qu'he de teu amo?
Vil. Ah que dama!
Perguntais-me por meu amo,
E naõ por hum que vos ama?
Solin. E quem he esse amador,
Que quer ter comigo passo?
Será elle algum madrasso?
Vil. Eu sou o mesmo, que o amor
Me quebra pelo espinhasso.
E mais vós sabei de mi,
Se eu a dizê-lo me atrevo,
Que desqu'esses olhos vi,
Que yo, ni como, ni bebo,
Ni hago vida sin ti.
E mais para namorado
Naõ sou ora taõ madraço.
Solin. Sois muito desmazelado.
Vil. Mas antes de delicado
Caio pedaço a pedaço.
E mais eu soffrer naõ posso,

Que

Que me façais tanto fero,
Qu'estou já posto no osso,
Porque sou vosso, e revosso,
Por vida de quanto quero.

Solin. Feros está chêa a rua.
Ora estou bem aviada.

Vil. Cupido, por vida tua,
Que a naõ faças taõ crua,
Pois que te naõ faço nada.
Amor, amor, mas te pido,
Que quando se for dejtar,
Que le digas al oido:
Devieis-vos de lembrar
Neste tempo do hum perdido.

Solin. E tu já fazes coprinhas?
Ainda tu trovarás?

Vil. Quem eu? Por estas barbinhas,
Que se vós virdes as minhas,
Que digais que naõ saõ más.

Solin. Ora pois me quereis bem,
Dizei-me huma.

Vil. Ei-la aqui;
E veja o saibro que tem;
Porque esta trovinha assi,
Saiba qu'he trova do assem.

Diz o moço a trova.

Passarinhos, que voais
Nesta manhãa taõ serena;
Sabei que só minha pena
Póde encher mil cabeçais.

Solin.

Solin. O rifaõ está salgado.
Essa pena te dou eu?
Vil. Vós, e amor, que de malvado
Me tem melhor empenado,
Que nenhum virote seu.
Pois se me ouvíreis cantar!
Solin. E tu es tambem cantor?
Vil. Canto melhor que hum açor.
Quereis que vos venha dar
Musiqueta de primor?
E que vos mande tanger,
Muito melhor que ninguem?
Solin. Já isso quizera ver.
Vil. Querer-m'eis se o eu fizer,
Algum pedaço de bem?
Solin. Querer-t'ei trinta pedaços.
Vil. E esse querer dará fruito,
Que me tire destes laços?
Solin. E que fruito?
Vil. Dous abraços.
Solin. Esse fruito custa muito.
Vil. Esse he o amor que em vós ha?
Pezar de minha mái torta.
Solin. Ora hi, chamai logo lá
Vosso amo que venha cá,
Porque he cousa que importa.
Vil. Logo?
Solin. Logo nessas horas.
Vil. Naõ estarei aqui mais?
Solin. Naõ. Ainda ahi estais?
Vós haveis mister esporas.
Vil. Irei, porque me mandais. *Vaõ-se*

SCE-

SCENA III.

Entra o Pastor, e Vanadoro com elle feito Pastor, e diz o Pastor.

Past. MAs de un mez es ya passado
Que en esta sierra andais;
Y es caso mal mirado,
Que andeis guardando ganado
Por una que tanto amais.
Y si os determinais
En querer casar con ella,
Juro a mi que nada errais;
Y si esso es para havella,
En vano cabras guardais.
Ya me distes vuestra fé,
Sabenlo estas tierras todas;
Yo con ella m'engañè,
Que luego mandar llamè,
Quien festejasse las bodas.
Y agora dizis con pena,
Qu'es dura cosa casar:
Poes bolveos nora buena,
Que no aveis d'engañar
Con palabras Florimena.

Van. Quem ha de ter coraçaõ
Para tamanho temor?
Que em mim pegando estaõ,
De huma parte a razaõ,
E d'outra parte o amor.
Tambem vejo que perdella

Se-

Será minha perdiçaõ ;
Que bem me diz a affeiçaõ,
Que pouco faço por ella,
Pois naõ desfaço em quem ſaõ.

Paſt. Digoos, ſi por baxeza
Dizis que no os conviene,
Daros he una certeza,
Que en ſangre, y en nobleza,
Tanto como vós la tiene.

Van. Paſtor, digo que daqui
Farei tudo que quizerdes ;
E ſe mais quereis de mi,
Digo que vos doũ o ſi
Para tudo o que quizerdes.

Paſt. Dios os dè ſu bendicion ;
Y pues que caſais con ella,
Yo os afirmo en concluſion,
Que aun de vos, y mas della,
Verná gran generacion.
Yo me voy por ella, hijo,
Tomadla aſſi mal compueſta ;
Verná quien haga la fieſta,
Que en plazer y regozijo
Nos feſteje eſta floreſta. *Vai-ſe o Paſtor.*

SCE-

SCENA IV.

Vanadoro só.

Van. O' Ribeiras taõ formosas,
Valles, campos pastorís;
Porque vos naõ revestís
De novas flores, e rosas,
Se minha gloria sentís?
Porque naõ seccais abrolhos?
E vós, agua, que regando
Os olhos is alegrando;
Correi, que tambem meus olhos
D'alegres estaõ manando.
Ah Pastora, em quem espero
Poder viver descansado!
Comtigo guardarei gado,
Que já eu sem ti naõ quero
Nenhuma alteza d'estado.
Diga o que quizer a gente,
Tudo terei n'huma palha,
Porque está craro, e evidente,
Que naõ ha honra que valha
Contra a vida descontente.

SCENA V.

Entram tres Pastores bailando, e cantando de terreiro, diante do Pastor, que traz Florimena, e diz o Pastor.

Past. PUes el amor os obliga
A que hagais tan buena liga,
Tomando a Dios por testigo,
Daqui os la entrego amigo,
Por muger, y por amiga.
Van. Consentís nisto, Senhora?
Flor. Senhor, em tudo consento.
Van. Oh grande contentamento!
Flor. Saiba que nunca té gora
Lhe houve inveja ao tormento.
Past. Assi lo dizes bobilla?
O mala dolor os duela!
Pero no es maravilla
Quien consiente ansi la silla,
Consienta tambien la espuela.

SCENA VI.

Tornam a bailar, e cantar, e acabado, entra D. Lusidardo, e o Monteiro, que andam em busca de Vanadoro, e diz D. Lusidardo.

Lusid. TRes dias ha já que ando
Por esta larga espessura,
A Vanadoro buscando,

E o que delle vou achando
He como quer a ventura.
Mont. Senhor, cuido que lá vejo
Hũus Lavradores cantar.
Lusid. Hi diante perguntar.
Mont. Cumprido he seu desejo,
Se a vista naõ m'enganar.
Lusid. Como assi?
Mont. Elle naõ vè
Aquelle Pastor louçaõ,
Com huma moça pola mão?
Se Vanadoro nãõ he,
Nem eu o Monteiro saõ.
Past. Quien veo allà assomar,
Que se viene a nuestras bodas?
Bob. No los dexemos llegar,
Que nos vernan a roubar,
Juro a mi, las migas todas.
Lusid. O' Vanadoro, meu filho,
Es tu este?
Van. Tal estou,
Que cuido que este naõ sou.
Lusid. Certo que me maravilho
De quem tanto te mudou.
Como estais assi mudado
No rosto, e mais no vestido!
Van. Ando já n'outro troçado,
Tanto, que fiquei pasmado
De como fui conhecido.
E se vossa mercê vem
Para me levar daqui,

Mais ha de levar que a mi;
E ha de ser quem me tem
Todo transformado em si.
Bob. Esso porque lo entendeis?
Por las migas, por ventura?
Boto a tal no llevareis:
Por mas y por mas que andeis
No hareis tal travessura.
Van. Esta formosa donzella
Em mi teve tal poder,
Que folguei de me perder;
Pois, em fim, vim achar nella
O que naõ cuidei de ser.
Tanto em mi pode este amor,
Que a tenho recebida;
E se o erro grave for,
Aqui quero ser Pastor,
Deixe-me ter esta vida.
Lusid. He certo tal casamento?
Van. Tenha-o por cousa segura.
Lusid. Oh grande acontecimento!
Desta arte sabe a ventura
Aguar hum contentamento!
Past. Oigame, Señor, a mi,
Como hombre sabio, discreto,
Porque acaescio assi,
Y lo que supe hasta aqui
Lo puede tener por cierto.
Muchos años son corridos,
Que en esta fuente abierta,
En estos valles floridos,

Hallè dos niños nascidos,
Y a su madre casi muerta.
Los niños chicos criè,
Y desto cierto me arreo,
Y a la madre sepultè;
Y despues un gran desseo
De saber esto tomè.
Como yo fuesse enseñado
De chico a la magica arte
Por mi padre, qu'es finado,
Mui conoscido, y nombrado,
Soy por tal en toda parte.
Yo con yervas de la sierra,
Animales, y otras cosas,
Harè, si el arte no se yerra,
Que desciendan a la tierra
Las estrellas luminosas
Soy, en fin, certificado,
Que la madre de los dos
Fue Princeza d'alto estado,
E por un caso nombrado
La traxo a esta tierra Dios.
El macho, como creciò,
Desseoso de otro bien,
A la Corte se partiò:
La hembra es esta por quien
Vuestro hijo se perdiò.
Y si mas quiere, Señor,
De mi arte prestamente,
Dello le harè sabedor;
Mas ha de ser de tenor,

Que no lo ſepa la gente.
Lusid. Mas vamos-nos, ſe quereis,
Que naõ ſoffro dilaçaõ,
A minha caſa, e entaõ
Lá diſſo me informareis,
Que caſo he de admiraçaõ.
E vós, filho, naõ cuideis
Que a gloria de vos achar
Naõ he tanto d'eſtimar
Que em qualquer eſtado que eſteis,
Naõ folgue de vos levar. *Vaõ-ſe todos.*

ACTO QUINTO

SCENA I.

Entra Solina, e diz vendo vir a Filodemo

Solin. EIs Filodemo lá vem
Aſinha: acodio ao leme.
Dion. Iſſo he de quem quer bem;
Mas naõ ſei ſe o vio alguem,
Porque quem eſpera teme.
Agora me quizera eu
Daqui cem mil legüas ver.
Filod. Folgára eu aſſi de ſer,
Porqu'eſte cuidado meu
Fora mais de agradecer.

Que

Que quando por accidente
Da fortuna desastrado,
Fosse apartado da gente
N'hum deserto, onde sómente
Das feras fosse guardado:
E por ferro, fogo, e agoa,
Buscar minha morte iria:
A voz ronca, a lingua fria,
Tamanho mal, tanta mágoa,
A's montanhas contaria.
Lá mui contente, e ufano,
De mostrar amor taõ puro,
Poderia ser que o dano,
Que naõ ouve hum peito humano,
Que movesse hum monte duro.

Dion. Nesse deserto apartado
De toda a conversaçaõ
Merecieis degradado
Por justiça, com pregaõ,
Que dissesse, por ousado.
E eu tambem merecia
Metida a grave tormento,
Pois que como naõ devia,
Vim a dar consentimento
A taõ sobeja ousadia.

Filod. Senhora, se me atrevi,
Fiz tudo o que amor ordena;
E se pouco mereci,
Tudo o que perco por mi,
Mereço por minha pena.
E se amor pode vencer,

Le-

Levando de mi a palma,
Eu naõ lho pude tolher;
Que os homẽes naõ tem poder
Sobre os effeitos da alma.
E ainda que pudéra
Resistir contra o mal meu,
Saiba que o naõ fizera;
Que pouco valêra eu,
Se contra vós me valêra.
Naõ deve logo ter culpa
Quem se venceo d'armas tais:
Assi que nisto, e no mais,
Tómo por minha desculpa
Vós mesma, que me culpais.
E se este atrevimento,
Com tudo, for de culpar,
Acabai de me matar;
Que aqui tenho hum soffrimento
Que tudo póde passar.
E se esta penitencia,
Que faço em me perder,
Algum bem vos merecer,
Fique em vossa consciencia
O que me podeis dever.
Que dizeis a isto, Senhora?

Dion. Eu que vos posso dizer?
Já naõ tenho em mi poder,
Segundo me sinto agora,
Para poder responder.
Respondei-lhe, vós Solina,
Pois que a vós me entreguei.

Solin.

Solin. Bofé naõ refponderei.
Veja elle o que determina.
Dion. Naõ o vejo, nem o fei.
Solin Pois eu tambem naõ fei nada.
Dion. Porque?
Solin. Do que eu fizer,
Se defpois fe arrepander,
Dirá que eu fui a culpada.
Dion. Eu fó quero a culpa ter.
Solin. Senhora, por naõ errar.
Naõ quero que fique em mim.
Efta noite no jardim
Ambos podem praticar,
Como ifto venha a bom fim.
Lá poderáõ ajuftar
Entr'ambos o parecer,
Que eu naõ m'hei niffo de achar;
Que naõ quero temperar
O que outrem ha de comer.
Dion. Vós vede a torvaçaõ,
Que fá neffa cafa vai?
Solin. Dá-me cá no coraçaõ,
Que he vindo o Senhor feu pai,
Com o Senhor feu irmaõ.
Dion. Filodemo, hi-vos em bora,
Fallai depois com Solina.
Solin. Vamos-nos tambem, Senhora,
Recebet feu pai lá fóra,
Naõ venha fentir a mina. *Vaõ-fe todos.*

SCENA II.

Entra Vilardo, e Doloroso, que vem dar huma musica a Solina com os Musicos, e diz logo Vilardo.

Vil. ASsi que te contava, Doloroso, destas em que sempre andam rugindo as sedas.

Dolor. Avante, que bem sei que o naõ dizeis polas sedas de Veneza.

Vil. Já sabeis que esta nossa Solina he taõ Celestina, que naõ ha quem a traga a nós.

Dolor. Logo parece moça brigosa, que por dá cá aquellas palhas, dará e tomará quatro espaldeiradas; e ao outro dia quem ha de cuidar que huma mulher de sua arte ha de querer bem a hum parvo como a ti; porque estas taes saõ como homens sisudos; se de noite se acham em algum arruido, onde possam fugir sem serem conhecidos, facilmente o fazem; e ao outro dia, quem ha de cuidar que hum homem taõ honrado havia de fugir: outros dizem, bem póde ser, porque noite escura he capa de Judeos, e de envergonhados.

Vil. Mui gentil comparaçaõ he esta; mas assi que te dizia o outro dia, assi zombando lhe prometti de lhe dar huma musica, e já chamei outros dous meus amigos, que logo haõ de vir aqui ter comnosco.

Dolor. Que tal he a musica que determinas de lhe dar? Naõ seja de siso; porque será a maior par-

parvoice do mundo; porque naõ concerta com a parvoice que tu finges.

Vil. A musica naõ he senaõ das nossas; mas faço-te queixume, que nem com hum cam de busca pude achar humas nesperas por toda esta terra.

Dolor. Nem as acharás senaõ alugadas; mas eu naõ sou de opiniaõ que teus amores te custem dinheiro. Ora já lá apparecem os outros companheiros, e eu tambem ajudarei de telhinha, ou de assovio, e vem-me isto a popa, porque daqui iremos á porta da minha padeirinha, porque ando com ella n'hum certo requerimento.

Vil. Vossas mercês vem ao proprio: boa seja a vinda. As guitarras vem temperadas?

Amig. Tudo vem como cumpre: mandai vigiar a Justiça entretanto.

Vil. Ora sus: fazei como se temperasseis cabeça de pescada com seu figado, e bucho, e canada e meia, que nunca meu pai fez tamanho gasto na sua Missa nova.

Neste passo se dá a musica com todos quatro, hum tange guitarra, outro pentem, outro telhinha, outro canta cantigas muito velhas, e no melhor diz Vilardo.

Vil. Estai assi quedos, que eu sinto quem quer que he.

Dolor. Justiça, pelo corpo de tal: ora sus: aqui naõ ha outro valhacouto que nos valha, que

pôr

pôr os pés ao caminho, e mostrar-lhe as ferraduras. *Vaõ-se todos.*

SCENA III.

Entra o Monteiro, e diz.

Mont. COmo he gracioso este mundo, e como he galante, e quaõ gracioso seria quem o pudesse ver de palanque, com carta d'alforria ao pescoço, porque naõ podessem entender nelle Meirinhos, Almotacés da limpeza, trabalhos, esperanças, temores, com toda a outra cabedella de enfadamentos! Ora notai bem de quantas côres teceo a fortuna esta manta d'Alentejo: perdeose Vanadoro na caça, eis a casa toda envolta como rio: o pai enfadado, a irmãa triste, a gente desgostosa; tudo, em fim, fóra do couce; e o galante aposentado nos matos com trajos mudados como camaleaõ, decepado dos pés, e das mãos, por huma Serraniça d'Alentejo; e veio acaso a sahir de maneira fóra da madre, que a recebesse por mulher; e rapa oleo, e chrisma de quem he, e renega todas as lembranças de seu pai; pois tanto tomou ao pé da letra o que Deos disse: Por esta deixarás teu pai, e mãi. E attentai isto por me fazer mercê: cuidareis que este caso era solus peregrinus: sabei que os naõ dá a fortuna senaõ aos pares, como quédas. Dionysa mais mimosa, e mais guardada

de seu pai que bicho de seda, moça sem fel como pombinha, que nos annos naõ tinha feito inda o enoquim; mais formosa que huma manhãa do S. Joaõ, mais mansa que o Rio Tejo, mais branda que hum Soneto de Garcilasso, mais delicada que hum pucarinho de Natal; em fim, que por meia hora de sua conversaçaõ se poderá soffrer huma pipa com cobra, e gallo, e doninha, como a parricida; com tanto que dissesse o pregaõ, o porque; e porque vos naõ fieis em castanhas, naõ sei se diga, se o cale, que de magoado me trava pola manga a falla da garganta; mas, com tudo, naõ ha quem se tenha; seu pai a achou esta noite no jardim com Filodemo, mais arrependida do tempo que perdêra, que do que alli perdia: eu, coitado de mi, que meta os dentes nos cabeçaes se desejar ave de penna.

SCENA IV.

Entra Duriano, como cantando.

Dur. TI ri ri, ti ri raõ.

Mont. Que he isso, Senhor Duriano? Que descuidos saõ esses? Onde he cá a ida agora?

Dur. Vou assi como parvo, porque o melhor he naõ saber homem nada de si.

Mont. Que dizeis a vosso amigo Filodemo, que assi se soube aproveitar do tempo que ficou só

cum

em casa?

Dur. Eu que hei de dizer? Digo que descreo desta minha capa, senaõ he isso caso para sahir com elle a desafio.

Mont. Porque?

Dur. Porque naõ basta que lhe dê a fortuna gostos taõ medidos sobre o funil, que lhe põe nos braços Dionysa, a mais formosa dama que nunca espalhou cabellos ao vento; senaõ ainda para o assegurar em sua boa ventura, lhe vem a descobrir, que he filho de naõ sei quem, nem quem naõ.

Mont. Esses saõ outros quinhentos. Cujo filho dizem que he? Que eu ouvi já sobr'isso naõ sei que fabulas.

Dur. Dir-vo-lo-hei, pasmareis, que naõ he menos que Principe; e peor ainda. Nunca ouvistes dizer de hum irmão do Senhor Dom Lusidardo, que aggravado delRei, se foi para os Reinos de Dinamarca?

Mont. Tudo isso ouvi já.

Dur. Pois esse galante, em satisfaçaõ de muitas mercês que ElRei de Dinamarca lhe fizera, meteo-se d'amores com huma sua filha, a mais moça; e como era bom justador, manso, discreto, galante; partes que a qualquer mulher abalam; desejou ella de ver geraçaõ delle; senaõ quando, livre-nos Deos, se lhe começou d'encurtar o vestido, que estas cidras naõ se desistem em nove dias, senaõ em nove mezes: foi-lhe a elle entaõ necessario acolher-se co' ella,

la, porque naõ colhessem a ella co' elle: acolheu-se em huma galé; e vêde-la Princeza em huma galera nueva, con el marinero, a ser marinera. Finalmente, vindo navegando todo esse Oceano Germanico, bancos de Frandes, Mar d'Inglaterra, e trazidos á costa d'Hespanha, naõ os quiz a ventura deixar gozar do repouso que nella buscavam: deo-lhe subitamente tamanha tormenta, que sem remedio deo a galé á costa, onde feita pedaços morrêram todos desastradamente, sem escapar mais que a Princeza com o que trazia na barriga, a quem pareceo que a fortuna guardava para dar o descanso, que a seu pai e mãi negára. Sahio, finalmente, a moça na praia, tal qual o temeroso naufragio deixaria huma Princeza mais delicada que hum arminho; e indo assi a pobre mulher pola terra estranha, e despovoada, e sem quem a encaminhasse por onde; despois de ter perdido tanto a esperança de ter algum remedio, dando-lhe as dores de parto, junto de huma fonte, aonde em breve espaço lançou duas crianças, macho, e femia, como vizagras; e como a fraca compreiçaõ da delicada mulher naõ pudesse sustentar tantos, e taõ desacostumados trabalhos, facilmente deo a vida que tanto havia que desejava de dar, deixando vivos aquelles dous retratos della, e de seu pai, que por causa de seus nascimentos a vida lhe tiráraram, como acontece a viboras. E como as crianças fossem destinadas ao

que

que vedes, naõ faltou hum Paſtor que as criaſſe, que alli veo ter, dando a mãi a alma a Deos: de maneira, que por naõ gaſtar mais palavras, o macho he voſſo amigo Filodemo, e a femia he a Serrana Florimena, mulher que he já de Vanadoro.

Mont. Eſtranhas couſas me contais. Aſſi que, logo de ſeu pai herdou Filodemo namorar a filha do Senhor que ſerve: naõ haverá logo por mal o Senhor Dom Luſidardo tomar por genro, e nora, quem acha por ſobrinhos.

Dur. Sabei, que chora de prazer com elles, (que já diz que acha que Filodemo ſe parece natural com ſeu irmão; e Florimena com ſua mãi.)

Mont. Dai-me a entender, como ſe creo taõ de ligeiro o Senhor Dom Luſidardo, do quem iſſo contou.

Dur. No caſo naõ ha dúvida; porque o Paſtor que hi achaſtes, lhe certificou todo o caſo; e fez ao Paſtor muitas mercês, e mandou fazer muitas feſtas ſolemnes. Vanadoro, caſado com ſua mulher, e prima; e Filodemo, que o meſmo parenteſco tem com a Senhora Dionyſa, eſtaõ fóra de crer tamanho contentamento; cuido que zombam delle.

Mont. Ora deixa-me ir a ver o roſto a eſſe velhaco de Filodemo; pois de meu maralote ſe me tornou Senhor, que creio que vem o Senhor Dom Luſidardo: diſſimulemos.

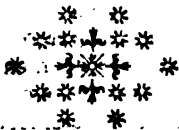
SCE-

SCENA V.

Entra Dom Lusidardo com Vanadoro, que traz Florimena pela mão; e Filodemo traz a Dionysa, e diz Dom Lusidardo.

QUem naõ ficará pasmado
De ver que por tal caminho,
Tem a ventura ordenado,
Filodemo, meu criado,
Vir ser meu genro, e sobrinho!
Quem naõ pasmará agora
De ver a ventura minha,
Que tem tornado n'hum'hora,
Florimena, huma Pastora,
Ser minha nora, e sobrinha!
Dem-se graças ao Senhor,
Cujo segredo he profundo;
Pois que vemos que quiz dar
A ventura, e o amor,
Por prazeres deste mundo.

Vaõ-se todos, e fenece a presente Obra.

FRA-

FRAGMENTOS
DE ALGUMAS OBRAS
DE
LUIS DE CAMÕES,

Achados por Manoel de Faria e Sousa em diversos Manuscriptos.

O Seguinte Soneto, que he o 197 nesta Ediçaõ, foi tirado a Luis de Camões, quando ainda de todo o naõ havia emendado. Sahio impresso em nome do Licenciado André Falcaõ, a pag. 299. de hum Livrinho de versos, que, ás Reliquias que se collocáram na Igreja de Saõ Roque, imprimio Manoel de Campos em Lisboa no anno de 1588. As lições várias da Lusíada; o Soneto a Manoel Barata, que he o 187, impresso primeiramente com os seus Traslados, e depois nas Rhythmas; o Soneto a Nossa Senhora, impresso primeiro no Livrinho das Reliquias da Igreja de Saõ Roque, e depois tambem nas Rhythmas, onde he no número o 197; e final-

mente a Ode VIII, que, em obsequio de Garcia de Horta, e no seu Livro das *Drogas*, *e cousas Medicinaes da India*, imprimio em Goa no anno de 1563, por João de Andem, a qual vimos ao depois muito differente nas Edições de Lisboa, mostraõ claramente o muito que o Poeta emendava, e melhorava as suas Composições.

SONETO.

OH quanto aprouve, oh quanto contentou,
Maria, unica Phenix, Virgem pura,
Ao Fazedor de tudo a tua feitura,
Pois para si te fez, e reservou!
Em seu Conceito eterno te gerou,
Primeiro que a primeira creatura:
Tua incorrupta, e perpetua formosura,
Antes que o tempo, em si nos fabricou.
Divinissima Phenix, que voaste
Taõ alto em tuas humanas qualidades,
Que toda creatura atraz deixaste!
Mãi de Deos, Filha, e Esposa a ser chegaste,
E a ter só huma, taes tres dignidades,
Com que a Tres em Hum só tanto agradaste.

A Oitava que se segue apparecia em hum Manuscripto, depois da XIII, nas primeiras Estancias, que saõ a D. Antonio de Noronha, sobre o desconcerto do Mundo. Parece que allude o Poeta no fim della ao que diz Salomaõ no Cap. primeiro do Ecclesiastes: *Ecce magnus effectus sum, &*

præ-

præcessi omnes sapientia, &c. Et mens mea contemplata est multa sapienter, & didici, &c. Et agnovi quod in iis quoque esset labor, & afflictio spiritus: eo quod in multa sapientia multa sit indignatio: & qui addit scientiam, addit & laborem.

Que monta mais mandar, que ser mandado?
Que monta mais ser simples, que sabido?
Se tudo, em fim, tem termino forçado;
Se tudo está aos fados submettido?
Do mando o temor vem, que exprimentado
Assi foi por Democles, e entendido.
Do saber, como o canta Salomaõ,
Vem os trabalhos, vem a indignaçaõ.

A seguinte Elegia achou Manoel de Faria taõ estragada, e perdida de erros, que naõ faz mençaõ della, senaõ para que se veja o damno que nas Obras do Poeta fizeram Copiadores ignorantes. Da mesma sorte a damos: e he escripta em nome de certa Dama, a qual se correspondia com D. Antonio de Noronha, que havia passado a militar em Ceuta.

AAonio, que de amor solto fugia,
A bella Galatéa em vão chamava:
E Aonio, Aonio o eco respondia.
E agora comsigo só fallava,
Ora co'o mar, ora co'a triste sorte,
Ora co'o Tejo, onde chorando estava.

Pois me naõ ouve Aonio em mal taõ forte,
Ouvi, ondas, a propriedade que imitava
A causa, porque estou chorando a morte.
Que a troco de amor puro, e de verdade,
(Quem haverá no Mundo, que isto crea?)
Me deixa em pranto, e triste saudade.
Dizia-me: ó cruel minha Galatéa;
Primeiro que eu deixe o vosso Tejo,
Tornará atraz co' o curso a rica arêa.
Mas ai triste de mim que ainda vejo,
Como de antes, levar ao Oceano,
E a ti naõ, que he só o que desejo!
Se com quem te deo a alma usaste engano,
Ingrato, quem espera de ti já agora
Tirar nunca, senaõ vergonha, e dano?
Vas-te, cruel, da patria fora,
Por esse mar, entregue ao fero vento,
Fugindo de quem te ama, e quem te adora?
E deixas assi só isento
Esta pura corrente, este tranquillo,
E socegado porto, e o fresco vento?
Onde move hum som com suave estillo,
Sem sobresaltos da Aurora peregrina,
A vontade de quem cá quer ouvillo.
E se a rogos mortaes o Ceo se inclina,
Peço-lhe, que o mar te traga, e ponha espanto,
Vingando-me da fé falsa, e malina.
Porque a ninguem taõ puro, honesto, e santo
Amor deixar naõ queira, antes procure
Louvá-lo com suave, e amoroso canto.
Porque naõ haja alguem, que se assegure
A buscar por o mar injusto, e fero, Em-

Empregos, em que a vida se aventure.
Mas, sem ventura, ai! para que quero
A morte ver daquelle ingrato, e duro,
Se delle já ter bem naõ espero?
Seja-lhe sempre o Ceo sereno, e puro
O mar, o vento brando, a sorte amiga,
O porto que tomar firme, e seguro:
Para que nunca mais alguem naõ diga,
Que minhas cousas foram causa, ou parte
De ser-lhe irado o Ceo, fortuna imiga.
Oh quaõ suave tu em toda a parte
Possas correr co' o Ceo doce, e brando,
Levaste este, que me leva a melhor parte.
Que eu por a sombra, por a luz passando
Ficarei sempre em minha dura sorte,
Sem descansar hum hora suspirando;
Ou veja a Aonio, ou veja a dura morte.

Em hum Manuscripto appareciam certos troços da Ecloga terceira, os quaes o Poeta reprovou, e diziam assim:

Quero deixar o que he já taõ passado:
Se deo cuidado, naõ me dê paixaõ:
Os dias vaõ gastando estes cuidados:
Pois saõ passados meus contentamentos,
Naõ dem tormentos já tantas lembranças
De taes mudanças: mas por este prado
Levando o gado o quero apascentar:
Quero deixar de me perder por quem,

* * * *

De bellas cores está cheio o prado;
Doce cuidado nelle já logrei:

Se

Se me enganei acaso co' hum Pastor,
Culpa he de amor, que foi conversaçaõ.

* * * *

Se me enganava em quanto me dizia,
O que eu queria me vedava o ver:
Quem muito quer, he leve de enganar:
Quero deixar o que he já taõ passado:
Se deo cuidado, naõ me dë paixaõ.
Os dias vaõ gastando estes cuidados:
Pois saõ passados meus contentamentos;
Naõ dem tormentos já tantas lembranças
De taes mudanças: mas por este prado
Levando o gado o quero apascentar:
Quero deixar de me perder por quem,

* * * *

Em hum Manuscripto foi achada parte de huma Elegia, escripta de Aonio para Galatéa, e dizia desta sorte:

Por verdes campos, valles, e arvoredos,
Galatéa se vai, que naõ cessava
Jámais de lhe contar os seus segredos.
Aonio, quando vio que se mostrava
Taõ cruel quem lhe tinha o seu desejo,
A' sombra de huma faia assi cantava:
Por onde vás, amor, que te naõ vejo?
Por quaes bosques reconditos te escondes?
Em qual rio estarás, pois naõ no Tejo?
Ouves-me, Galatéa, e naõ respondes?
Naõ vês a quem por ti tem descoberto
Tal amor, a que tu mal correspondes?

OBRAS

OBRAS SUPPOSTAS, OU ATTRIBUIDAS A LUIS DE CAMÕES.

Veja-se a Prefaçaõ deste IV. Tomo.

TERCETOS A ELREI DOM SEBASTIAM.

REi bemaventurado, em quem parece
Aquella alta esperança já cumprida,
De quanto o Ceo, e a terra te offerece;
De Deos formosa planta, concedida
A lagrimas de amor, e lealdade,
Bem nosso só, de nossa vida vida;
Em quanto esta innocente, e branda idade
Por Deos crescendo vai felicemente,
Té o Mundo encher de nova claridade;
Em quanto este teu Povo, e do Oriente
Novo accrescentamento por ti esperam,

De

De outros Reis, d'outras terras, d'outra gente;
 Taes promessas os Ceos de ti nos deram
No teu taõ milagroso nascimento,
E esprito igual em ti a ellas puzeram.
 Eu levado de amor, de santo intento,
(Quem ante essa brandura temeria?)
Deter-te com meu verso hum pouco espero.
 Despois virá hum taõ ditoso dia,
Que as tuas Reaes Quinas despregadas
Na multidaõ de toda a Barbaria,
 As victoriosas frotas carregadas
Das captivas corôas, e bandeiras,
De outro esprito maior sejam cantadas.
 Agora ouve, Senhor, as verdadeiras
Musas, que levam os Reis a esta alta gloria;
Tendo por armas só vélas ligeiras.
 Quantas armadas conta a antigua Historia,
Quantos grandes exércitos perdidos,
Deixâram aos mais pequenos a victoria!
 Esses tanto no Mundo conhecidos,
Cujos nomes vencêram tantos annos,
Naõ foram só por força obedecidos.
 Naõ se subjigam coraçóes humannos
De boa vontade á força: hum peito aberto
Os vence de bom amor, sem arte, e enganos.
 Nesta sombra, onde tudo anda encoberto,
Quem da verdade vê mais que a figura!
Quem seu passo direito leva, e certo!
 Hũus falsos longes de huma váa pintura,
Com sua côr, ao parecer lustrosa,
Quantos detém com falsa formosura!

Naõ

Naõ tem côtes, nem dobras, a formosa
Verdade: que buscais, ó gente cega?
Humilde, e nua está, naõ taõ custosa.
Naõ he hum só Cupido, que almas cega;
Mais ha no Mundo que hũus sós vãos amores,
Que he tudo o que á vontade mal se entrega.
Aquelles, que do amor foraõ pintores,
Que os olhos lhe tiráraõ, e o descobríram,
Pintáram para Reis, e Imperadores.
Altos engenhos, que em figura víram
As forças deste proprio amor imigo,
Que moço, e cego, e nú, e cruel fingíram.
Cada hum traz em si mesmo seu perigo,
Herdado desta natural fraqueza,
Que tanto fazem homem de si amigo.
Iguaes somos, Senhor, na natureza;
Assi entramos na vida, assi sahimos;
O entendimento he nossa fortaleza.
Igualmente de hum só principio vimos;
Igualmente a hum fim todos corremos,
E huma estrada commum igual seguimos.
Na terra a morte, a vida nos Ceos temos:
Quanto esta terra mais que os Ceos olhamos,
Tanto caminho do bom fim perdemos.
Cegos de nós, que nos taõ mal trocamos;
Que a parte vil e baixa senhorêa,
E o mais alto ao mais baixo captivamos.
Força cruel, que dentro em nós guerrêa;
Vemos a cega vontade, a razaõ clara,
E leva assi de nós victoria fêa.
Aquelle lume que a alma illustra, e aclara,
Apa-

Apagado por nós, nelle he perdido;
Como mortos nos deixa, e desampara.
Deo o remedio Deos; eis hum erguido
Por elle em poder alto, do que o povo
He já por bem levado, ou constrangido.
Naõ he nome de Rei titulo novo;
Com elle começou o Mundo, e dura;
Por fábulas antigas naõ me movo.
Despois que daquella alta formosura
Veio o primeiro homem, e a triste sorte
O envolveo nesta sombra grossa, e escura,
Fugio a luz, entrou armada a morte;
Cumprio nova vigia, e guarda, e lei,
Que o cego mostre a luz, e obrigue o forte.
Elegeo Deos Pastor á sua Grei;
Vio tambem a razaõ necessidade,
Eis-aqui eleito hum Rei, eis outro Rei.
Conforme, e junto o povo n'hũa vontade,
N'hum só por bem commum todos poderes,
Promettendo obediencia, e fieldade,
Obrigáraõ suas vidas, seus haveres;
Prometteo o bom Rei justiça, e paz,
E remedio, e soccorro a seus misteres.
Dalli sujeito ao Rei o povo jaz;
Dalli sujeito o Rei á boa razaõ,
Da mesma luz, que em si esta força traz.
A quem todos seus bẽes, e vidas daõ
Por os livrar da injúria, e violencia,
Se lhas elle fizer, a quem se iraõ?
Será juiz a justa consciencia,
E aquelle santo, e natural preceito

De-

Deve á lei o que a fez obediencia.
  Quem o caminho ha de moſtrar direito,
Se torce delle, e ſegue a falſa eſtrada,
Como terá ſeu povo á lei ſujeito?
  Poz Deos na máo do Rei a vara alçada
Para guia do povo errado, e cego;
Mas naõ foi ſó ao ſeu deſejo dada.
  Como déſtro Piloto no alto pégo,
Co'o leme guia a náo; ora a huma parte,
Ora a outra a deſvia do vao cego.
  Naõ valem alli forças, val ſó arte;
Arte vence do mar a ira eſpantoſa;
Arte ſem ferro vence o fero Marte.
  Hydra de mil cabeças enganoſa,
Pégo de tantos ventos revolvido,
Naõ ſe vence, Senhor, com máo forçoſa.
  Em duas iguaes partes repartido
Te deo Deos teu poder em premio, em pena:
Dê-ſe a cada hum o que he devido.
  Aquelle que á ſua vontade ordena
Todas as couſas, olha com que amor
Paga o bem logo; e devagar condena.
  Naõ ſe acha alli reſpeito, nem favor;
Tanto val cada hum, quanto merece;
Iguaes ante elle ſaõ ſervo, e Senhor.
  Olha-te bem, gráo Rei, e a ti conhece,
Naſcido ſó para reger a tantos,
E deſſa grande alteza ao teu fim dece.
  Ver-te-has igual na humanidade a quantos
Mandas; verás o fim taõ duvidoſo,
Como quem tambem morre, e naſce em prantos.

Que

Que presta ser na terra poderoso,
Se o alto fim do Ceo se póem em sorte,
Que até ao Filho de Deos foi taõ custoso.
Córte o bom Rei primeiro por si, córte:
Mais vence o exemplo bom, que o ferro, e fógo:
Naõ póde errar quem contra si he forte.
Nem a propria affeiçaõ, nem brando rogo,
Tire a força á razaõ, ou á igualdade,
Nem se lhe faça sempre falso jogo.
Sómente em Deos razaõ he a vontade:
Absoluto poder naõ o ha na terra,
Antes fora injustiça, e crueldade.
Que vontade mortal, Senhor, naõ erra,
Se a justa lei, e razaõ a naõ enfrêa,
De que nasce a injustiça, e cruel guerra?
Cada hum pinta em seu peito aquella idéa,
A' qual, ou mal, ou bem, se se affeiçoa,
Assi lhe sabe formosa, ou lhe sabe fêa.
A boa guia he a aindinaçaõ boa,
A qual nasce do claro entendimento,
E com facil discurso ao melhor voa.
Tanto val, tanto póde o santo intento,
Que só por si a honra, e louvor crece,
E a obra que val dez, faz valer cento.
E quando humanamente erro acontece,
(Quem póde acertar sempre?) a culpa he leve,
E todo o bom juizo a compadece.
Que injustiçá será, que naõ releve
Naõ sahir á vontade a obra igual,
Pois pelo intento só julgar se deve?
No livre peito, e coraçaõ Real,

Esta

Está o bem commum sempre fundado:
Naõ póde de tal fonte manar mal.
Ama o povo o bom Rei, e he delle amado;
Lédo, e facil em crer, e julgar bem;
Imigo de todo o animo dobrado.
Sempre a mão larga, sempre aberto tem
O generoso peito ao premio justo;
E triste, e vagaroso á pena vem.
Este he chamado Bom, e Grande Augusto.
Da Patria Pai, Prazer, e Amor do Mundo,
Mortal imigo do tyranno injusto.
Este, logo de hum alto, e de hum facundo
Engenho até ás Estrellas bem cantado,
Voando vai na terra sem segundo.
Tal nos cresce, grão Rei, por Deos já dado
Inda maior que as nossas esperanças,
Maior que sua Estrella, e alto Fado.
Cedo teu espirito vencerá as tardanças
Do tempo, e idade, e cedo renovando
Irás dos santos Reis altas lembranças.
Começa-te já agora ir costumando
Á pôr em nós teus olhos Reaes serenos,
O mansissimo Avô teu imitando
Inteiro, e humano aos grandes e aos pequenos.

PE-

PETIÇAÕ

De huma nobre moça, presa no Limoeiro da Cidade de Lisboa, feita ao Regedor, por se dizer que fizera adulterio a seu marido, que era na India.

ESprito valeroso, cujo estado
O alto Deos prospere, e accrescente,
Regendo o fiel Reino descansado,
Com vida felicissima, e contente:
A vós, em quem o humil necessitado
Acha sempre favor, e amor ardente,
Peço queirais ouvir, que na verdade,
Zelo e amor de Deos me persuade.

Naõ vos seja pezado o atrever-me
A querer emprender sogeito alheo,
Porque fizeram lagrimas mover-me
Vir ante vós ousado, e sem receo.
E se por tal quizerdes conhecer-me,
Servindo-vos de mi, por algum meo,
O nome, o braço, a Musa, e quanto posso;
Ha já muito, Senhor, que tudo he vosso.

Quem vos isto offerece dirá quanto
Deseja muito ha já ser-vos acceito,
Porque com vosso zelo, e favor santo,
Faça meu rude verso algum proveito:
Que cobrindo-me vós com vosso manto,
A eu ser nobre tendo algum respeito,
Sei que posso ganhar o que naõ tenho,
Pois me naõ faltam forças, nem engenho.

Po-

Porém isto, Senhor, deixando á parte
Que razaõ he devida a que me guia,
A vós venho, com força, engenho, e arte,
Por influxo do Ceò que a vós me envia:
A vós a quem tem dado Apollo, e Marte,
De seus thesouros parte, e melhoria,
Venho cantar com voz rouca, e chorosa,
Por huma encarcerada desditosa.

A vós venho, Senhor, na confiança
Do vosso nome, pondo meu sentido;
Que quem em vós confia, tudo alcança,
Sendo cousa de que Deos he servido:
E pois elle vos deo justa balança
Para pezar justiça, e dar ouvido,
Ouvi a petiçaõ da miseravel,
Com quem fortuna foi taõ pouco affavel.

Ouvi da pobre Dona Catharina
O grande desamparo inopinado,
A quem nenhum remedio determina,
Ou premitte seu duro, e cruel fado:
Que se na tenra idade foi mofina,
Sua vida entregando ao vão cuidado,
Haja nisso castigo com brandura,
Porque o medo a fará viver segura.

Haja, Senhor, cuidar, que he moça pobre,
Que pobreza naõ tem nenhum respeito,
E mais naõ tendo idade, que lhe sobre,
Para saber fugir do que he malfeito:
Haja tambem cuidar, que he sangue nobre,
E ao jugo da Igreja inda sujeito,
E que póde nascer de tal processo

Hum

Hum grande e cruelissimo successo.
Certo, que com razaõ urgente, e clara,
Tem alguma razaõ a infelice,
Que se ninguem recolhe, nem ampara
A triste órphãa na flor da meninice,
A fortuna cruel, em tudo avara,
Para lhe acarretar triste velhice
Lhe entrega a honra, e pura castidade,
Nas mãos de huma cruel necessidade.
Bem sei que de ter culpa naõ carece,
Só por naõ ser do sangue seu lembrada;
Mas dê-se-lhe o castigo que merece,
E naõ para taõ longe desterrada:
Que se para lá for, bem se conhece,
Quaõ vilmente será vituperada,
Dando motivo ao rude marinheiro,
Que seja incontinente carniceiro.
Vede, Senhor, o risco a que se obriga
A desditosa, e fragil mocidade,
Se honra naõ vai buscar, ou parte amiga,
Que lhe defenda sua honestidade.
Naõ queirais naõ, Senhor, que o Mundo diga:
Ah que grande rigor, e crueldade!
Como já vai dizendo, e murmurando,
Sua grande ignorancia desculpando.
Eu certo naõ duvido, que o Piloto,
O Mestre, o Marinheiro, o Capitaõ,
Usem do costumado vicio roto
Com todas as que em seus poderes vaõ.
Dai-me vós, Senhor, hum, que estê remoto
De tal delicia, nesta occasiaõ;

E

E eu direi ser falso o que vos digo,
Tomando sobre mi todo o castigo.
Já naõ ha hi Joaõ posto em deserto,
Que seja ao Ceo, por castor, taõ acceito;
Nem ha quem naõ commetta desconcerto,
Nessa torpeza bruta, e vil sogeito:
Já naõ ha hi Hieronymo taõ certo,
Que, com pedra na máo, ferindo o peito,
Da carne estimulado, assi lhe diga:
Naõ te chegues a mi, carne inimiga.
A culpa he dos parentes descuidados,
Que vendo-a sem amparo, e sem abrigo,
Em tempo que os mais ricos, e esforçados,
Temendo a Deos, fugiam seu castigo;
Hũus para seus jardijs determinados,
Outros por onde o Ceo lhes fosse amigo,
A deixáram taõ só nesta Cidade,
Batalhando co' a vil necessidade.
Pois quem houvera ahi, que naõ cahíra
Vendo-se em tal extremo, em tal miseria?
Qual Artemisa aqui naõ consentíra?
Qual Romana Sophronia, ou qual Valeria?
E qual Lucrecia fora, que isto víra,
Que naõ rendêra o jugo á vil materia?
Qual Thebana Thimochia, ou linda Sara,
Ou qual mulher de Ulysses se negára?
Qual fora a que se víra em taõ infesta
Batalha, turbulenta, e espantosa,
Exercitando a morte rija, e mesta,
Seu duro officio, brava, e rigorosa?
Que Nympha houvera ahi, que deosa Vesta,

Em virginal estado poderosa,
Que naõ rendêra a tudo o casto nome,
Por naõ morrer nas mãos da dura fome?
 Ah valeroso espirito! Caso he isto,
Para se dar perdaõ á fraca ovelha,
Naõ seja o perdaõ seu, seja de Christo,
Pois elle a perdoar nós aconselha:
Assi nos altos Ceos sejais bemquisto,
E vos incline Deos attenta orelha,
Que vos lembre, Senhor, seu desamparo,
Pois sois dos pobres pai, e amigo claro.
 Por isso olhai, Senhor, o quanto importa
Cortar occasiões com fio agudo,
Porque naõ se cortando, abre-se porta
Do lascivo desejo ao Nauta rudo.
E se, como vos digo, esta se corta,
Olhando bem as leis do claro estudo,
Será grandeza vossa mui subida,
Dessa Real prosapia produzida.
 Olhai, que tem, Senhor, huma menina
Do ausente consorte, e filha sua,
Muito desamparada, e pequenina,
Fóra do natural despida, e nua.
Sede vós, Senhor, agua da Piscina;
A vosso zelo tudo se attribua,
Que movendo-vos elle naõ duvido,
Que tudo a ella seja concedido.

DA CREAÇAÕ E COMPOSIÇAÕ DO HOMEM.

CANTO PRIMEIRO.

I.

NA mais fresca, e aprazivel parte do anno,
A Venus dos Antigos dedicada,
Venus, Amor de Marte, e de Vulcano,
Clara Estrella do mar, e terra amada:
Por cujo influxo amigo, doce, e humano,
Se mostra a Primavera namorada,
Guiando a destra mão da naturesa
O summo Creador da redondeza:

II.

Quando a liberal terra guarnecida
Com a humidade do Ceo, e temperança;
De verde e vario esmalte revestida
Mostra dos doces fructos a esperança;
Em toda a planta, e arvore florida,
Com coroa, e odorifera abundança,
Entaõ parece mais formosa, e bella,
Co'o rigor brando da formosa estrella:

III.

Quando em sua liberdade as vagas aves,
Com lédo canto o ar sereno enchendo,
As manhããs graciosas mais suaves
E aprazíveis do fresco Abril fazendo,
Convidam a doce somno os corpos graves,
Em leves somnos vãos os entretendo,
Ajuda o rouco tom da clara fonte,
Que ao verde prado desce do alto monte.

IV.

Em huma manhãa destas, prompto, e esperto,
Me detinha hum profundo, e grão cuidado
Da estranha providencia, e alto concerto
Do Creador de tudo o que he criado:
Como despois de dar numero certo,
E ordem ao Mundo espherico formado,
Formou logo com seu saber profundo,
Do alto artificio outro pequeno Mundo:

V.

Que assi como fez só pola virtude
Da sua alta palavra lá de cima,
Naõ do fingido chaos, disforme, e rude,
Nem da vazia, e vãa materia prima,
Com ordem certa, e tal, que naõ se mude,
Os Ceos de grão vigor, virtude, e estima,
E os Elementos varios corruptivos,
Em suas qualidades compassivos.

VI.

E assi como delles n'hum momento
Formou diversos corpos de mistura,
Varios na creação, e nascimento,
No ser, composição, e na figura:
A's aves dando o ar por quasi assento,
Aos peixes agua, aos brutos terra dura;
E das quatro compostas qualidades,
Tantas fez de animaes diversidades.

VII.

Como despois de tudo ultimamente
N'hum lugar deleitoso, fresco, ameno,
Quiz formar, e criar distinctamente,
Deste grão Mundo est'outro mais pequeno;
Assi em tudo nas partes differente,
N'huma dellas caduco, vão, terreno,
N'outra immortal esprito, alto, e divino,
De razaõ, e do Ceo capaz, e dino:

VIII.

Que como no Ceo quarto o illustre Pharo,
Aquelle olho do Mundo luminoso,
De toda a luz visibil fonte, e amparo,
Corre como gigante, e alegre esposo;
Assi o entendimento, outro Sol claro,
Anda de huma a outra parte presuroso,
Lustra na parte delle mais superna,
Discorre com sua luz, tudo governa.

IX.

E quiz que os animaes inferiores,
Seu appetite só brutal tomando,
Da terra baixa, e vil habitadores,
Só os pastos attentos vaõ buscando:
E que os homées, seus superiores,
A' razaõ seus sentidos vaõ mandando;
Razaõ, que differir os faz da féra,
Que de espiritual em bruto degenera.

X.

Porque em que o fez do mais baixo elemento,
Deo-lhe mil perfeições em abastança,
Deo-lhe alma racional, entendimento,
E fê-lo, em fim, á sua semelhança:
De todo outro animal de baixo assento
Lhe deo o senhorio, e governança;
Tudo lhe sujeitou debaixo os pés,
Deixando só sujeito a quem o fês.

XI.

Como este breve Mundo, homem chamado,
Prevaricando nesta obediencia,
Do Paraiso foi por Deos lançado,
Perdendo o bom estado da innocencia;
Mas da bondade immensa acompanhado,
De seu peccado fez sáa penitencia,
Conhecendo o estado que perdêra,
E quaõ differente fora do que era.

XII.

XII.

Fazendo-se Homem Deos Omnipotente,
Immortal, Infinito, e sem medida,
Amando o homem assi taõ altamente,
Que a sua vida deo por dar-lhe vida;
Humilde, em fim, mortal, pobre paciente,
Soffreo pregado ser na Cruz erguida,
Com mil dores, tormentos, e deshonras,
Por dar comsigo ao homem eternas honras.

XIII.

Mas d'entre os mortos logo resurgindo,
Com glorioso corpo triumphante,
E ao Empyrio co' os Santos seus subindo,
Na uniaõ da Igreja Militante;
Deixa o homem, com seu sangue remindo,
De suaves remedios abundante,
Com que vencendo sempre com victoria,
Pudesse entrar na pura, e eterna gloria.

XIV.

Nesta imaginaçaõ assi passando
Estava eu a manhãa de hum fresco dia,
Quando me em licor humido banhando,
O lento somno ja me adormecia:
E daquillo que estava imaginando,
As especies tomando a phantasia,
Sonhava hum sonho assaz estranho, e doce,
Dado que verdadeiro, e certo fosse.

XV.

Porque quanto os ſentidos interiores,
Em ſua figura aſſi me apreſentavam,
Me parecia ſer que os exteriores
Em tudo claramente alli o tratavam;
Couſas maravilhoſas, e maiores,
Que humano entendimento me moſtravam,
Como aqui moſtrarei, ſe cópia tanta
Me conceder, cantando, a Muſa ſanta.

XVI.

Já todos meus eſpritos ſenſitivos,
Dos humidos vapores congelados
No frio cerebro, onde eſtavam vivos,
Pareciam de todo ſepultados;
Impedindo-me as obras aos captivos
Membros, que todos tinha já proſtrados
O ſomno, vindo da cimmeria cova,
Por me moſtrar viſaõ taõ doce, e nova.

XVII.

Quando de hum alto eſprito, poderoſo,
Arrebatado ſer me parecia,
Elevado a hum grão campo, e eſpaçoſo,
Onde o ſeu como a Cópia diffundia;
Porque era freſco, verde, deleitoſo,
De fructo, e flores cheo, e de alegria,
E aſſi o Ceo benino o temperava,
Que hum perpétuo Veraõ ſempre moſtrava.

XVIII.

XVIII.

Quatro rios formosos, e caudaes,
Regavam este campo taõ florido
De arvores, hervas, plantas, e animaes,
De toda a especie ornado, e bastecido:
Pastava o manso gado sem curraes,
Do lobo ou do leaõ pouco temido;
Viam-se as féras de maior braveza
Aqui com mansidaõ domestiqueza.

XIX.

Em tamanha abundancia, e variedade,
De individos em perfeiçaõ creados;
Tudo era paz, amor, tranquillidade,
Hũus naõ sendo dos outros aggravados:
Em conservaçaõ util, e amizade
Sincéra, e pura, todos conformados,
Na terra, na agua, no ar, bruto, peixe, ave,
Tinham vida pacifica, e suave.

XX.

Por este fresco, e bom jardim do Mundo,
A vista derramando alegremente,
Hum edificio vi nobre, e jucundo,
De alta composiçaõ, e obra excellente;
E tal architectura, que segundo
O que se via de fóra, e mais presente,
O de dentro seria mais perfeito,
E muito mais para quem fora feito.

XXI.

Moſtrava ſer no ſitio, e bom aſſento,
Inexpugnavel, claro, alto, e puro,
Com juſta proporçaõ, arte, e ornamento,
Cercado de luſtroſo, e forte muro:
Parecia com todo o pavimento
Por dentro, e fóra eſtar firme, e ſeguro;
E tudo vi, que a viſta ſe eſtendia
Em competente objecto que a ſervia.

XXII.

Alevantar-ſe ao modo de hum Caſtello
Sobre eſte campo, quaſi ſenhor nelle;
Do qual vi, que outro mais formoſo, e bello,
Parecia naſcer das coſtas delle:
E por poder melhor notá-lo, e vê-lo,
Querendo-me eu entaõ chegar para elle
Mui preſtes, naõ ſei como pareciam,
Que em chão ſubitamente ambos cahiam.

XXIII.

Deſta infelice quéda, triſte ſorte,
E ſubita mudança, a mi me vinha
Hum ſentimento intrinſeco, e taõ forte,
Como que neſte mal grão parte tinha:
Cria que me cauſava a meſma morte
Eſta deſaventura tanto minha,
E co' o grande pezar que me cercava,
O freſco campo em lagrimas banhava.

XXIV.

Entaõ mais miseravel, dura, e estranha,
Me pareçeo a nova Fortaleza,
Daquella quando ao perto a vi tamanha,
Taõ bem feita, com tanta arte, e destreza:
E logo que por grande engano, e manha,
E por traiçaõ mais que por natureza,
Cahíra este edificio com tal ruina,
Que erguê-lo só podia a Mão divina.

XXV.

Este assento já taõ verde, e taõ ameno,
Com pranto, e dor de tudo, eu já deixando;
Já me naõ parecendo o ar sereno,
Mas triste, escuro, e gravido aspirando;
Quando naõ serás tu quinhaõ pequeno
Nesta perda taõ grande, (ouvi bradando)
Que o mal que a todos toca geralmente,
Insensivel he bem qem o naõ sente?

XXVI.

E verás que o divino Entendimento
Tem de longe o remedio apercebido;
Que tudo vem de seu supremo assento,
Suavemente tudo tem provído:
E apoz o erro o arrependimento,
He ter o mal em parte soccorrido,
Que o bem sem galardaõ, e o mal sem pena,
Naõ deixa ao fim do bem quem tudo ordena.

XXVII.

XXVII.

O Castello que viste em gloria tanta,
Que com prosperidade, e grão potencia,
Senhoreava tanta terra, quanta
Ver naõ podes; a summa Providencia
Ordenou, e dispoz com ordem santa,
Que estivesse á sua obediencia,
E della em qualquer tempo se sahindo,
Perdesse o que estivesse possuindo.

XXVIII.

Que o Senhor a quem tem dado a menagem
Deste Castello os dous Alcaides móres,
Fê-los com grande amor á sua imagem,
De perfeições dotados, e primores:
Por o fructo comerem de hum pomagem
Vedado, ficando elles transgressores;
E offendendo o Senhor, pagáram o erro
Com penas, e trabalhos, e em desterro.

XXIX.

Mas porque vejas que ama piedade
Mais que o rigor este Senhor que digo,
Como quem he toda a summa bondade,
Naõ quiz ao fim chegar neste castigo:
Porque elle mesmo em tanta adversidade,
Soccorrendo ao vassallo como amigo,
O remedio lhe deo; que naõ pudera
Outrem alguem dar-lho tal, se elle o naõ dera.

XXX.

Consola-te, que a bom Senhor servimos,
Que sempre quiz, e quer que o homem viva:
O bem do summo bem vir sempre vimos,
Da sua perfeiçaõ, e gloria altiva:
O mal, a quem o passa, attribuimos,
E de sua mesma culpa se deriva;
E já tem, por naõ ser o homem desfeito,
Por elle o Senhor delle satisfeito.

XXXI.

Olha o novo edificio reformado,
Capaz de outra maior, e eterna gloria,
Que aquella em que já o viste situado,
Que, em fim, pois teve fim, foi transitoria;
Mil vezes soccorrido, e visitado
Pelo Senhor que lhe alcançou victoria
Do máo, que com enganos conquistando
Se andava em sua pena váagloriando.

XXXII.

Foi este em nossa etherea Hierarchia
Dos principaes, mas ensoberbecendo,
Trocava gloria em pena, em noite o dia,
E em seu máo zelo naõ permanecendo,
Com isto a este edificio combatia,
Até que enganosamente o foi vencendo;
Fuge a soberba, segue a humildade,
Com firme fé esperança, e caridade.

XXXIII.

XXXIII.

Entaõ como eu já claramente visse
Ser este o Esprito bom que me guiára,
O' creatura Angelica, lhe disse,
Se tua luz me naõ acompanhára
Em tanta escuridaõ, que naõ cahisse,
Nenhuma humana industria me livrára;
Pois para ver agora esta tamanha
Obra, e maravilhosa, me acompanha.

XXXIV.

As bellas mostras vejo, e boa figura,
Da Fortaleza, que antes vi formosa;
Mas quero notar bem sua compostura,
Seu fundamento, e traça artificiosa:
E especular por dentro obra taõ pura,
Taõ polida, excellente, e sumptuosa,
Que mostra, sendo a obra em tanto extremo,
Ser della o Architector alto, e supremo.

XXXV.

E como vires tudo, porque estejas
Mais prompto no que virés, e notáres,
Me respondeo o Esprito, pois desejas
Ver deste assento as mais particulares
Peças; convém que sem ninguem te vejas;
Mas se em parte sem mi alguma andares,
Tornar-me-has ver despois que o correres
Por dentro, e fóra, se o entender quizeres.

XXXVI.

XXXVI.

Isto disse, e de mi já se apartava,
Deixando-me entre confusaõ, e medo;
Mas como sobre tudo me apertava
Desejo de saber este segredo;
Do Castello que se me apresentava,
Com quanto me pezou ir-se taõ cedo
O bom Esprito que me alli guiára,
Movi o passo a ver cousa taõ rara.

XXXVII.

E como já me achasse mais ao perto,
E do que visse me certificasse,
Maravilhou-me o sitio, arte, e concerto
Deste Forte, e que assi se reformasse:
Estava posto em hum gráo campo aberto,
Como que dalli tudo senhoreasse:
Alto, grade, e formoso, era em tal modo,
Que em duas columnas sobreestava todo.

XXXVIII.

Mais que d'alvo alabastro, e obra prima,
Eram lisas, polidas, torneadas,
De subtil artificio, e grande estima,
Sobre pedestaes bem assentadas,
Mais delgadas em baixo do que em cima,
Por artificio raro bem lavradas;
E os dous pedestaes, quando se moviam,
Todo o pezo comsigo em si traziam.

XXXIX.

Era tudo taõ primo, e taõ perfeito,
Que alegremente a vista descansava:
No alto, baixo, largo, e mais estreito,
Proporçaõ ordenada se mostrava:
No capitel tinha hum dourado teito,
Que a todo este edificio mais ornava,
Do qual hũus raios de ouro dependiam,
Que ao longe mais que o Sol resplandeciam.

XL.

Nunca acabára assaz de obra taõ clara
Especular o engenho, arte, e bondade,
Se a vista entaõ dalli me naõ cegára
Minha importuna, e vãa curiosidade:
Porque senti, que entaõ se começára
Deste edificio, quasi na metade
Dos seus materiaes, huma Fortaleza
Da mesma compostura, e natureza.

XLI.

Como nas linhas entendi, e na traça,
Ser esta semelhante ao outro assento,
E que viria a ter a mesma graça,
E fórma, nelle os olhos puz attento:
E vi que da materia, e propria maça,
De que era feito o primeiro aposento,
De tres grandes sobrados, que em si tinha,
No mais baixo a fazer outro alli vinha.

XLII.

Neste sobrado baixo huma casa havia,
De grande engenho, e artificio feita,
Na qual com espantosa geometria,
A huma parte, quasi á mão direita,
Hum subtil Mestre de obra esta fazia,
Mui regalada, certa, e mui perfeita,
Sendo o Mestre para isso ardido, e quente,
Esperto, vivo, e muito diligente;

XLIII.

O qual, antes que nada começasse
De pôr em perfeiçaõ, e sua figura,
Os materiaes tomou, com que cerrasse
Huma abobada assaz humida, e escura;
E deixou só, por onde respirasse,
Hum pequeno buraco, e abertura,
E por onde viesse o mantimento
A toda a obra, e seu sustentamento.

XLIV.

E como que naõ estava inda seguro,
Porque ficasse bem certificada,
Fez dous pannos na abobada do muro,
Que assi de fóra a tinham mais guardada;
E recolher o mais sobejo, e impuro,
Da immundicia de toda a obra lançada,
E tudo o que para ella era contrario,
Admittindo sómente o necessario.

XLV.

Despois de isto assi ter nesta ordem posto,
O Forte começou perfeiçoar-se;
Tudo por tal saber, e arte composto,
Que póde encarecer-se, e naõ contar-se;
Estando edificado, e já disposto,
Para poder de novo povoar-se,
Com seus quatro retretes, e aposentos,
Janellas, atalaias guarda ventos;

XLVI.

Em parte parecia inda, com tudo,
Faltar alguma cousa á Fortaleza,
Como quem vê a estatua de hum membrudo
Corpo, a que falta o espirito, e viveza;
Ou vê hum campo solitario, e mudo,
Sem cousa viva mais que sua rudeza:
Era, em fim, este Forte assi acabado,
Como hum corpo sem alma affigurado.

XLVII.

E desejando eu vêr em que parava
Esta obra taõ estranha, e peregrina,
Huma donzella vi que nella entrava,
Formosa, clara, pura, e em fim, divina:
De improviso ella delle se apossava,
Como Senhora, mais que delle dina,
A que logo no Forte quanto havia,
Servindo alegremente, obedecia.

XLVIII.

Taõ bem feita vinha a esta alta Senhora
A Fortaleza, e armava tambem nella,
Como que feita nella entaõ só fora
Para ornamento ser, e fórma della:
Logo as partes de dentro, e as fóra,
Se começáram a mover com ella,
E se vivificáram de tal sorte,
Que o Forte se fez muito mais forte.

XLIX.

Via-se tudo ir já de dia, em dia,
Com taõ nova Senhora em crescimento;
A Fortaleza em perfeiçaõ crescia
Em boa ordem, concerto, e regimento:
E já que naõ coubesse parecia
Naquelle baixo, e humido aposento,
Onde fora composta, e bem traçada,
Pola mão de seu Mestre delicada,

L.

A grande Fortaleza, que em si tinha
Est'outra, já tambem se carregava
Com tanto impedimento, e mal sostinha
O grande pezo, e pejo, que lhe dava:
Bem que quanto de fóra bom lhe vinha,
Para a fabrica della desejava;
E deste modo já de dia, em dia,
Supportava este pejo, e agonia.

LI.

Até que, vindo tempo conveniente,
E conjunçaõ para o effeito disto,
Com força, e com industria sufficiente,
E saber deste Artifice previsto;
O Forte quasi milagrosamente
Lançado fóra dalli foi visto;
Ajudado, porém, e soccorrido
Da Fortaleza de que foi nascido.

LII.

E como do aposento fóra esteve,
Donde fundado foi desdo o começo,
Logo outro parecer crescendo teve,
Outro ser, e figura de mais preço:
A formosa donzella, a quem se deve
Deste alto crescimento o bom successo,
E louvor muito, estava satisfeita
De ter o mando em cousa taõ perfeita.

LIII.

Era de todos muito obedecida,
Era em tudo servida, e venerada,
E com quanto em prisaõ quasi metida,
Estava em parte aqui nesta morada:
Naõ era erro por naõ ser entaõ tida
Por sua casa propria em quanto amada,
Mas porque nesta a sua origem víra,
Daquella antiga torre que cahíra.

LIV.

LIV.

Porque as achegas, e materiaes,
De que era feito este novo artificio,
Tinham nas mesmas partes integraes
Do outro primeiro o rasto ainda do vicio;
Naõ só na geraçaõ, e maleficio,
Mas tambem na affeiçaõ, e tudo o mais;
E deste mal deixáram por herança,
Em a terra a semente, e semelhança.

LV.

Daqui vinha, que no discurso, e augmento
Da torre, que crescia sem detença,
A Real donzella em seu proprio aposento
Por vezes teve alguma desavença:
Foi logo no principio o regimento
Sem alguma discordia, e differença;
Mas desque a torre em forças foi crescendo,
Mal foi a gente della obedecendo.

LVI.

Com tudo a bella dama amava tanto,
Em que o original mal aborrecia,
Que vezes mil dissimulava quanto
Esta liberal gente lhe fazia:
Outra hora ameaçava com espanto,
Que a governança della deixaria,
E que como ella della, em fim, se fosse
Perderiam seu ser, figura, e posse.

LVII.

Mas já pela uniaõ, e liança estreita,
Que em casa tinha, consentia outra hora;
E da culpa em seu damno mesmo feita,
Parecia ser della a causadora:
Porque os descobridores da suspeita
Do mal, ou bem, que sentiam de fóra,
Muitas vezes o mal por bem traziam,
E a Senhora, e os criados consentiam.

LVIII.

Outra hora resistia com prudencia,
Por ser de alto, e real entendimento,
E convinha á sua alta preeminencia,
Naõ ter no mal nenhum consentimento:
Que para tudo tinha sufficiencia,
E do bem, e do mal conhecimento,
Mas já da Fortaleza parecia
Que imperfeições soffrer mais naõ podia.

LIX.

Com toda a policia edificada,
De todos os primores abundante;
Em tudo parecia consummada,
E que em nada podia ir mais avante:
Toda de fóra se mostrava ornada
De huma viveza, e graça triumphante,
Forte, nova, alta, fresca, florecente,
Rica, servida bem, léda, contente.

LX.

E como por de fóra assi estivesse,
Com tanto lustro, graça, e formosura,
Desejei ver se a isto respondesse
A fabrica de dentro, e compostura:
E porque nisto me satisfizesse,
Me pareceo com vista clara, e pura,
Que a via por de dentro, e com espanto,
Tudo como direi nest'outro Canto.

DA

DA CREAÇAÕ
E COMPOSIÇAÕ
DO HOMEM.

CANTO SEGUNDO.

I.

ALtas obras, ſoberbas, e arrogantes,
D'eſpantoſa, e ſubtil Architectura,
Houve em tempo paſſado, outras galantes
De pincel, preſpectiva, e de eſculptura:
Mil illuſtres Varões, como Timantes,
Prothogenes, Polides, na pintura,
Hum Phidias, e hũ Chryſippo, e hũ Praxitelles,
Zeuxis, Parrhaſio, e o celebrado Apelles.

II.

Dedalo o Labyrintho embaraçado
E Semiramis fez muro eſpantoſo;
Fez-ſe em Epheſo o Templo celebrado,
E em Rhodes o Coloſſo ao Sol grandioſo:
Fez ao marido ſeu Mauſolo amado,
Artemiſa ſepulchro, alto, e honroſo,
E outras torres, e altos edificios,
E de maravilhoſos artificios.

III.

Mas como feitos saõ por mão humana,
Naõ podem dilatar-se em infinito;
Por terra jaz o Templo de Diana,
E jazem as Pyramides de Egito:
Mil columnas de antiga obra Romana,
Arcos, estatuas de alto, e vivo esprito,
O tempo duro, que de tudo afferra,
Os tem desfeitos, e postos por terra.

IV.

Porém a cimetria compassada,
E sobrenatural proporçaõ viva,
Em que naõ póde o tempo ter alçada,
Do corpo humano, e Architectura altiva;
De idade a idade a vemos propagada,
Para a fazer perpétua, e que reviva,
Aquella Maõ divina lá de cima,
Que a fez de nada, e o ser lhe deo, e estima.

V.

Os Philosophos grandes, com sciencia
De incansavel industria, que alcançáram
Das cousas naturaes a propria essencia,
E todas altamente especuláram,
Nenhuma de mais alta arte, e excellencia,
Entre todas, que o corpo humano acháram,
De fórma, e de materia hum só supposto,
Com tamanho primor feito, e composto.

VI.

VI.

Mas tornando a meu ſonho, que contente
Me tinha, deſejando eu ver de perto
O mais da Fortaleza, alta, e excellente,
Que por dentro me eſtava ainda encoberto;
Naõ ſei como aſſi logo eſtranhamente
Me foi tudo moſtrado, e tudo aberto,
Como parte por parte aqui contára,
Se me a fraca memoria naõ faltára.

VII.

Eſtava a Fortaleza repartida,
Aſſi toda por dentro, em tres ſobrados,
Ou em tres principaes quartos, e cingida
Por de fóra de muros bem lavrados:
Corriam-ſe eſtes com certa medida,
E juſta proporçaõ, bem compaſſados;
E tinha cada hum delles ſeu Mordomo,
Ou Veedor de grande cargo, e tomo.

VIII.

E querendo olhar eu para o do meo,
Por lhe ver mais eſtado, ricamente
De tudo ataviado, ornado, e cheo,
Parecendo mancebo inda valente;
Maravilhou-me ver hum bom meneo
E movimento ſeu continuamente,
Com muito ar, ſem força, nem defeito,
Mas de ſeu natural hum dom perfeito.

IX.

Dava-lhe grande authoridade, e brio,
Hum tabardo de mangas, que vestia,
Com que mostrava mando, e senhorio,
Em toda a gente que na terra havia:
E por seu aposento ser de Estio,
E muito caloroso, se servia
De muitos pagées seus, que o banhavam,
E de ar sereno, e frio o refrescavam.

X.

Por estar n'huma estofa muito quente,
Movendo-se contínuo, e assi convinha,
Para o qual, como mestre diligente,
Hũus dous abanos junto de si tinha;
Aos quaes hum ar frio incessantemente
Para seu refrigerio bem lhe vinha,
Por hũus canos de fóra o admittindo,
O mais, e mais fumoso despedindo.

XI.

Desta estofa era sempre bem provída
E sustentada toda a Fortaleza,
Por seus canos lhe dando esprito, e vida,
E de seu vivo fogo a tendo accesa:
Para este fim huma casa alli escondida
Com promptidaõ estava, e com viveza,
O subtil Mestre da obra, que servia
De accender este fogo, e o partia.

XII.

E como esta grão fabrica, e estranha obra,
Toda em tres regiões se dividia,
Em partes principaes o Mestre da obra
Em todo o edificio, e companhia,
Se via diligente a toda a hora,
Porque em estas mais vivo residia,
E em que neste aposento mais morava,
Nos outros dous mudando o nome andava.

XIII.

Porém como o mover-se he com grão calma,
O Mordomo que disse valeroso,
Sujeito estava aos accidentes d'alma,
Ora lédo, ora triste, ora medroso:
Outra hora a ira, que está sempre em calma,
Dominava, e outra hora vergonhoso,
Com esperanças, sem as ter outra hora,
Se alterava, e mudava-se cada hora.

XIV.

E com conhecimento falso, ou certo,
As cousas que de fóra procediam,
Ao Mestre da obra sempre vivo, e esperto,
Desse seu aposento como viam,
Fazendo-o estar as tristes encoberto,
Por toda a torre as lédas o traziam,
Com tanta variação, que de tal ver-se,
Estava a risco ás vezes de perder-se.

XV.

XV.

Mas tinha mais, a fim de recrear-se,
Este rico Mordomo os dous abanos,
Em que bem delles foi aproveitar-se
N'outros serviços seus por outros canos;
Porque no meio delles vi formar-se
Hũa frauta coberta de dous panos,
E até o centro da torre hia direita,
Fazendo vária musica, e perfeita.

XVI.

Com huma subtil porta estava obrada,
No cabo della huma cabeça, ou chave,
Que dos pagées, e de outros bem tocada,
Causava esta harmonia taõ suave:
No som que elles queriam temperada,
Soava, ou alto, ou baixo, agudo, ou grave;
Com que gosto, e proveito recebia
O Veador, e toda a companhia.

XVII.

Tinha fortificado este aposento,
E repairado em roda hum forte muro,
E da parte de fóra hum bom assento,
Duas fontes n'hum quasi contra muro,
Que trazendo de dentro o nascimento,
O faziam de dentro mais seguro,
Mas estas duas fontes pareciam
Estar seccas entaõ, e naõ corriam.

XVIII.

XVIII.

Despois de eu ter visto parte por parte,
Desta casa do meio, e fórma della,
A fabrica, concerto, a ordem, e arte,
A providencia, e bom serviço della;
Como se alli montava cada parte
De toda a Fortaléza, assi por ella
Repartindo com grande provimento,
Seu líquido, e aparado mantimento.

XIX.

Daqui ao aposento mais de cima,
Me passei logo ao mais alto sobrado,
E se o do meio tive em muita estima,
Deste inda fiquei mais maravilhado;
Por sua perfeição, sua obra prima,
E o lugar em que estava situado;
Sobre a entrada da tórre com formosa
E aprazivel vista, e espaçosa.

XX.

Procedia com muita authoridade,
Deste quarto o Mordomo nobre, e antigo,
De huma abobada forte, e na metade,
Por ser lugar mui alto, e de perigo;
De hum siso era maduro, e gravidade,
Velho, branco, e das letras muito amigo,
E assi gastar philosophando o tempo,
Havia por mór gosto, e passatempo.

XXI.

XXI.

ſtida tinha huma roupa roçagante,
ıe por todas as partes o cobria;
huma caſa d'abobada galante,
armada de gentil tapeçaria;
ada por detraz, e por diante,
ır juntas, que a abobada fazia,
'outro panno de fóra que a guardava,
para o mais ſerviço alli eſtava.

XXII.

lém deſte grão panno, que a cercava,
ır de fóra tinha outros dous em roda,
ɔm que provída, e mais fortificada,
parecia eſtar cerrada toda:
ambem de hum muſgo, e hervas ſe adornava
: fóra a ſuperficie, e toda á roda;
ue eſtando alta aſſi, e do Sol luſtrada,
oſtrava huma formoſa côr dourada.

XXIII.

n oito partes era dividida,
m que contínua, e junta na figura,
ta abobada taõ cerrada, e unida,
ue naõ ſe diviſava ter coſtura:
as pelas em que eſtava repartida,
rvindo-ſe exhalava de miſtura
ɔdo o fumo ſobejo, que lhe vinha
ɔs ſobrados debaixo da cozinha.

XXIV.

XXIV.

Mas o ſabio Ancião, e bom Mordomo,
Que neſte alto apoſento reſidia,
Com grão cuidado, e diligencia, como
Eſperto, e prompto, eſtava noite, e dia;
Em ſua eſphera, como em celeſte tomo,
Ora do Mundo a grande Monarchia
Contemplava com grande, e vário eſtudo,
Ora o desfazer della, e de tudo.

XXV.

Para iſto livraria de diverſos
Authores tinha grande, e mui polida,
De vários caſos, proſperos, e adverſos,
Em tres camaras juntas repartida:
A primeira, ou em proſa, ou doces verſos,
Continha alegre Fábula fingida,
Leis a ſegunda, e a Philoſophia antiga,
A terceira Hiſtoria grave tinha.

XXVI.

E deſta livraria, de maneira
Compaſſadas eſtavam as eſtantes,
Que a camara ſegunda, e a primeira,
Tinham livros mudaveis, e inconſtantes:
Mas os outros, da camara terceira,
Eſtavam fixos quaſi, e mais conſtantes
E aſſi os que dos dous mais lhe aprazia,
Neſta terceira ſempre os recolhia.

XXVII.

Da sua condiçaõ, e natureza,
A par de si o Sabio outro tinha,
Que a fábrica de toda a Fortaleza
Quasi em lugar do velho pai sostinha:
E a torre, ora inclinada, outra hora teza,
Fazia estar; segundo lhe convinha,
Por meio de hum esteio de artificio,
A que encostado estava este edificio.

XXVIII.

E por detraz da abobada descia
Esta columna até o fim dos sobrados,
Pela parte de dentro oca, e vasia,
Mas com trinta canudos bem ligados:
E em que de dentro váos, de cantaria,
Eram firmes, direitos, torneados;
Ficando assi a columna desta sorte,
Coberta de dous pannos, e mui forte.

XXIX.

Por dentro da columna discorrendo,
Do velho a filha andava diligente;
Ella e o pai nas máos atadas tendo
Setenta e cinco cordas longamente:
As quaes por toda a torre se estendendo,
Despertavam para o exercicio a gente,
Dando força, e vigor ao movimento,
Que necessario era, e ao sentimento.

XXX.

Deſtas nervoſas cordas ſete pares,
O velho eſtudioſo governando,
Com cinco pares dellas os lugares
Mais ſecretos da abobada, e eſpertando
Os mais criados, e familiares
Da caſa, e os dous mais hiam liando;
E os trinta pares repartidos tinha
Por toda a torre a filha onde convinha.

XXXI.

Mas porque dos trabalhos exceſſivos
Da torre os ſervidores, e exercicio,
Se pudeſſe fazer, e andar mais vivos,
E esforçados cada hum com ſeu officio;
Foi dado aos eſpritos ſenſitivos,
E aos motivos, por grande beneficio,
Hum repouſo, e deſcanſo conveniente,
A que chamamos ſomno vulgarmente.

XXXII.

Delle era cauſa immediata, e certa;
O ſubtil Meſtre da obra, que habitava
No apoſento do meio, e tinha eſperta
Da Fortaleza a gente, e alimentava:
E quando ainda mais tinha encoberta
Sua virtude, e o fogo a conſervava,
Repouſava da torre a companhia,
O velho, e a filha as cordas naõ movia.

XXXIII.

Ajudava tambem, que as humidades,
E fumos que exhalavam, e ſubiam
Da cozinha, e das mais concavidades,
A eſta virtude o caminho impediam:
E adormecendo os velhos, e os Alcades
Da torre, os ſervidores naõ buliam,
Do movimento a cauſa aſſi ceſſando,
O ſentimento entaõ nada operando.

XXXIV.

Pola parte de fóra do artificio,
No ſobrado mais alto, e luminoſo,
Junto do capitel, e frontespicio,
Hum molde de janellas vi formoſo:
Eram tres pares, cada par ſeu officio
Diverſo tinha, e muito proveitoſo;
As mais altas de eſtranha formoſura,
Varios no ſitio, officio, e na figura.

XXXV.

Tinha cada huma dellas ſua eſpia,
E atalaia de grande vigilancia,
Que ao longe, e perto d'alto deſcobria
Tudo o que parecia de importancia:
Apreſentando logo o que ſentia,
A huma atalaia mór, que n'outra eſtancia
Deſta abobada eſtava apoſentada,
Para eſte cargo dentro deputada.

XXXVI.

Assentados estavam sobre fino
Marfim duas janellas alterosas,
Com vidraças de hum puro crystallino,
Que as fazia mais claras, e lustrosas:
E para defender-se do ar malino;
Ou d'outra cousa má, humas formosas
Cortinas de cadilhos se cerravam;
E quando era necessario abrir tornavam.

XXXVII.

Por cima da cortina, e corrediças,
Cada janella tinha sua cimalha,
Para reparo arcadas, e maciças,
Cobertas de huma curta, e secca palha:
Eram como convinha movediças,
Ambas de hũ lavor mesmo, e de hũa igualha;
E além de reparar da chuva, e vento,
Davam graças ás janellas, e ornamento.

XXXVIII.

Logo em direito estavam, e além destas,
Duas de outro feitio, e de outra arte,
Descobertas ao vento, e manifestas,
Cada huma a cada mão do baluarte:
E em caracol, e em voltas, duas frestas
Tinham feitas na mais ultima parte,
Das quaes duas escutas de vigia,
Cada huma dava aviso do que ouvia.

XXXIX.

Abaixo destas quatro inda outras duas
Por cima do portal da torre estavàm,
Com grande engenho feitas, e com suas
Espias, que do cheiro só avisavam:
Dos dous sobrados altos duas ruas
Aqui vinham, por onde se purgavam
As superfluidades, que desciam,
E dentro o fresco alento recolhiam.

XL.

Destas janellas logo abaixo estava
O grão portal da torre, e serventia,
Nesta mais alta parte, em que mostrava
Estranha architectura, e geometria:
Por aqui todo o necessario entrava
De tudo quanto a torre se servia;
E para isto poder ser sem trabalho,
Hum grão remedio se ordenou, e atalho.

XLI.

Que sobre os dous sobrados derradeiros,
E mais baixos cada hum á sua parte,
Estavam dous robustos carreteiros,
De mui grande serviço, engenho, e arte;
Que além de grandes serem, eram ligeiros;
Que chegavam correndo a qualquer parte,
Acarretando tudo com presteza,
Para conservaçaõ da Fortaleza.

XLII.

Estes dous carreteiros, sustentados
Eram por seu serviço, e provimento;
Da mesma torre, em que foram criados,
Com todo o necessario mantimento:
Tendo delles cada hum cinco criados,
Que a tudo davam grande aviamento,
E porque em seu trabalho sempre andavam,
As cabeças de bôos cascos armavam.

XLIII.

Serviam com cuidado, e diligencia;
Estes criados dez continuamente,
Sendo o principal toque, e experiencia,
Do humido, do secco, frio, ou quente:
Em qualquer mechanica Arte, ou Sciencia,
A'lém de obrarem necessariamente,
Com armas resistiam toda offensa,
Da torre; della sendo a mór defensa.

XLIV.

E de fóra da entrada, e serventia
Da torre, dous porteiros sempre estavam,
Lustrosos, e vestidos de alegria,
Que as portas com cuidado bem guardavam:
Tambem o som da frauta, e harmonia,
Com movimento seu perfeiçoavam;
E assi dos tres Mordomos dos sobrados,
Eram por isto em tudo alimentados.

XLV.

XLV.

Das portas para dentro logo entrando,
De grande fábrica hum moinho tinha,
O qual moendo eſtava, e preparando
Tudo o que havia de ir para a cozinha:
Moido, e brando dentro aſſi mandando
O mantimento, que de fóra vinha,
Com eſta proporçaõ conveniente
Se repartia, e hia a toda a gente.

XLVI.

Neſte moinho junto os dous porteiros,
Eſtando juntamente em ſeu officio,
Duros e rijos trinta e dous moleiros,
De grande força, e util exercicio:
Daqui tirados fóra outros primeiros
Foram por grão fraqueza ſua, e vicio;
E os que agora moiam com deſtreza,
Todos branco veſtiam por limpeza.

XLVII.

Tinha cada hum delles ſua morada
Em dous lanços de penedo, que havia;
Entre elles huma Dona exprimentada,
Eſperta andava, e prompta, noite, e dia:
E della era approvada ou reprovada
A farinha de quanto ſe moia,
Provando ſe era ſaboroſa, e alva,
Porque era ella gentil meſtra de ſalva.

XLVIII.

XLVIII.

Em toda a Fortaleza era importánte
O cargo desta Dona reverenda,
Sendo frauta, e intérprete elegante
Em tudo, álém do mando, e da moenda;
Dava tambem ao som doce e galante,
Da frauta o ar, compasso, graça, emenda:
Toda fábrica, em fim, desta taõ clara
Torre, sem esta Dona mal passara.

XLIX.

Mas por ser ella femia, hum quasi freo,
Por naõ ir longe, a tinha presa, e atada,
Bem que em nove criados de hum arreo,
E de huma libré andava ella encostada,
Que por ser de tal graça, e bom meneo,
Servida era de todos, e acatada;
E por julgár os gostos na verdade,
Cercada sempre andava de humidade

L.

Mas porque quando em casa repousava,
Esta humidade muita a naõ enojasse,
Duas esponjas tinha, em que tomava,
E recolhia o mais que sobejasse:
E tambem porque lá dentro importava
Todo o humido sobejo, ou ar, que entrasse,
Tinha logo álém mais huma anteporta,
Que resistia ao sobejo ar da porta.

LI.

LI.

A'lém desta anteporta pareciam
Os dous principaes canos desta torre,
Por hum delles os frescos ares hiam,
Com que o Veador do meio se soccorre:
Por outro cano tudo o que moiam
Os moleiros, e o que á cozinha corre;
E nella do primeiro cozimento,
Se preparava todo o mantimento.

LII.

Mas ao quarto do meio esta cozinha
Huma grossa parede dividia,
Porque aqui perto sua morada tinha
O Mordomo que nelle presidia:
O fogo e fumo della, que lhe vinha,
Todo tomado tem por esta via,
E co' a parede salvo, e defendido,
Fica seu aposento dividido.

LIII.

Co' hũus tres canos por onde era provída
Toda a fábrica, e gente, que aqui estava,
Estando esta parede interrompida,
Nella o quarto do meio se acabava:
Em huma grão cozinha, e bem servida,
Onde o quarto debaixo começava,
Ou tambem logo nella começando,
Tudo o que nella havia fui notando.

LIV.

LIV.

Capaz era a cozinha, e sufficiente
Para cozer-se nella o mantimento,
Que pudesse bastar a toda a gente,
E de muito artificio, e provimento:
Com vivo fogo estava sempre quente,
Para todo o serviço, e cozimento,
N'hum vaso de duas bocas, bem obrado,
Sendo tudo cozido, e preparado.

LV.

Pela boca mais alta se metia
O que vinha a cozer-se, e digerir-se;
Pela outra baixa o mais se despedia
Do que menos haviam de servir-se:
E junto desta boca baixa havia
Hũus quatro canos, para repartir-se
Hum certo manjar branco, e imperfeito,
Neste primeiro cozimento feito.

LVI.

E assi desta mesma obra outros maiores
Seis canos juntamente procediam,
Por onde da cozinha os servidores
As fezes, e superfluo despediam:
Destes canos tambem outros maiores,
Por mais apurar tudo, inda nasciam,
Por huma tea grossa derramados,
Com proveito, e limpeza assi ordenados.

LVII.

Destes seis em o baixo tamsómente
Hũus tres moços havia de serviço
Que por estar entre elles mais corrente,
Estavam nelle postos já para isso:
E no remare delle ultimamente
Estavam outros quatro tambem nisso,
Promptos em alimpar, cerrando, e abrindo,
E com outros na torre bem servindo.

LVIII.

Presidindo neste ultimo sobrado,
E quarto, inda outro principal Mordomo,
De grão negociamento, venerado,
Muito importante, e bem servindo como
Cada hum dos outros dous; alcatruzado
Hum pouco, muito grave, e homem de tomo;
Triste no parecer, mas no supposto,
Alegre no albernoz de grãa, bem posto.

LIX.

Junto á cozinha tendo o aposentó,
Mandava della vir por ordenança,
Só da primeira estancia, e cozimento,
De todo o manjar branco em abastança:
Fazia entaõ todo este mantimento
Outra vez recozer com temperança,
Que mais puro, e cada hum por sua via,
Entre todos na torre se partia.

LX.

E assi despois de já ser bem cozido
Este manjar que a todos sustentava,
Sendo em quatro licores convertido,
Diverso ser hum só na côr mostrava:
Mas destes, mal confórme, ou desmedido,
Se algum muito mingoava, ou sobejava,
Fóra de proporçaõ, e sãa concordia,
Em toda a Fortaleza havia discordia.

LXI.

Pelo contrário em justa cantidade,
Em líquido vermelho misturado,
Se este manjar se dá com suavidade,
Todo este assento está delle abastado:
Daqui deste aposento, por metade
Da torre corre inda hum, e outro sobrado,
E por cobertos canos vai mandando,
A toda a gente della alimentando.

LXII.

E com quanto assi leva sua mistura,
Por mais bastar a todos, em chegando
Ao aposento do meio, alli se apura
Summamente, e se vai adelgaçando:
E daqui o Mordomo, com mão pura,
Despois que bem o atina está mandando,
Purificando a toda a Fortaleza,
Por outros subtís canos com destreza.

LXIII.

Mas tinha eſte mais baixo em ſua eſtancia
A par de ſi, por grande beneficio
Da torre, dous criados de importancia,
Provídos cada qual com ſeu officio:
O primeiro com ſua vigilancia,
Sentindo haver ſeccura no edificio,
Por certos canos que para iſſo tinha,
Eſpertava grão ſede na cozinha.

LXIV.

Veſtia-ſe de hum verde ſempre eſcuro,
Por extremo colerico, e agáſtado,
E taõ azedo, que por todo o muro
Se via andar ás vezes de enojado:
Tambem cauſava ſer manjar impuro,
Da cozinha o ſuperfluo ſeu lançado
Por ſeis humidos canos dalli fóra,
Quando para iſſo havia tempo, e hora.

LXV.

O ſegundo criado era triſtonho
No corpo, e no veſtido, hum homem baſſo,
Menencoonizadiſſimo, e enfadonho,
De má converſaçaõ, e pouco paſſo:
Era medroſo, e em ſi muito medonho,
Morto de fome ſempre, e muito eſcaſſo,
Mas o comer pedia para a gente,
Niſto bem apurado, e diligente.

LXVI.

Abaixo logo destes, dous estavam
No apurado comer tambem servindo;
No corpo, traça, e idade conformavam,
N'hum mesmo officio naõ se desavindo:
Toda a superflua agua a si chamavam,
Por seus canos dos outros iguaes vindo,
Tendo na máo hũus vasos coadores,
Que coavam esta agua, e outros humores.

LXVII.

Em si retendo só a potagem boa,
Toda a outra agua coada se metia
Por dous canos subtís n'hũa alagoa,
Que de grande artificio dentro havia:
Esta agua, que he salgada, e aqui se coa,
Da torre fóra, em fim, se despedia
Por outro cano em voltas; e deste modo
Vinha assi a sahir fóra de todo.

LXVIII.

Este aposento abaixo se cercava
Com paredes tambem, e com seu muro,
Com que amparado, e quente assi ficava
Aos perigos de fóra, e mais seguro:
Onde era necessario brando estava
Em parte, em outras partes firme, e duro;
Finalmente de tudo mui provido,
De gente de serviço bem servido.

LXIX.

E porque esta taõ bella Fortaleza
Nunca o tempo de todo a desfizesse,
Ordenou da obra o Mestre com destreza,
Que de fóra da torre sempre houvesse
Dous naturaes Irmãos, cuja viveza
Outros materiaes espritos désse,
Para se fazer o novo edificio;
Por delicados meios, e artificio.

LXX.

Todos tres aposentos, e sobrados,
Sobre duas columnas se assentavam,
E ao pé dellas, entre elles, gazalhados
Estes dous naturaes Irmãos estavam:
As columnas seus pedestaes pegados
Nas mais delgadas partes ter mostravam;
E o mais grosso para cima tinha
A outra torre, de que esta nascer vinha.

LXXI.

Sendo, pois, como disse taõ formoso
Este novo edificio, e taõ polido,
Dentro, e fóra em extremo artificioso,
E tudo já por mi visto, e corrido:
No Artifice cuidando poderoso,
Que de tudo o fizera taõ provído,
Estava eu contentando a vista nelle,
Sem de todo a poder apartar delle.

LXXII.

Quando enlevado assi me parecia,
Que com triste mudança, estranha, e dura,
Este grande edificio descahia
De sua graça alegre, e formosura:
A máchina total se desfazia,
Vindo abaixo de sua mór altura,
Té de todo cahir por derradeiro,
Como no Canto cantarei terceiro.

DA

DA CREAÇAÕ
E COMPOSIÇAÕ
DO HOMEM.

CANTO TERCEIRO.

I.

O'Vida humana, taõ caduca, e breve,
O' falsa gloria della, e imperfeita,
A que mais dura fica a hum somno leve,
Ao tempo, ao fado, á morte, em fim, sujeita:
Quem mais conta fez della, e em mais a teve,
Com mór dor e tristeza a vio desfeita;
Passa, e seu fim remata em pranto, e mágoa,
Enchendo como fumo os olhos de agoa:

II.

Em que parou da terra o mór Tyrano,
Com prospera fortuna, ou com adversa?
Em que parou o grão Sceptro Romano?
Em que o Grego, o Medo, o Cyro, o Persa?
De huma hora incerta hum certo desengano
Daquella hora final, dura, e perversa;
Triste, odiosa a todos, tudo em terra,
Em muito esquecimento, e pouca terra.

III.

Na antiga idade d'ouro, em que abundança
Saudavel da terra florecia,
Eu que a ſaude, e ũtil temperança,
Nos homẽes, e elementos mais havia;
Dos innumeros annos a abaſtança
A muitos pouca, e breve parecia;
Que o callado ladraõ a todos furta
A longa vida, e faz parecer curta.

IV.

Quem vive por viver ſó neſta vida
Docemente, no fim choroſa, e amarga;
Em que do Ceo lhe ſeja concedida
Que a de Mathuſalem muito mais larga:
Que mais he que na miſera partida,
Em que ha de ir ter levar muita mais carga;
Mas quem ſómente aſpira á eterna, e ſanta,
Para ella alegre, e leve ſe levanta.

V.

Levanta-ſe a alma leve á mór altura,
Do ſeu charo inimigo deſatada,
Ou das obras levada clara, e pura,
Ou á priſaõ perpétua condemnada:
Toda a inferior couſa, e creatura,
De materia, e de fórma fabricada,
Por mais que viva, em fim, ſeu fim a eſpera,
Que aſſi o quiz quem fez a grande Eſphera.

VI.

Mas nunca a ninguem basta esta certeza,
Para que a dura Parca inexoravel,
Espanto lhe naõ cause, dor, tristeza,
Com seu golpe cruel, e irreparavel:
Assi vendo o da bella Fortaleza
A miseravel quéda, em que duravel
Sabia nascer nada; entristeceo-me,
E cousa estranha, e grave pareceo-me.

VII.

Naõ sonhava eu, que via desfazer-se
Com subita ruina este edificio,
Mas que por tempo havia envelhecer-se,
Cada parte cessando em seu officio:
E o governo, e economia perder-se,
Com sua ordem certa, e exercicio,
Naõ servindo os vassallos á Senhora,
Té que ella triste se sahia fóra.

VIII.

Triste se hia, por mal obedecida,
Para queixar-se, na luzida esphera,
Ao Senhor, que a esta envelhecida
Casa sua a mandára, e vir fizera:
Triste se hia confusa, e arrependida
Do máo viver; mas mais viver quizera
Na sua antiga, e taõ chara morada,
Que só por terra jaz desamparada.

IX.

Fazendo mal os grandes, e os menores,
Cada qual ſeu devido regimento,
Naõ mandando os Mordomos, e Veadores,
E naõ havendo em nada certo aſſento:
Veo o commum manjar, com ſeus licores,
Todos quatro a hum tal corrompimento,
Que as partes principaes, e as outras logo,
Enfraqueciam, e ſe esfriou o fogo.

X.

Porque daqui naſceo, que conſumindo
Se foi o Meſtre da obra diligente,
E com elle de mal em peor indo
Os Capitáes da torre, e outra gente:
E os ſervidores todos mal ſervindo,
Os de dentro, e os de fóra juntamente,
Em todos ſe enxergava huma frieza
De eſtranha fórma, e miſera fraqueza.

XI.

Os mais dos trinta e dous brancos moleiros,
Que eſtavam no moinho, ſe faziam
Debilitados já como os primeiros,
E ſem poder moer fóra cahiam:
Outros, que em ſeu vigor, aindaque inteiros
Ficavam, por fraqueza naõ ſerviam;
E por eſtarem alli mais arreigados
Ficavam com o velho apoſentados.

XII.

XII.

Envelhecendo assi tanto o edificio,
De fóra a graça, e lustre hia mudando:
Até no capitel, e frontespicio,
Murchando as flores se hiam, e arrancando,
Porque já naõ lhes sendo taõ propicio
O calor, e alimento, como quando
Em seu vigor, e perfeiçaõ estavam,
Em fria, e branca a côr d'ouro tornavam.

XIII.

Aquelles dous robustos, e valentes
Carreteiros cansadamente andavam,
E já mais froxamente, e negligentes,
O necessario á torre acarretavam:
Tambem os dez criados diligentes,
Como tolhidos, mal se meneavam;
E já as columnas grossas, que traziam
O pezo sobre si, fracas tremiam.

XIV.

Com tal fraqueza, e contínuos temores,
Ameaçavam á torre final quéda:
Estavam sem repouso os Veadores,
E toda a gente fraca, e pouco léda:
Da salva a mestra já deixa os sabores,
E cada hum de seu cargo já se arreda:
Arruinado por mil partes o muro,
Abalado se mostra, e mal seguro.

XV.

XV.

Attonito com grande dor, e espanto,
Que alli ficava entaõ me parecia,
Por taõ fero espectaculo, e com tanto
Estrondo lacrymoso, como havia:
Porque de fóra estar em alto pranto
Muita gente funesta, e triste, via,
A mortifera quéda desta sorte
Carpindo, e da sua gente a féra morte.

XVI.

E o que mais me espantava sobre tudo,
Da máchina lançada assi por terra,
Que o material todo, e o campo mudo,
Hum vil panno de lenço dentro encerra;
E a quem estando em pé foi pouco tudo,
Cahindo o cobria huma pouca terra.
Estando eu nisto cuidadoso, e afflito,
Tornava a apparecer-me aquelle Esprito.

XVII.

Aquelle Esprito bom, formoso, e puro,
Que ao entrar da torre me deixára,
Em cuja companhia eu mui seguro,
Por arriscados passos, já passára:
Tornou-se-me com elle o triste, e escuro
Tempo, puro e sereno, e a noite clara;
E pondo eu leve, e lédo os olhos nelle,
Assi me começou de fallar elle:

XVIII.

Que fazes, fraco, aqui? Que cuidas, triste,
Mortal, terreno, cego, e descuidado?
Porque naõ te aproveitas do que viste,
No mal d'outrem por teu bem doutrinado?
Naõ he vão sonho, naõ, o em que consiste
Perderes-te, ou salvares-te coitado:
Os olhos abre já esperto, e pronto:
Regúla a vida só por este ponto.

XIX.

Quem te criou, e quem te fez de nada,
Dando-te o ser, a fórma intellectiva,
Te meteo nesta torre encarcerada,
Naõ foi para que nella sempre viva;
Mas para merecer nesta jornada,
Com suas obras, a outra eterna, e altiva;
Com suas obras tingidas no purissimo
Sangue do bom Cordeiro innocentissimo.

XX.

Para isto vive só, para isto estima
Qualquer bem temporal, que este he seu preço:
O que naõ for para isso desestima,
E no fim o despreza, e no começo:
O bem perfeito e firme lá está em cima,
Sem falta lá seguro, e sem excesso:
Dá-se immenso a cada hum no claro assento,
Mas medido por seu merecimento.

XXI.

Dá-se pena a quem isto desmerece,
Tambem sem nenhum fim, e sem medida,
A qual por sua culpa só padece,
Pospondo á vida eterna a breve vida:
Esta, que em torpes vicios envelhece,
Até lhe ser de todo consumida,
Da alma a satisfaçaõ lho verifica,
E o que da terra he, na terra fica.

XXII.

Isto he o que tées visto, e o que notaste
No processo, e discurso deste Forte,
Que naõ he mais, se o bem consideraste,
Que hũ vivo homem sujeito á cõmum morte.
Tu por dentro, e por fóra especulaste,
E viste cada parte, de tal sorte,
Que ser hum corpo humano organizado,
Declarar-te haverei por escusado.

XXIII.

Fê-lo Deos como a ti mortal, terreno,
Mas fê-lo racional, capaz do Ceo;
Fez o grão Mundo, e fez este pequeno,
E nelle por salvá-lo, em fim, desceo.
A homem-se fazer: com hum aceno
Quem o ser ao Ceo, e á terra deo,
Em huma Cruz quiz ser alevantado,
Para trazer a si todo o criado.

XXIV.

XXIV.

Remir-te, ó homem, quiz Deos sempiterno,
Co' hum resgate de amor maravilhoso,
Dando por si seu Filho, igual, coeterno;
O qual fazendo-se homem piedoso,
Por te livrar da morte, e escuro inferno,
Deo sua vida, e sangue precioso;
Pois com que vidas tu pagar-lhe entendes,
Se com a que te deo, tanto o offendes?

XXV.

Será razaõ que desça de sua altura
A' baixa terra, só por dar-te vida?
A sua offerecendo santa, e pura,
Com tanto excesso, e tanta dor crescida,
Na Cruz a tanta injúria, á morte dura?
E que seja taõ mal agradecida?
Que elle morra só para tu viveres,
E tu que vivas só para o offenderes?

XXIV.

Enganado, perdido, ingrato, e cego,
Como dormir, como viver, te atreves?
Como affogar-te no profundo pégo
Naõ temes, carregado do que deves?
Emenda a vida, naõ com o máo emprego,
Em quanto tempo tées, que as horas leves
Se vaõ, sem esperar, como a figura,
Para isso a derradeira, triste, e escura.

XXVII.

No diluvio cruel, e mar contrário
De teus vicios, em que andas engolfado,
Buſcar do bom Noé te he neceſſario
A ſanta Arca, que em terra tem lavrado:
Naõ no monte de Armenia, mas Calvario,
No grão Calvario monte, e celebrado,
Do Adaõ ſegundo buſca a Arvore ſanta,
Que elle por te ſalvar no Mundo pranta.

XXVIII.

Colhe, pois, ſem receo, e confiado,
Della o fructo devido, e taõ jucundo;
Naõ o que a Adaõ primeiro foi vedado,
Mas o que deo a todos o ſegundo:
Do Ceo vindo, na terra foi plantado,
Para que nella viva o morto Mundo:
D'hum puro lyrio naſce huma flor taõ pura,
No valle por ſubir tudo á altura.

XXIX.

Olha na ſagrada Arvore pendendo,
Do ventre Virginal, o fructo ſuave,
Para dar bées, os braços eſtendendo,
Como poſta lhe foi corôa grave:
Por te eſperar, ſe da viſta o vás perdendo,
Pregados pés e mãos tem na alta trave;
E para recolher-te no deſerto,
Perdida ovelha, o lado tem aberto.

XXX.

O' lado, fonte viva, donde mana,
Com ſangue, e agua, a sáa graça infinita,
Que goſtando-te bem a gente humana,
Que vive vida morta, reſuſcita;
Gloria fica da morte ſoberana,
Conſola, e apura em fogo a alma afflita.
Tu, purifica Fonte, tudo regas,
E a quem te quer goſtar nunca te negas.

XXXI.

De tua perennal clara corrente
Naſcem divinos rios ſem diſcordia,
Que eſſa Cidade regam refulgente
De Deos, que tem a terra em sáa concordia.
Quatro rios de graça ſufficiente,
De juſtiça, de amor, miſericordia,
E todo o bem que a ſeu Deos communica,
Em ti, ó Fonte ſanta, purifica.

XXXII.

A ti, os que de vida ſede trazem,
Tua agua ſalutifera buſcando,
Quanto mais della em ti ſe ſatisfazem,
Tanto com goſto a eſtaõ mais deſejando:
De terrena já pura ſer a fazem,
Seu bom eſtado em graça renovando,
Os que te bebem, e teus rios habitam,
E baixo do guiaõ da Cruz militam.

XXXIII.

XXXIII.

A taõ líquida vea, e fresca Fonte,
Corre, pois, peccador, lavar-te nella;
Baixos olhos levanta ao alto Monte,
A'quelle Monte santo donde nasce ella:
E vê-la ensanguentada naõ te affronte,
Que he mais formosa assi, que toda a Estrella.
Esse divino Sangue, em que tingida
Vês a santa Agua, te he saude, e vida.

XXXIV.

Faze tuá morada nesta viva
Singular Pedra onde a doce agua nace,
E donde mel e leite se deriva,
Que o Ceo e a terra alegremente pace:
Por esta escada sóbe á estranha altura,
Que o grande Jacob vio que ao Ceo chegace:
Por ella Anjos do Ceo á terra descem;
Sobem ladrões ao Ceo que a reconhecem.

XXXV.

Vai banhar-te doente, e taõ leproso,
Neste divino e sacro Rio Jordaõ:
Passa o da lepra já são, e formoso,
Para na terra entrar de Promissaõ:
Fuge, e sahe-te do Egypto trabalhoso,
Donde te tem teus erros em prisaõ:
Passa do sangue, e agua o Mar Vermelho,
Livre do captiveiro antiguo, e velho.

XXXVI.

XXXVI.

Olha a ſagrada letra, que Ezechias
Em Hieruſalem vio impreſſa, e eſcrita
Nas teſtas dos que eſtavam de agonias,
E a alma tinham triſte, e mui afflita:
Enche os corações eſta de alegrias
Perpétuas: e lhes dá graça infinita
Agora co'hum ſignal nellas impreſſo,
Eſcripta bem com ſangue, alto, ſem preſſo.

XXXVII.

De metal no deſerto, em Cruz erguida,
Olha a medicinal mortal ſerpente,
Que ſó co'a viſta dá ſaude, e vida,
Aos que ferià co'o venenoſo dente:
Repreſentava ſer ſerpe eſculpida,
Serpe era no metal, ſerpe apparente:
Aſſi poſto na Cruz, como culpado,
Quem nunca o pode ter, terá o peccado.

XXXVIII.

Eſta Arpa de David taõ branda, e ſanta,
Com vozes taõ divinas, e acordadas,
Se tocam na Cruz poſtas, com dor tanta,
Os nervos ſeus, e cordas delicadas,
Affugenta o demonio máo, e eſpanta,
Desfaz, e desbarata ſuas ciladas:
Toca, pois, a ſanta Arpa, adora, e ama,
Mil lagrimas d'amor nella derrama.

XXXIX.

XXXIX.

Com esperança, amor, e firme fé,
A teus taõ cegos olhos lava, e cura
Na clarissima fonte Siloé,
Sahirás da cegueira triste, e escura:
Verás, por onde pões o enfermo pé,
Ser tudo engano, e má desaventura:
Da vil carne do mundo vem pobrezas,
Do máo sempre malicias, e torpezas.

XL.

Goza-te desta certa medicina,
Bastante estima a toda a enfermidade,
Que o bom, e universal Medico ensina,
Com taõ sincero amor, e boa vontade:
Entra nesta probatica Piscina,
E a tua paralitica maldade,
Convertida verás pela virtude
Desta agua efficacissima em saude.

XLI.

De Deos com puro amor olha o Cordeiro,
Cujo sangue purissimo innocente,
Derramado co' o amor taõ verdadeiro,
Do lobo te livrou percuciente:
Sangue tanto, sem preço, e por dinheiro,
Por vil preço vendido injustamente:
Mas assi ás más culpas livramento,
E ás obras boas deo merecimento.

XLII.

XLII.

As obras que assi nelle resplandecem,
Como n'hum taõ capaz, e claro espelho,
E todas perfeições, sem fim parecem,
E os santos dões do esprito, e são conselho:
As virtudes que mais aqui florecem,
Tinha no fino esmalte, e bom vermelho.
Vê-te bem neste espelho, e o tempo gosa,
Verás toda a virtude aqui formosa.

XLIII.

Se a sempre igual justiça, firme, e forte,
Ver queres, vê que o homem condemnado
Por sua mesma culpa á eterna morte,
Pagando Deos por elle he perdoado:
Deos fez-se homem mortal, e mata a morte;
Morre innocente, e mata ao máo peccado;
Com suas chagas tira a antiga chaga,
Como Deos póde, e quer, como homem paga.

XLIV.

Essa misericordia branda, e amiga,
Que mais se póde ver, que na piedade
Com que ao Filho do Eterno Pai castiga,
Por perdoar do máo servo a maldade?
Olha a que estado desce, e a que se obriga;
Se queres ver a altissima humildade,
Se a sáa modestia, vê com que estreiteza
Nasceo, viveo, morreo sempre em pobreza.

XLV.

XLV.

Vè com que mansidaõ, com que innocencia
O Redemptor do Mundo se offerece
Ao summo sacrificio, e obediencia,
Até morte taõ crua, que padece:
Em tanta injúria, tanta paciencia,
Que por seus homicidas naõ se esquece,
Por imigos rogar assi os amando,
Tudo com alto amor bem rematando.

XLVI.

Amor lhe fez que á terra do Ceo deça,
Amor, da terra ser em Cruz subido,
Amor, nos pés, e mãos, corpo, e cabeça,
Com cravos, lança, espinhos ser ferido:
Amor, que com tormentos mil pareça
Ser huma chaga, e por leproso havido;
Amor, que amasse o ingrato Mundo tanto,
Que nelle fique em carne, e em corpo santo.

XLVII.

Deos sendo amor purissimo perfeito,
Quiz pelo mesmo amor communicar-se,
Fazendo-se de huma alma, e humano peito,
E nelle Deos e homem agazalhar-se:
E em lugar taõ estreito, mais se alegra,
Que no espaçoso, e largo Empyrio achar-se;
Que este he só corporal morada nua
D'alma, e esprito, o outro imagem sua.

XLVIII.

XLVIII.

Para esta uniaõ santa, e amorosa,
A Divina Eucharistia instituindo,
Com discreta invençaõ maravilhosa,
Dos Discipulos seus se despedindo;
Naquella final Cèa lacrimosa,
Debaixo das especies se encobrindo
De pam, e vinho, em doce mantimento
Se dá a comer neste alto Sacramento.

XLIX.

Que como transformado, e convertido,
Em quem o come, o mantimento fica,
Assi a alma do homem a Deos unida,
Por amor se sustenta, e vivifica:
Que este manjar Divino recebido
Vida divina dá, e glorifica
A quem sua Carne come, e Sangue bebe,
E morre indignamente quem o recebe.

L.

Quem bem o côme, em Deos fica, e Deos nelle,
Fica em Deos como proprio membro vivo;
E o summo Deos, como cabeça delle,
Hum ser espiritual lhe dando activo,
Fas-se assi hum corpo mystico com elle,
Por este amor seu puro, e unitivo;
E o filho assi de Adaõ, e filho de ira,
Fica filho de Deos, e a Deos aspira.

LI.

Contente fica amando, e perſevera
Na fonte d'amor puro, alma, embebida;
Abraça aquella amiga, e fiel hera
Da ſaudavel Cruz arvore erguida:
Come o bom Pam da vida; e á vida iſéra
Perdendo irás, ganhando eterna vida:
Pam ſobreſubſtancial come, e de graça,
Que de terreno, Angelico te faça.

LII.

Eſperta já, Chriſtão dormente, eſperta
Para eſte Pam, que tanto te convinha,
Que a ſatisfação tẽes tão bom que teena,
Cavando do Senhor ſempre na vinha:
Ao peccado, e chaga n'alma aberta,
Applica eſta ſuave, e sãa mézinha:
Os bẽes do Mundo tem por ſonho, e riſo,
E o que me ouviſte em ſonhos, por aviſo.

LIII.

Aſſi me eſtava o bom Anjo faltando;
Que ao doce ſom da ſua voz divina
Dormia mui quieto repouſando
Na viſaõ deleitoſa, e matutina:
E naõ crendo eu que foſſe iſto ſonhando,
Com branda vara de inſpiraçaõ divina,
No coraçaõ tocar-me parecia,
E deſpertar do ſonno me fazia.

LIV.

Taõ confuſo fiquei, taõ aſſombrado,
Já de todo acordado, e ſó em meu leito;
Daquelle Eſprito bom deſamparado,
De ſeu colloquio ſanto, e brando aſpeito;
E do que ouvíra, e víra inda lembrado,
Que impreſſo me ficou dentro em meu peito:
Comecei a fazer contas comigo,
Quaes todo o homem fazer deve comſigo.

LV.

Miſero peccador, mortal, terreno,
De pó, de cinza, e terra hum triſte ſaco,
Quero abarcar hum bicho taõ pequeno,
A terra, e o Ceo, como outro Zodíaco?
Eu me engano, eu me perco, eu me condeno;
Culpado vou perdido, cego, e fraco,
Naſcido em dor, em pranto, e em peccado,
E nelle em mil miſerias enterrado.

LVI.

Que eſpero mais, que naõ me deſengano
Com tanta inſpiraçaõ, tanta doutrina,
Que vou de dia em dia, de anno em anno,
A cura dilatando a eſta alma indina?
Ah cruel a mi meſmo, e deshumano,
Que taõ preſente, e ſanta medicina,
Qual ſe me offerecendo eſtá taõ certa,
Deixo de pôr na mortal chaga aberta!

LVII.

A viva fonte vejo permanente,
Sempre manancial, nunca escorrida,
De que manando está perpétuamente,
E sem cessar, saude, e luz de vida:
Vejo-me a mi mortal, cego, e doente,
Chegar naõ quero á cura offerecida;
Deixo-me ir obstinado sempre, e duro,
Traz o tempo a beber no lago escuro.

LVIII.

A Fortaleza, que eu sonhando via
Florente edificar-se, em tanto ter-se,
Té que por tempo, em fim, me parecia
Cahir por terra, e nella desfazer-se;
Donde a immortal Senhora se sahia,
E sem para onde fosse entaõ saber-se,
Era o meu triste, e fragil corpo humano:
E que de todo naõ me desengano?

LIX.

Ah naõ seja assi, naõ! Naõ dure tanto
Minha vida no grave, e máo lethargo,
Que esquecido da eterna, com espanto
A perca, e sem fim morra, em pranto amargo.
Daquella santa Fonte, e Rio santo,
Sempre alto, copioso, doce, e largo,
Lá quero o Pam gostar, e Agua da vida,
Para que fique lá comigo unida.

LX.

Por ti quero viver, ó Pam Divino,
Que dás a vida, e és vida por essencia:
Por ti com tua graça, eu fraco, e indino,
Quero, e posso fazer sáa penitencia:
E com ella, mais limpo, de contino
Quero amar-te, e gostar com mais frequencia:
A ti, que és amor puro, e bem supremo,
Por ti suspiro eu já, e por ti gemo.

LXI.

Indaque eu merecer tanto naõ possa,
Nem por mi, ao que devo, satisfaça,
Teu purissimo amor a tudo adoça,
E tua misericordia a tudo abraça:
Tu queres sempre a conversaçaõ nossa;
Amiga, se a tua graça nos dá graça:
Se o rico, ou pobre, ou alto, ou baixo, póde
Chamar-te, o teu poder logo lhe acode.

LXII.

Tu usas só, Senhor, de tal piedade;
Só o remedio nos podes dar seguro,
Tu, Altissimo Deos, tanta humildade,
Que o servo communicas baixo escuro:
Tu, que vestindo a nossa humanidade
No ventre virginal, e sangue puro;
Tu que por nós na Cruz o teu derramas,
E te dás em comer, tanto nos amas.

LXIII.

Em tal extremo vendo a Fortaleza,
Vigilante, e solicita acodia
A todas partes a immortal Princeza,
Sempre animando a toda a companhia;
Com quanto via já sua defeza,
Ser taõ fraca deixá-la naõ queria:
Todo o remedio exquisito, e raro,
Busca, em fim, sem proveito, sem amparo.

LXIV.

Nesta ultima agonia assi estando
A desconfortadissima Senhora,
Eu tambem triste assaz via sonhando,
Disforme hum velho feo vir de fóra:
Sumida a carne, os olhos só mostrando,
De carcomido rosto, os olhos fóra,
De espantosa, e terribil catadura,
Fraca a voz, mas soberba, e com soltura.

LXV.

O qual, as mãos lançando descarnadas
E torpes sobre este edificio enfermo,
Deo-lhe hum medonho abalo, e alteradas
Tremendo as partes nelle fez grão termo:
Traz isto, com palavras mui pezadas,
A' Princeza fallando disse: o termo
Final, e triste, a tua hora he chegada,
Sahe-te já da caduca, e váa morada.

LXVI.

Ficou ſobreſaltada, e temeroſa
A Princeza com voz taõ grave, e horrenda;
Mas ainda aſſi lhe reſpondeo choroſa:
Eſpera-me algum tempo para emenda
Minha; e deſta morada perigoſa,
E o prazo final, mais ſe me eſtenda:
Darei ordem, que em taõ triſte partida,
Naõ deixe a cauſa toda deſtruida.

LXVII.

Gráo tempo ha já lhe replicou o velho,
Que neſta torre vives, e o tiveſte
Para tudo ordenar com gráo conſelho;
Sabias iſto bem, mal o fizeſte:
Se a caſa tem remedio, outrem dê-lho;
E a ti o que nella eſtando mereceſte:
Naõ poſſo eſperar mais, vem-te comigo,
Mais tenho que fazer que aqui comtigo.

LXVIII.

Iſto diſſe, e pegando rijamente
Outra vez, com mão dura, com crueza,
Cahio toda por terra finalmente,
Com grande terremoto a Fortaleza:
Cahio com ella morta toda a gente,
E a gráo Regente della, e alta Pricceza,
Deſapareceo co'o velho a eſſa hora,
Sem ſaber mais ninguem certo onde fora.

LXIX.

Pois se ha de haver desagradecimento
De mercê tal a mi, e a todos feita,
Se nisto naõ se achar merecimento,
Dentro em minha alma seja sempre acceita:
E se eu della tiver esquecimento,
De mi se esqueça a minha mão direita,
E a lingua se me apegue na garganta,
Se eu naõ louvar, e amar mercê taõ santa.

PROTESTAÇAÕ DA FÉ.

LXX.

A'Quella santa Barca, que se emprega
Segura no alto mar com bom governo,
Que ao pobre Pescador firme se entrega,
Por mão do universal Senhor Eterno:
Que, pois, vê claro o porto a que navega,
Sempre ondas vencerá do escuro inferno,
A' Catholica Mãi Romana Igreja,
Quanto digo, e disser, sujeito seja.

AD-

ADVERTENCIA DO EDITOR.

Os Editores que depois de Joseph Lopes Ferreira imprimiram as Obras de Luis de Camões, entendendo, erradamente, que elle compuzera a antecedente Oitava como Protestação da Fé, para pôr no fim de todas as suas Obras, quando ao certo nos consta que elle naõ as deixou ordenadas para a impressaõ, pois só pode em sua vida ordenar, e dar á luz a Lusiada; sem mais advertencia a puzeram no fim de todas as Obras do Poeta, seguindo ao mesmo Joseph Lopes Ferreira, que assim o havia feito, sem outro algum fundamento, que achá-la no fim da Ediçaõ que se fez em Lisboa no anno de 1616. por Pedro Crasbeeck, e á custa de Domingos Fernandes. Pudéra advertir o mesmo Lopes Ferreira, que o vir esta Oitava no fim daquelle volume, fora por serem estes tres Cantos da Creaçaõ, e Composiçaõ do Homem a ultima Obra delle; o que se prova taõ concludentemente, que até alli mesmo se acha numerada com as antecedentes, fazendo o numero de 70: naquelle ultimo Canto. A este mesmo lugar a restituimos agora; tanto por ser do Auctor dos mesmos Cantos, como para assim vermos se a pouco e pouco se vaõ desterrando ignorancias.

ELEGIA.

DUvidosa esperança, certo medo,
Senhora, de me naõ ouvir meus danos,
Fizeram que naõ fiz isto mais cedo.
Mil remedios busquei, busquei enganos,
Por encobrir o mal que me causais;
Temendo outra mór dor dos desenganos.
Mas tudo quanto fiz, fiz por demais:
Amor, que como quer, de mi o ordena,
Naõ soffre que tal dor encubra mais.
A ser vosso, Senhora, me condena:
Nisto mercê me faz: se a vós offende,
A culpa ao amor dai, a mi a pena.
Naõ cuideis que minha alma se defende
De cousa de que vós fordes contente,
Porque só isso busca, isso pertende.
Ditosa dor a que por vós se sente:
Ditoso, pois conheço esta verdade,
Para naõ ser das minhas descontente.
Com tudo, a naõ poder huma vontade
Taõ pura, e tanto a medo offerecida,
Mover-vos de meu mal a piedade;
Naõ quero mais viver, naõ quero vida:
Melhor me será morte, que desgosto
A quem tanto desejo ver servida.
Banhem, pois, minhas lagrimas meu rosto;
Suspire o coraçaõ, que treme, e arde;
Chorar, e suspirar seja o meu gosto.
Naõ queiram os meus fados que me guarde
De sentir nova dor, novo tormento,
Que sinto muito mais senti-lo tarde.

Qui-

Quizera, desque tive entendimento,
Por ver se com firmeza vos movia,
Naõ ter em outra cousa o pensamento,
Em vós cuidar a noite, em vós o dia;
Por vós sentir prazer, por vós tristeza;
Sem vós ter para mim que naõ vivia.
Mas nem por isso haja inda em vós crueza:
Soffre-se mal n'hum peito delicado:
Parece cousa contra natureza.
Olhai que em vivas chammas abrazado
Por remedio, Senhora, ante vós venho:
Buscá-lo n'outra parte he escusado.
Porque naõ val saber, força, nem engenho,
Pedras, palavras, hervas de virtude,
Contra o golpe d'amor, que n'alma tenho.
Se vossos olhos podem dar saude,
Se neste grave mal me naõ soccorrem,
Deixai-me morrer já, ninguem me ajude.
Ditosos saõ os tristes quando morrem
No começo dos damnos, que naõ sentem
Quaõ vagarosas as tristezas correm.
Porém se as esperanças me naõ mentem,
Espero deste conto inda ser fóra,
Que cruezas em vós naõ se consentem.
Em fim, a fim de tudo isto he, Senhora,
Que se me naõ valeis, tenhais por certo,
Que cedo verei a derradeira hora.
Já que meu mal vos tenho descoberto,
Havei de mim dó: naõ seja isto, em fim,
(Como dizem) dar vozes em deserto:
Valei-me, que por vós me perco a mim.

ECLO-

ECLOGA
INTITULADA
CINTRA,

Na qual Manoel de Faria e Sousa escreve a vida de Luis de Camões.

Os numeros accusam as annotações que vaõ no fim.

INTERLOCUTORES.

Faria, e *Almeno*.

A' Sombra deste umbroso, e verde louro,
Revolvendo memorias magoadas,
Na fonte de Aganippe destillando (1)
De lagrimas hum vaso;
Com verdadeiras lagrimas,
Se a dor me naõ congela a voz no peito,
Se a tanto me ajudar engenho, e arte,
Cantarei o que na alma tenho escripto
De aquelle grão Pastor, que em nossos dias
Defende o ser Divino;
Ornou de altas sciencias o destino.

N'hu-

N'huma mão livros, n'outra ferro, e aço,
N'huma mão sempre a espada, n'outra a penna,
Mudando andou costume, terra, e estado,
Vendo Nações, linguagẽes, e costumes;
Desde o Ibéro ao Indo,
De qualquer alegria duvidoso,
Nas mãos da féra morte,
Mas contente, porém, de sua sórte.
Com adourada lyra
(Imitando os espritos já passados)
Cantando docemente,
Com som douto, e jucundo,
As Tagides gentís, e seu respeito;
As glorias sepultadas
Dos bellicosos nossos Lusitanos;
As Armas, e os Barões assignalados,
Os feitos em que mais se assignaláram,
A quem Neptuno, e Marte obedecêram:
Vasco da Gama, o forte Capitam,
Illustre Lusitano,
Que para si de Enéas toma a fama:
Hum Pacheco fortissimo;
Os temídos Almeidas;
Albuquerque tirribil, Castro forte;
E aquelles, que por obras valerosas,
Dignos todos de fama, e maravilha,
Audazes, e animosos,
Com esforço tamanho,
Virtude sobre humana,
Passaram inda além da Taprobana.
O' altas semidéas (a);

E

E vós deosas do bosque, e clara fonte;
Vós Nymphas da Gangetica espessura;
Naiades, vós que os rios habitais;
Vós humidas deidades deste pégo,
Onde a bella Amphitrite só domina:
Pales, do manso gado guardadora:
De Pindo as moradoras:
O' Phebo crespo, e louro,
Neste trabalho extremo,
Qual Yopas naõ soube, ou Demodoco,
Vosso favor invoco.

Deixai logo as aljavas, e aguas frias,
Ouvi da minha humilde zamfonina,
Tambem do estylo novo
As mágoas, que aqui digo:
Com que tamanha mágoa se conforte:
Que grandes mágoas podem curar mágoas:
Este Canto que escrevo derradeiro (3);
O rudo canto meu, que resuscita
Memorias do passado,
Caduca e debil gloria,
Que nunca passará pela memoria.

Ouçam de vós as mágoas que me ouvistes;
Ouçam a longa historia,
Copioso exemplario para a gente:
As gentes Lusitanas,
A deosa dos amores,
O coro das Nereidas,
Nas aguas crystallinas;
Tritões ceruleos, Próteo com Palemo,
Com toda a mais cerulea companhia:

Do

Do monte as Oreadas,
Com a deosa da caça, e da espessura,
Com o coro das Nymphas rodeada.
Naõ deixe o Mundo todo de escutar-me;
Os Faunos, certa guarda dos Pastores;
E vós Pastores rudos deste outeiro,
E vós féras do monte,
Sylvestres montes, asperos penedos:
Tu manso Tejo, e tu florido prado,
Por dar allívio hum pouco a seu cuidado.
Chegaî desesperados para ouvir-me;
Importune meu canto a toda a gente;
Ouçam todos o mal, que toca a todos;
Porque a todos, em fim, se manifeste;
Com grande sentimento,
Com pranto manifesto o seu tormento.
Já deixava dos montes a altura,
No Reino de Neptuno se escondia
O grão Pastor de Admeto,
Quando polas montanhas (4)
Da Lũa conhecidas,
Aonde entra o grão Tejo a dar tributo
A's humidas deidades,
Dèsciam dous Pastores,
Almeno, e mais Faria,
Poetas, nos officios discrepantes,
De idade cada hum era mancebo,
Differentes em tudo da esperança,
Nos engenhos, porém, subtís, e agudos.
Neste lugar ameno;
N'hum valle de altas arvores sombrio,

Ao pé dos carregados arvoredos ;
Entre hũus verdes ulmeiros apartados ,
Pola mais fresca parte da espessura
Promptos ás suas queixas pareciam :
Instrumentos altisonos tangiam.
O valle triste estava ;
Parecia que o valle estava mudo ;
A noite escura triste , e tenebrosa ;
Estava tudo triste :
As roucas ráas soavam
Daqui e de alli saltando , o charco soa :
O Tejo corre turvo , e descontente :
Na outra parte do rio retumbava
(Causava hum admirado , e nóvo espanto)
Do passaro nocturno o triste canto.
Já agora me parece ,
Se a vista naõ me engana a phantasia ,
Que podem começar os meus Pastores ,
Lamentando seu mal , seu duro fado ,
Chorando , e suspirando ,
E de novo tecendo a antiga historia ;
Por partes mil lançando a phantasia ,
E ao Mundo mostrando tantas mágoas ;
Dizendo a menor parte ,
Com mil suspiros tristes ,
Que rompiam os ares :
O triste som das mágoas
Retumba na maior concavidade.
Estava o triste Almeno
Tomado hum cysne puro ,
Com huma mão na face , e encostado :

O Ceo suspenso olhando,
Ao monte cavernoso se querella.
O outro companheiro,
Com seus olhos no chão, as mãos na face;
Da alma hum fogo lhe sahe, da vista hum rio.
Alli tinha em retrato
A grão Sicilia em fogo, o Nilo em agoa:
Fogo no coração, agua nos olhos.
Aos montes e ás aguas se queixava
Com soluços, que a alma lhe arrancavam,
O silencio rompendo assi dizia:
E em quanto elle fallava, o outro ouvia.

Faria.

Faunos longevos, Satyros, Sylvanos,
Ao manso Tejo brando,
A Deos, á gente, ao Mundo, e em fim ao vento,
As semrazões digamos
De amor, e da fortuna (5),
Contra hum bicho da terra tão pequeno,
Homem formado só de carne, e osso:
Desprezos, desfavores, e asperezas;
O tempo já passado
De bem soffridos danos
Polo Pastor da Musica divina,
Que remove das rochas a dureza.
Mas eu desatinado adonde vou?
Que me queres, Almeno?
Que queres mais de mi,
Que este phantasiar, que imaginando
Em tanta desventura,
Apenas nos meus olhos ponho freo?

Por-

Porque quês que renove ao penſamento
Toda a pena cruel, todo o tormento?

Almeno.

Toca, Faria, toca a doce lyra (6);
Que o noſſo claro Tejo,
A' ſombra recoſtado,
E com ſilencio triſte,
Dos olhos derramando
Gottas que o corpo todo vaõ banhando,
Eſtá para te ouvir apparelhado:
Nenhum rumor da ſerra lhe reſiſte.
Digamos mal tamanho,
Só porque a meu deſejo ſatisfaça;
Que dias ha que no deſejo o tenho.
Façamos novo eſtylo, e novo eſpanto.
O' tu, que no tocar pareces meſtre,
Aqui tées companheiro.
Canta agora Paſtor
Donde teve princípio
O duro caſo triſte
De aquelle Cavalleiro,
Que buſça outro Hemispherio,
Que padeceo deshonra, e vituperio.

Faria.

Com carga taõ pezada
O engenho me falta, o eſprito mingoa:
Mas pois o mandas, tudo ſe te deve;
Eu porei teu deſejo em doce effeito.
Nos ſaudoſos campos do Mondego
As filhas de Mnemoſine famoſa,
Criando-o co' o ſeu leite, no ſeu leito,

De hum esprito divino acompanhado,
Inclinaçaõ divina lhe influíram,
Em quem suas altas mentes assignáram
O claro Apollo, e Marte.
Com a doce harmonia nos Cantores,
De todo ser humano differentes,
Passava o tempo alegre, e deleitoso.
Mancebo era de idade florecente,
A barba entaõ nas faces lhe apontava:
De boninas a fronte coroava,
Que as Nymphas lhe tecêram, e ordenáram;
Em quanto Deos queria,
Livre, é contente para si vivia.

Almeno.

Só sua doce Musa o acompanha,
Imitando de Tityro as Camenas,
Tangendo faz o mar sereno, e lédo,
Entre as Musas dos bosques, das arêas;
Ora nos montes, ora pela arêa,
Tocando com destreza
A cithara dourada,
A cuja voz altisona, e divina,
Os ramos se abaixavam,
As ondas de Neptuno;
O claro Olho do Ceo no quarto assento
Seus raios abaixou,
Porque ante elle tudo se abaixava:
Mil vezes fez parar no ar o vento,
As Tagides no bosque, e na aspereza;
E fez ouvir os mudos nadadores
No mesmo mar undoso.

De

De vārias cores sempre se vestia:
Sem conhecer a amor viver soia.

Faria.

Que bem livre vivia, e bem iseuto
De quem por elle via andar perdido!
De quantos bebem a agua do Parnaso,
De Nymphas, e Pastores celebrado,
Mil vontades alhêas enganando:
Muitas Nymphas do rio, e da montanha,
Com palavras mimosas
As trazia contentes, e enganadas,
Seu arco, e seus enganos desprezando.
Mas ah! Que desta próspera victoria
Da sua idade tenra, em tudo estranha,
Quasi lhe roubará a fama, e gloria,
Hum mover de olhos brando, e piedoso,
Que em si está sempre as almas transformando.
Contra quem força humana naõ resiste.
Onde menos temia foi ferido;
Ferido sem ter cura perecia,
Na prompta vista a sétta endireitando
O menino que em todos póde tudo.
Que contra o fero amor nunca houve escudo.

Almeno.

No Templo donde toda a creatura,
Os giolhos no chão, as mãos ao Ceo,
Louva o Feitor divino,
O Filho de Maria,
As Chagas recebidas (7),
Por subir os mortaes da terra ao Ceo,
A quem faraõ os Hymnos, Odes, Cantos,

En-

Engenhos peregrinos,
Arrebatados do furor divino,
Em quanto houver no mundo trato humano;
Em quanto der o Sol virtude á Lũa:
Alli amor, que o tempo lhe aguardava,
Em morte lhe converte o charo ninho
Da doce liberdade desejada.
Vivas faiscas lhe mostrou hum dia
Dos olhos com que o Sol escurecia
Huma divina angelica excellencia.
Ah dura lei de amor, que naõ consente
A algum juizo isento
Esperança de algum contentamento!

Faria.

Alli se vio passado
Assi do santo Templo,
Onde as formosas Nymphas se juntavam;
Formosa Lemnoria (8),
Sybilla, Nympha linda,
Natercia, crua Nympha,
Rachel, serrana bella,
Amanta, e mais Elisa,
Sirene, e Nise, que das mãos fugíram
Dos Faunos petulantes:
A dura Galatéa
Bellissima Oritya,
E excellente Marfida,
Dinamene, e Ephire;
A linda Daliana com Belisa,
Que das outras parece ser Senhora;
E huma os cabellos louros se espalhavam

Po-

Polo colo que a neve escurecia:
Outra levando o colo descoberto,
Havendo por pezado o desconcerto.

Almeno.

De todas estas altas semidéas,
Dignas todas da Homerica eloquencia,
No meio se sublima
Huma de desusada formosura:
Aquella humana fera taõ formosa,
Como cruel, Belisa (9),
Onde mais se mostráram as tres Graças;
A formosura angelica, e serena,
Onde póde aprender-se formosura:
Esprito, e corpo, em liga generosa;
A perfeiçaõ, a graça, o doce geito;
Nenhuma taõ formosa as hervas piza,
A composiçaõ alta, e milagrosa,
Pallas em sabia, Venus em formosa.
Aquelle mover de olhos excellente,
Aquelle naõ sei que,
Que nasce naõ sei onde,
Foram as hervas mágicas,
O eterno esquecimento,
Que pode transformar seu pensamento.

Faria.

A testa de ouro, e neve (10),
As tranças dos cabellos,
De quem contam que saõ do Sol thésouro,
Mais que de Arabia o ouro reluzente,
A quem o Sol seus raios abaixou:
Os claros olhos bellos,

A cujo abrir abrem no campo as flores;
Debaixo de ouro, e neve, côr de rosa;
As rosas entre a neve semeadas;
Nariz lindo, affilado,
Da transparente massa crystallina;
A boca graciosa;
Riso brando, e suave, olhar sereno,
Que hum peito desfizera de diamante:
Falla, de quem a morte, e a vida pende;
Pérolas dentes, e palavras ouro;
O colo de crystal, o branco peito;
Esta foi a celeste formosura,
Que o Ceo, e a terra espanta,
O Pastor captivou, como elle canta.

Almeno.

Mas esta linda, e pura semidéa,
Mais cruel que ursa, mais sagaz que cerva;
Entregou-o á fortuna,
Soberba, inexoravel, e importuna;
Pois para passatempo seu tomou
Os enganos suaves de amor cego.
Mas o misero amante,
A quem nenhum trabalho aggrava, ou peza,
Sacrificou a vida a seu cuidado;
O tempo consumindo
Em lagrimas cansadas,
Sahidas com suspiro vivo, e ardente,
Que mais publica muito, que palavras,
E nos alamos altos escrevia
O nome da inimiga;
O nome que no peito escripto tinha,

Den-

Dentro da alma, co' as letras da memoria;
Estando na alma propriamente escripto
Amor, que o gesto humano na alma escreve,
E onde he mór o perigo, mais se atreve.

Faria.

Tocando a lyra de ouro
Entre vaccas, e gado petulante,
Tomando das Sirenas o exercicio,
As mágoas enganava co' os enganos
Para ser menos grave o seu tormento:
Co' o pezado penedo do desejo,
Que todo se desfaz em puro amor;
Todo se desfazia em desejar,
Pedindo (e suspirando)
Hum só revolver de olhos piedoso,
Naõ sabe o que deseja,
Naõ entende a quem pede,
Comsigo só fallava:
O fallar, sem saber o que dizia,
Fallava, e descobria seu tormento:
Hum mal por mil prazeres naõ trocava,
Como quem para penas só vivia:
Só de seu pensamento acompanhado,
Sómente vive nelle o seu cuidado.

Almeno.

Com estes pensamentos,
Que de taõ bellos olhos,
Nesta florida terra (11),
Para nunca acabar se começáram,
Em fim se contentava.
Nesta vida mesquinha,

Senaõ vivesse triste morreria,
Que taõ conforme estava co' a tristeza.
De si contino, e aspero adversario,
Fugindo, em fim, de todo o humano trato,
Polo monte selvatico,
De aquella humana fera
Está seu nome aos écos ensinando.
Belisa, retumbando,
Responde o valle umbroso.
Ah Senhora, Senhora,
De seu despojo rica?
Se em Nymphas corações houvesse humanos,
Ver desfazer hum peito em triste pranto
Te poderá mover a grande espanto.

Faria.

Oh desditoso amante!
Pois tanto em teu engenho te confias,
Porque naõ pões hum freo a mal taõ forte?
A doce liberdade
Se converteo no gosto de ser triste?
As namoradas mágoas
Te fizeram de gostos haver medo?
Naõ és tu de saber taõ falto, e rudo.
Mas que digo, coitado?
Com siso, grande dor! Naõ vi nenhuma.
E tu, gentil Senhora, naõ te obriga
Huma alma, que de amar-te só se préza
Com tantas calidades generosas?
Mas pois, Belisa dura,
Em ti tua dureza
Lhe nega o mantimento
Dos raios de esses olhos

Mais

Mais certo manjar d'alma, em fim, que tudo;
Se da alma, e do corpo tẽes a palma,
Ha dó do corpo só, que está sem alma.

Almeno.

A'quelle unico exemplo
De amor, e da fortuna,
Sequer algum respeito ter devias,
Senaõ foras, cruel, quanto formosa.
Oh Nympha delicada,
Suave, e venenosa,
Honra da natureza,
Que do mais alto Ceo a nós vieste!
Porque naõ te lembrava
Hum verdadeiro, amor que tu bem vias?
Naõ vias seu tormento?
Naõ pudéram mover-te o peito duro
O canto nunca ouvido?
Naõ vista, e nova lyra,
De taõ divino accento,
Que em seus módulos versos
Os tigres em Hircania amansaria?
O que de ti escrevia cada hora,
Nos versos saudosos que escrevia,
Como, cruel Belisa, te esquecia?

Faria.

Oh crua, esquiva, e féra!
Naõ te gerou alguma Tigre Hyrcana.
Formosura do Ceo, à nós descida,
Bem vês que por amor se move tudo.
Cantando por amor suspira, e chama
A ave que no ar cantando voa:

A féra, que he mais féra,
Tambem suspira, e morre,
E naõ temendo nada a amor só teme:
O mais simple animal, mais baixo, e rudo,
Tambem sente de amor a frecha dura.
E tu que de divina,
Na graça, e formosura,
Naõ tées menos que Venus, e Cupido,
Hum amor verdadeiro naõ soccorres?
Porque naõ se soubera,
Que houvesse ahi no Mundo
Nodoa taõ fea em gesto taõ formoso?
Que mudava a humana natureza
Tua nunca entendida gentileza?

Almeno.

Elle com suas mãos
Para ti huma e huma só ajuntou
As conchinhas da praia,
Argenteas, ruivas, brancas, e amarellas:
Na praia deste rio
Os buzios apanhando,
Os negros mesilhões;
Os curvos camarões, vivos saltando;
A's costas, com a casca, os caramujos,
Que recebem de Phebe crescimento:
A tinta, que no murice se cria;
(Parece-me que vejo
O que de tua boca estou cuidando)
O ramoso coral, fino, prezado,
De ouro a arêa, que o rico Tejo espraia.
Para quem de mergulho no mar bravo

O rico aljofar, que nas conchas nasce?
As perlas de Barem, tributo rico?
A occulta ao Mundo, e preciosa massa (12),
Que no mar nasce, e a Arabia em cheiro passa?

Faria.

Para ti, féra, as flores,
Dóes de Zephyro, e Flora.
No rustico raminho
As mais purpureas rosas;
A candida cecem;
Os lirios, e jasmijs;
As violas da côr dos amadores;
O neto de seu pai, da mãi irmão,
Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras.
Das flores delicadas;
As amarellas flores;
As flores Hiacynthinas;
Bonina pudibunda;
E tu constante Clicie.
As hervas do alto monte;
Hortelãa, mangerona;
A hera florecente;
Os mui floridos myrtos;
Sem que por teus rigores
Possa colher o fructo destas flores.

Almeno.

Os dões que dá Pomona;
Os formosos limões;
A cidreira co' os pezos amarellos;
A romãa rubicunda (13);
Vestido de boninas

O

O pomo que da patria Persia veio;
Peras pyramidaes;
As cerejas purpureas;
As amoras, que o nome tem de amores;
Medronhos nos raminhos;
Vide co' hũus cachos roxos, e outros verdes:
Andava imaginando
Colher as maçáas de ouro
Do Reino onde as Hesperides vivêram.
E polas solitarias espessuras,
De mel os doces favos;
A branda Philomella;
Os implumes penhores:
Lindo fructo; de dura máo colhido,
Duro peito, cruel, empedrenido!

Faria.

Por ti feito Pastor de branco gado
Nas selvas solitarias;
N'hum longo esquecimento
De si, todo embebido,
Deixando o gado, e casa,
Em varias flammas, váriamente ardia.
Por ti aos écos dava,
Com a contemplaçaõ de teus amores,
Suspiros, mágoas, ais, musicas, prantos,
Com lagrimas em fio;
Taõ differente de seu ser primeiro,
Que as cousas insensiveis o sentiam.
Por ti aos bellicosos,
Gravissimos perigos
(Co'a esperança de ti toda perdida,

Co-

Como inimiga, em fim, de ti fugindo)
Se deo do féro Marte
A ferro, a fogo, e neve;
A's ondas de Neptuno furibundo;
A naufragios, a peixes, ao profundo.

Almeno.

Porém naõ tardou muito
A inſtabilidade da fortuna.
Por fraqueza de eſprito,
Ou por outro deſpejo
De algumas temerarias eſperanças,
De quem põe o deſejo onde naõ deve (14);
Que a lingua deſcobrio, por deſvario;
Ou por ſegredos que homem naõ conhece:
A vida neſte eſtado
Cauſou taõ dura, e aſpera mudança,
Que era razaõ ſer a razaõ vencida.
A culpa teve amor; ſe alguma teve,
Naõ póde quem quer muito ſer culpado.
O murmurar do povo,
A damnada tençaõ dos invejoſos,
Deſejava que foſſe deſterrado.
Já paga a culpa enorme com deſterro
Para onde Alcides poz a extrema méta,
Nos campos de Ampeluſa,
Co' o monte que em máo ponto vio Meduſa.

Faria.

Mas já as agudas proas vaõ cortando
Onde Hercules ao mar abrio caminho:
Tomam vélas, amaina-ſe a verga alta,
Péga no fundo a ancora pezada:

Tre-

Treme a bandeira, voa o estandarte.
De Ceita a Maura tumida vaidade
Recebe o Capitam alegremente:
E com risonha vista, e lédo aspeito,
A'quelle, cuja lyra sonorosa,
Cujo nome naõ póde ser defunto,
Cuja alta fama entaõ subia aos Ceos.
A lyra, nome, e fama,
Fez concorrer a vê-lo todo o povo.
Alli canta, e suspira,
E com suave, e doce melodia,
Faz a culpa soberba, e soberana.
Ficou como pasmado,
Ouvindo o doce canto,
Ao som da Mauritana, e ronca tuba,
Todo o Reino que foi do nobre Juba.

Almeno.

Ao longo de huma praia saudosa,
Com grande saudade da partida,
Vai na sua inimiga imaginando.
Nessa imaginaçaõ,
Nem com as armas taõ continuadas;
Africa estar quieto o naõ consente.
Espalhando a contínua saudade,
Figura na lembrança,
Com o extremo trabalho do Thebanõ;
O pomar das Hesperides,
A nova terra, o novo trato humano;
E alli naõ lhe faltava hum brando engano.
As namoradas sombras revolvendo,
Aos montes ensinando

As namoradas mágoas, que dizia,
Com a trémula voz, cansada, e fria.
O grande monte Atlas
A compaixaõ inqvia,
O peito que naõ sente,
Ouvindo a sua voz, fraca, e doente.

Faria.

Naõ menos cobiçoso de honra, e fama,
Por armas sanguinosas,
Fervendo-lhe no peito o duro Marte;
Vestindo o forjado aço,
Malhas finas, e laminas seguras,
Provando os fios vai da dura espada,
Entre as agudas lanças Africanas;
E as armas naõ lhe impedem a sciencia.
Andando em bravo mar,
Que de inimigos mil verá qualhado,
Com vélas, e com remos,
Fará pedaços leme, mastro, e véla.
Mostrando-se no mar hum bravo raio,
Os golpes de seu braço, em fim, provaram
Os bellicosos Mouros.
A furiosa, e dura artilheria
Os montes Sete Irmãos atroa, e abala,
Polas concavidades retumbando:
Farpões, settas, e varios tiros voam;
Instumentos de guerra tudo atroam.

Almeno.

As forças Lusitanas
A muitos mandam ver o Estygio lago;
O Exercito nefando

Do falso Mafamede ao Ceo blasphema.
Olha como em taõ justa, e santa guerra,
Da vista o claro lume (15)
Lhe leva hum cego tiro, que passára,
Dos pelouros que tu Vulcano espalhas!
Agora foi ferido
Nos olhos saudosos:
O falso Marte, e rudo,
Nos olhos quiz que logo
Sentisse os golpes asperos, e graves,
De instrumentos mortaes de artilheria:
Ferido sem ter cura
O generoso animo, e valente,
Taõ gravemente foi do raio ardente:
Co' a vista só perdida
Sempre será famoso, e conhecido:
Oh grande esforço mal agradecido!

Faria.

Alli taes provas fez de Cavalleiro,
Imitando a seu pai na valentia (16),
(Do velho acompanhado,
Para leaes vassallos claro espelho)
Que de tal pai, tal filho se esperava:
Hum filho que illustrasse
A nossa Lusitania,
E naõ menos por armas, que por letras.
E com esta victoria;
Com que depois virá ao patrio Tejo,
Mostra a fortuna injusta,
Que nenhum grande caso
Mudança na ventura lhe faria.

A

A gente amiga já contrária via,
Onde de novo chora o novo damno.
Já toma a branda lyra;
Pola praia do Tejo discorria:
Ao rio se queixava
De amor, e da fortuna,
Soberba, inexoravel, e importuna.

Almeno.

Oh triste desengano!
Mas assi vive quem sem dita nasce.
Porque mui pouco val esforço, e arte,
Se a fortuna em contrário o leva, e guia.
Porém vendo o Pastor que com enganos
Deo á roda a fortua
A' roda a esperança,
Vendo-se em breve tempo em pena tanta,
Que nem ter esperanças lhe convinha
De poder algum'hora ser contente;
Já de desesperado,
Com animoso esprito,
A vida poz nas máos de hum fraco lenho,
Buscando á vida algum descanso honesto,
Allívio a seu desgosto.
Para as terras da Aurora se partia,
A buscar outro Mundo, onde naó visse
Tantas ingratidões, taó grande inveja.
Fortuna, e o duro fado,
Fez-lhe deixar o patrio ninho amado.

Faria.

Cortando vaó as náos a larga via (17),
Na cortadora prôa vigiando

A méta Austrina da Esperança boa.
Debaixo estando já da estrella nova
O ar subitamente se escurece,
De altas nuvées vestido, hórrido, e feo.
Lutando Boreas féro, e Noto horrendo,
Como touros indomitos bramando,
Sonoras tempestades levantavam.
Em serras todo o mar se convertia,
Hórrido aos olhos hórrido aos ouvidos.
Vibrava o fero, e aspero Tonante
Os raios, com que o Polo todo ardia.
Tremendo os Polos ambos de assombrados,
O Mundo pareceo ser destruido.
A máchina do Mundo parecia
Arruinar a máchina do Mundo.
Os Marinheiros, já desesperados,
A manear o leme naõ bastavam:
Relampagos medonhos naõ cessavam.

Almeno.

Andando em bravo mar perdido o lenho,
Pondo os olhos no Ceo assi dizia:
Se algum'hora, Senhora, vos lembrasse
A peregrinaçaõ cansada minha,
E vossa formosura
Em figura de mágoas se mostrasse,
Isto só que soubesse me seria
Nova quietaçaõ do pensamento;
Com isto affagaria o soffrimento.
Só com vossas lembranças,
Por quem do vento a furia pouco temo,
E naõ temo contrastes, nem mudanças.

Fo-

Foge todo o trabalho, e toda a pena!
Oh que este irado mar, chorando, amanso!
Os tigres em Hyrcania amansaria!
Pois como? Pena tanta
Como? Já naõ abranda huma alma humana,
Onde a mesma brandura he natureza?
Se hei de viver, em fim, forçadamente,
Morra eu, Senhora, e vós ficai contente.

Faria.

Os furiosos ventos
Mais e mais a tormenta accrescentavam.
Mas elle, em fim, (com causa,
Vendo a morte diante)
Espera confiado,
E pôe aberto o rosto
Contra o rosto feroz da fera morte,
Que sempre aos Nautas ante os olhos anda:
E torna a seus queixumes.
Senhora, em quem se apura
Huma fé verdadeira;
Por sinal do naufragio que passei,
Debaixo da tormenta
Dos raios de seus olhos,
Em lugar dos vestidos puz a vida,
Donde já me naõ fica mais de resto.
Mas se em vós, ondas, mora piedade,
Se vós me dais a vida,
A'quella em quem eu móro
Levai tambem as lagrimas que chóro.

Almeno.

Ouvio-lhe estas palavras piedosas;

As váas querellas, brandas, e amorosas
A Acidalia, que tudo, em fim, podia.
Assopra-lhe galerno o vento, e brando,
Quando chegava a Frota áquella parte
Do Indico Oceano,
De todo pobre honrado sepultura.
Entrava neste tempo (18)
No roubador de Europa a luz Phebea:
O Reino entaõ governa
(Ao fim de sua idade)
Joanne, sempre Illustre,
De Portugal Terceiro, sem segundo:
Frondelio a doce lyra
A doce canto dava
Da morte de Tionio, triste, e escura,
A's Gangeticas Musas:
E o Ganges, que no Ceo terreno mora,
O rosto levantando,
Suspenso esteve os numeros notando.

Faria.

E como quem naõ era já noviço
No soberbo exercicio da milicia,
Seguindo as armas, que contino usou,
O forte escudo ao collo pendurado,
N'huma mão sempre a espada, e n'outra a penna,
(A huma rege, e ensina, a outra fere)
Desejoso de ver as cousas grandes,
Toda a Asia discorre,
Até o longinquo China,
(Por nós já convertido á Fé de Christo)
Vendo varios costumes,

Na-

Nações de muita gente eſtranha, e féra
Que cada Regiaõ produze, e cria:
Que taõ longos caminhos rodeou,
A taõ diverſos ventos dando as vélas,
Só por ver, e eſcrever em alto eſtylo;
Fugir do povo injuſto,
O vituperio vil das rudes gentes;
Por eſtender co' a fama a curta vida,
Polo Mundo em pedaços repartida.

Almeno.

Agora o mar, agora exprimentando
Na terra tanta guerra, tanto engano:
Ora em louvores dos cabellos de ouro
Toma a lyra na mão;
Na mão, que a dura Pelias menéara:
Agora deleitando, ora enſinando.
A troco dos deſcanſos, que eſperava,
Em prisões baixas foi hum tempo atado:
Vio mágoas, vio miſerias, vio deſterros,
Naufragios, perdições de toda a ſorte.
Aſſi paſſou a vida.
Com mil mortes ao lado,
Vivo neſte, tormento,
Como Ixiaõ taõ firme na mudança,
Até tornar á doce, e chara terra.
Por Heitor da Silveira (19),
Por eſpiritos mil, que tem prudencia,
A' Cidade Ulyſſea foi trazido,
Co' o rumor famoſiſſimo, e preclaro,
Do Luſitano preço, grande, e raro.

Faria.

As doces cantilenas
Entre o canto maritimo, e campestre,
Africa, Europa, e Asia as adorou.
A lyra sonorosa,
Que tanto os Portuguezes engrandece,
Quanto a gente fortissima o merece,
Deixou segunda vez com maior gloria (20)
Em pequeno volume,
Que impresso á luz sahindo,
O sello poz a quanto tinha feito,
Tudo o que nelle poz engenho, e arte.
Nos campos saudosos
Do Tejo, e do Mondego;
Nas Libicas montanhas;
No Reino Neptunino;
Lá no seio Gangetico;
Polas praias da Persia;
Polas roxas Arabicas ribeiras;
Nos campos indiannos,
Para thesouro dos futuros annos.

Almeno.

Em Lesbos Ariaõ,
O Musico de Thracia,
O canto das Sirenas;
Em Thebas Amphiaõ,
A Homerica eloquencia,
O Sulmonense Ovidio,
O namorado Gallo;
Aquelle que taõ claro,
Louvando, o cryftallino Sorga enfrea:

O

O Pescador Sincero,
A Toscana Poesia;
O brando, e doce Lasso Castelhano:
Nenhum claro Varaõ,
Grande no tempo antigo, e no moderno,
Que nas azas do verso excelso suba
No cume do Parnaso, duro monte,
(Mas no fim doce, alegre, e deleitoso)
Com nome entre os engenhos mais perfeitos,
Chega a este, que a palma a todos toma,
E perdoe-me a illustre Grecia, ou Roma (21)

Faria.

Mas entre tantas palmas salteado
De desesperaçaõ, de fome, e de ira,
A piedade humana lhe faltava,
Terra em que pôr os pés lhe fallecia.
Os Pastores de Luso
Veraõ morrer com fome
A quem os fez, cantando, gloriosos.
Que em fim, em fim, dest'arte
(Espirito divino!)
A mãos dos teus morreste!
Assi o quiz o conselho
De vil miseria dura,
Amor féro, e cruel, fortuna escura,
Que do contentamento saõ espias.
O que arcos, e pelouros naõ fizeram,
Esquadraõ de Gentios, e de Mouros,
E subita procella,
Fizeram Cavalleiros,
Que a fortuna tem sempre taõ mimosos,
No fim de tantos casos trabalhosos. Al-

Almeno.

Trabalhos nunca ousados lhe inventáram,
Contra Deos, e justiça...
Injustiça de aquelles,
Que assi sabem prezar com taes favores
Virgilios, nem Homeros:
Doentes desta falsa hydropesia
(E co' o beber lhes cresce mór secura)
Das honras, e dinheiro,
De querer dominar, e mandar tudo:
Que estaõ co' a boca aberta
(Vicio da tyrannia, infame, urgente)
Por se encher de thesouros de hora em hora,
Para servir a seu desejo feo.
Oh vaso de iniquicia,
De peitos inhumanos, e insolentes,
Sem temer de honra, ou fama, algũus perigos!
Naõ saõ isto que fallo conjecturas:
Oxalá foram fábulas sonhadas
Da solta liberdade!
Mas inda mal, em fim, porque he verdade.

Faria.

De lagrimas me banha todo o peito (22)
Tamanho mal, tamanha desventura,
Que me faz cá no peito a alma triste,
Sentindo na alma a pena, que tu sentes.
Culpa dos viciosos successores
Do generoso tronco, e casa rica,
A quem fez seu Planeta
Ricos de pobres, livres de sujeitos,
Em gostos, e vaidades atolados:

To-

Tomando por escudo
De seus vicios, e vida vergonhosa,
Nomes de semideoses soberanos,
De seus antecessores a memoria,
E naõ cuidam de si, que saõ peores.
Vede, Nymphas, que engenhos de Senhores,
De deoses, semideoses,
Bravos em vista, feros nos aspeitos!
De fábulas composta se imagina
A tumida vaidade.
Quem vio honra, taõ longe da verdade?

Almeno.

Guerreira Lusitania,
Com mão rapace, e escaça,
E de ti mesma adversa,
Déste causa á molesta morte sua!
E tu nobre Lisboa,
Dos Heroes a Cidade;
Porque, cruel, consentes,
Ou porque naõ te corres,
Com taõ disforme, e aspera dureza,
De huma estrella, que quer q̃ á mingoa moura
Quem faz obras taõ dignas de memoria?
De capellas idoneas
Hespanha, França, Italia,
Seu Vate coroáram:
E naõ sei porque influxo do destino,
Contino sopeados
Foram do baixo vulgo,
Como da gente illustre Portugueza,
E de todos os grandes desatinos,
Engenhos peregrinos.

Fa-

Faria.

Occultos os juizos de Deos saõ,
Que naõ alcança humano entendimento.
Honra, premio, e valor, que as Artes criam,
Naõ o dá a patria naõ; que está metida
N'hum longo esquecimento
Dos trabalhos alheos.
Nenhum ambicioso
Mais o público bem, que o seu respeita;
E nenhum no bem público imagina.
Mas isto he já costume da ventura,
E mal se estranhará o costumado.
Ah patria minha amada,
Naõ vias tu a fé com que te amava?
Mas altos corações, dignos de imperio,
Em ti, e nelle veremos
A baixo estado vir, humilde, e escuro.
Mas com quem fallo? Ou que éstou gritando?
Com nada se restaura
O que a este Pastor aconteceo
Com desusadas musicas de Orpheo.

Almeno.

Cousas grandes, e estranhas,
Que nunca vi (Faria) vejo agora (23):
Em desventura tanta
Quem dissera, que houvesse ahi no Mundo,
Por taõ pequeno erro,
Que a fraca humanidade, e amor desculpa,
Taõ grave penitencia?
Que segredo taõ arduo, e taõ profundo!
Despois de tantas noites mal dormidas,

Só

Só por amor da patria,
Taõ aspera esquivança?
Que effeito em mim (Faria)
De dor, de mágoa pura,
O desditoso Amante
Da inclyta Ulyssea
Fará co' a vista só perdida, e rota,
Só por servir a Regia Magestade
Com glorias immortaes taõ largamente;
E além disso nenhum contentamento?
Alli mais enfraquece o entendimento.

Faria.

Oh quanto ha já que o Ceo me desengana
Que tome exemplo delle, e naõ me espante!
Mas já que pouco a pouco
Te vejo estar pasmado
Da mágoa, sem remedio
Desse caso terribil,
Dizer tudo me offreço.
Escuta hum pouco, nota, e vê Almeno (24)
O que meu canto polo Mundo estende
De hum que só foi das Musas
Naõ menos ensinado,
Que déstro, e costumado
Nas armas, contra o torpe Mauritano,
Do Gangetico mar ao Gaditano.

Agora, tu Calliope, me ensina
Quanto mostrar ao Mundo pertendia
A minha já estimada, e léda Musa,
De aquelle, para quem criado estava
Hum novo engenho ardente.

Este,

Este, por haver fama sempiterna,
Desejoso de ver as cousas grandes
Da India, Persia, Arabia, e da Ethiopia;
A vida poz nas mãos de hum leve lenho,
Nas mãos do féro Marte.
Este he aquelle zeloso, a quem Deos ama,
No som, que pelo Mundo se deseja
Da Homerica Musa, e Mantuana,
Com dões, mercês, favores, e honra tanta,
Que de nenhum bem passado se contenta.
Este sempre as soberbas
Da soberba fortuna,
Com peito desprezou firme, e sereno.
Fazendo o que a seu forte peito deve,
Poz na guerra, e na paz devido estudo.
Tirou da escura tréva
As Musas do Parnaso,
No Reino Lusitano,
No Reino Neptunino,
Enchendo a terra, e o mar de maravilha,
Com alto exordio, de alta graça ornado,
Que do poder mais alto lhe foi dado.
Com estylo, que Pallas lhe ensinava,
Que Venus Acidalia lhe influia,
O singular Artifice,
N'hum breve livro casos taõ diversos,
Começa, e acaba, em fim, por divina arte.
Com a doce harmonia,
Que mais Phebo restaura
(Perdoem-me as Deidades)
Com os deoses celestes competia.

Com

Com fama grande, e nome alto, e subido,
Por mais que da fortuna andem as rodas,
Por mais que o tempo corra, o damno possa,
Será sempre famoso,
Desde o Tropico ardente, ao Cinto frio.
Aqui, minha Calliope,
A cithara para elle só cobiço,
Se taõ sublime preço cabe em verso.
Nas terras Mauritanas
Os perigos Mavorcios
Hum soldado gentil instituiram
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Aquelle féro indomito mancebo
Aqui pinta no branco escudo ufano
Taõ illustres signaes
Da primeira maritima victoria (25),
Que póde naõ temer a Lei Lethéa;
A Lei Lethéa á qual tudo se rende.
Desprezando a fortuna,
De Colchos o gentil metal supremo,
Que a gente bruta, mais que virtude ama,
Por taõ arduo caminho
Fortuna o trouxe a taõ longo desterro,
Taõ longe da sua patria Lusitana.
Já deve de bastar o que aqui digo.
Em premio destes feitos excellentes,
As gentes váas, que naõ os entendêram,
Determinam de ter-lhe apparelhado
O hospicio que o crú Diomedes dava,
Outro Scylla, e Carybdes,
As aras de Busiris infamando,

As

As Syrtes arenosas,
Outros Acroceraunios,
Tormentos inhumanos
De Scynis, e do touro de Perillo.
Oh famoso Luis!
Moveste com teu canto
A costa da Ethiopia;
A terra Oriental, que o Indo rega;
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara:
As Musas do Parnaso,
O Olympo claro, e puro,
O Reino de Plutaõ soberbo, e escuro.
Naõ pudeste mover
O peito Lusitano.
Oh Lusitano espirito!
Oh bemaventurado
Manhoso Cavalleiro, e namorado!
Em ti se vem da Olympica morada
Cousas que juntas se acham raramente:
Estylo grande, e raro;
E com suave, e doce melodia,
Mal entendida do juizo alheo:
E quasi mais que humanos
Pensamentos em obras divulgados,
Com partes de grandissimo respeito:
Aquelle saber grande,
Com longa experiencia misturado:
A discriçaõ segura, a confiança,
Brandura mansidaõ, engenho, e arte,
E palavras sincéras naõ dobradas;
Condiçaõ liberal, e sabio peito,

Que

Que ao juizo das gentes merecia
Da fama eterna ter perpétuo dia,
Entre os deoses no Olympo consagrado.
Animo de cobiça baixa isento,
Digno por isso só de altos estados:
A's armas braço feito,
A's Musas mente dada.
De vós, Nymphas do Tejo,
Oh Tagides Camenas!
O nome tem co'as obras derivado;
Nome em Musas ditoso em nossa Hesperia!
Das Pierides em ti se encerra a arte,
E quem o nega, contra as Musas erra,
E negue mais ao Sol a claridade.
Ditosa patria que tal filho teve!
Mas aquelles avaros
Se encarniçavam férvidos, e irosos,
Em lhe tirar a gloria;
A gloria por trabalhos alcançada,
Como se a naõ tivera merecida.
Que a morte para a morte tenha vida!
No tempo que de amor viver soia,
N'hum bosque que das Nymphas se habitava,
A crystallina Venus
Vivas faiscas lhe mostrou hum dia
Nas lindas faces, olhos, boca, e testa;
Testa de neve, e ouro;
Aquelle crystallino, e puro aspeito,
Que em si está sempre as almas transformando;
Em vida taõ escaça
Naõ como quiz Pythagoras na morte.

Porém vendo o Pastor (26)
Despois de tantas lagrimas vertidas,
Fortuna taõ profana,
Contrária em tudo á sua calidade,
Perigos, linguas más, murmurações,
Buscando á vida algum remedio, ou cura,
Por huma Nympha baixa foi perdido:
Prisaõ terreste, e escura,
A qual virá despois a ser Senhora,
De quem era captivo.
Tudo faz a vital necessidade.
Naõ nos leitos dourados,
E de metaes ornados, reluzentes,
Se satisfaz do mantimento nobre
De iguarias suaves,
Por entre vivas rosas
Nas alvas carnes, subito mostradas;
Mas co' huma escrava vil, lasciva, e escura.
A vida de Senhora feita escrava
Da captiva gentil, que serve, e adora.
Mas como manda amor na vida esforça,
Que sirva a linda serva,
Estranha, mas naõ Barbara (27),
Esta a captiva he, que o tem captivo;
Altiva, e exalçada,
Porque de seu Senhor se vê senhora.
Da qual a Poesia que cantou,
As frautas dos Pastores,
As armas sanguinosas,
As Indianas gentes bellicosas,
Agora em som de voz suave, e terso,

Com

Com som de voz está subindo ao Ceo
A gente da Ethiopia ;
Em virtude do gesto de que escreve
Aquelle moço fero.
Alli se vio captivo :
Aqui a alma captiva
Se satisfaz co' o bem que naõ alcança.
Triste quem seu descanso tanto estreita !
Triste quem de taõ pouco esta contente ,
E chora o perdido eternamente !
Mas passo esta materia.
Olha o cysne morrendo que suspira.
O Ibéro o vio , e o Tejo ,
Morrer em taõ penoso , e triste estado ;
Morrer nos Hospitaes , em pobres leitos.
Naõ tinha parte , onde se deitasse.
Tudo dor lhe era , e causa que padeça.
A pállida doença lhe tocava ;
Já diante dos olhos lhe voavam
Pinturas de alegria ,
De huma subita luz , e raio santo ;
Alguma visaõ santa lhe appareceo :
Pállida a côr , o gesto amortecido ,
Co' o grave mal que sente ,
O colo inclina lánguido , e cansado ,
E fez da vida ao fim breve intervallo.
Com suave , e seguro movimento ,
E santa confiança ,
O esprito deo a quem lho tinha dado.
Da boca congelada a alma pura
Voa da prisaõ fóra

Para subir á patria verdadeira,
Da Cidade Hierosolyma celeste.
Tornado á luz superna,
Ao duro Rhadamanto,
Deo ás Parcas a vida transitoria.
Pagou co' a morte fria
A' triste Libitina o seu direito,
De que ninguem se exime dos humanos.
Que pouco val dos homões força, e manha,
Contra o terribil fim da noite eterna!
Eterna sepultura
Alli quiz dar aos já cansados ossos.
Sobre cabellos louros (281)
(Côr tem do louro Apollo)
Na fronte a palma leva, e o verde louro,
Dos que vencem corôa verdadeira.
Lá no estrellante Olympo,
Apollo, e as nove Musas,
Todas nove nos braços o tomáram:
Com justissima causa se queixáram.
Vai-te, alma, em paz, da guerra turbulenta
Do Mundo, e seus enganos,
Do temor máo, e perfida esperança.
Agora te possua Cytheréa
Lá na terceira esphera;
Amante lá te seja:
Logrando desta gloria
Em pago de louvar della a memoria.
Por alta instituição do immobil fado,
A voz pezada hum pouco levantando,
Quando a Parca queria

O fio de ſeus dias;
Taes palavras do ſabio peito abria:
 Paſtores deſte valle,
Agora vedes bem,
Quaõ facil he ao corpo a ſepultura:
Sobre hum triſte ſepulchro
(Sepulchro ſem arreo
Dos roxos lirios, das pudicas roſas).
As exequias fareis de minha morte.
Hum epitaphio triſte,
N'huma ruda cortiça pendurado,
A véla enfrêe ao duro navegante:
Diga o pregaõ a cauſa deſta morte,
Póde ſer que algum peito ſe quebrante (29).
 Alli Paſtores muitos
Nos olhos ſaudoſos,
Saudoſos na viſta, e deſcontentes,
Em quanto lhes pedia conſentiam.
Mas neſte paſſo aſſi promptos eſtando,
Inſpirado de angelica influencia,
Em varios penſamentos ſe derrama
Do Padre ſublimado,
Por quem o Ceo, e a terra ſe governa,
Que vibra os féros raios de Vulcano,
Com geſto alto, ſevero, e ſoberano.
 As Nymphas eſpalhando ſeus cabellos,
Nereidas, e Napéas;
Boninas apanhando,
Com as lindas conchinhas,
Eſtas, flores do mar, da terra aquellas;
E de Helicona as Muſas

Com

Com pompa honesta, e régia,
Varios casos em versos modulando,
Com lagrimas de dor, de mágoa pura;
Vaõ da morte as exequias celebrando:
Com gritos, que a montanha entristecêram
Estaõ perlas dos olhos destillando.
Todo o coro das Nymphas,
Taõ doutas, como bellas,
Aqui se entristeceo;
E junto caminhava,
Para o cume de hum monte alto, e subido,
A fazer o funereo enterramento.
De flores tem o tumulo adornado
Ao pé de hum funereo acypreste.
Todas estas angelicas donzellas
Em torno estaõ do corpo sepultado.
Alli o sublime fogo,
Em derredor do corpo,
A's estrellas do Ceo fazendo inveja,
Na branda cera ardia,
Trocando a noite escura em claro dia.
Todas tamanha grita levantáram,
Que o Mundo pareceo ser destruido.
No derradeiro accento
O éco respondia.
Os Pastores do Tejo,
Para o lugar do monte caminhavam.
Nos versos saudosos
Com ellas se igualavam.
Huma que de entre as outras se apartou,
Com soluços dizia:

Oh

Oh confiado engano!
Ah lei dos fados aspera, e tyranna,
Cruel, acerba, e triste!
Oh tyrannico amor! Oh caso vário!
Que levas, cruel morte,
O mais gentil Pastor, que o Tejo vio,
De Nymphas, e Pastores celebrado!
Mas tu, gentil espirito,
Repousa lá no Ceo eternamente,
Os trabalhos taõ longos compensando
No Templo da suprema eternidade.
No Olympo luminoso,
Mais alto, e santo monte,
Outras zamponhas ouves, e outro canto,
Com que faças o fim ao teu desejo.
Se lá no assento ethereo, onde subiste,
Sobre as azas inclytas da fama,
Polo caminho Lacteo glorioso,
Memoria desta vida se consente,
Se a . . . alguma mágoa toca
Verás huma, que a ti com triste choro,
Em vaõ sempre chamando
Está no pensamento,
Que sempre estará firme.
Cá me acompanhará tua memoria,
(Por testimunhas como o Ceo, e estrellas)
Até o derradeiro despedir-me.
Mas pois já me deixaste,
Vive nesta alma minha,
Co' o claro gesto juntamente impresso,
Porque, em fim, a alma vive eternamente,

E naõ tem a fortuna poder nella.
Se meus humildes versos podem tanto,
Que possam prometter-te longa historia,
Celebrado serás sempre em meu canto:
Será minha escriptura teu letreiro,
Do Herculano Calpe, á Caspia serra,
Em quanto apascentar o largo Polo
As nitidas estrellas:
Em quanto o Sol a terra, e o Ceo rodêa:
Em quanto houver no Mundo saudade:
Em quanto estas hervinhas pasto derem
A's mimosas ovelhas:
Em quanto os rios para o mar correrem.
Aqui com grave dor, com triste accento,
Seus olhos começáraõ novo pranto;
E nos alamos altos
Escreve estas palavras:

Naõ passes, caminhante. Quem me chama?
  Hum peito magoado, e descontente,
  Especial em graças entre a gente,
  Gloria, e louvor do tempo, azas da fama.
Este he aquelle zeloso, a quem Deos ama,
  Por quem de viver triste sou contente,
  Em lagrimas desfeita claramente.
  Quem he que taõ gentil louvor derrama?
Huma memoria nova, e nunca ouvida,
  De quem naõ ha no Mundo semelhança,
  Pois a grande de Roma naõ se atreve.
Tenha sua memoria larga vida;
  E quanto he mór a bemaventurança,
  Tanto lhe seja agora a terra leve.

O mais que alli foi dito,
O mais deste processo
Remetto a vós, ó Tagides Camenas,
Se o vós, ó altos montes, naõ differdes;
Que em vossos arvoredos anda escrito,
O qual offendo em quanto tenho dito.
Aquelle dia as aguas naõ gostáram
As cabras, de tristeza,
As tetas aos cabritos encolhendo:
As fontes crystallinas naõ corriam;
Correo ao mar o Tejo duvidoso;
E com esta graveza,
Corria mais medonho, que suave.
As aves deixam seu suave canto:
Deixa seu canto Progne, e Philomena:
O campo, como de antes, naõ se esmalta
De pudibunda rosa, e roxas flores.
A terra nos produz duros abrólhos.
A Poesia perdida,
Em tua ausencia toda consumida:
A fonte do Parnaso
Parece que se sécca:
Naõ temos luz, despois que nos deixaste,
Que todo o bem comtigo nos levaste.
Choráram-te, Luis, o Gange, e o Indo (30);
As fontes crystallinas
Choram o mal de tua ausencia eterna;
Te choram as montanhas, e os desertos,
Os altos Promontorios te choráram:
Chorou-te toda a terra que pizaste;
Nem Pastor ha no campo sem tristeza

As Halcyoneas aves
Vozes desordenadas em seu canto,
Nesta praia do Tejo,
Junto da costa brava levantáram.
Os Faunos namorados
Já naõ seguem as Nymphas na espessura:
As Nymphas na espessura,
Suspiros espalhando
O campo enchêram de amorosos gritos.
As filhas de Nereo,
As filhas do Mondego,
Com as filhas do Tejo
Longo tempo chorando memoráram
A temerosa morte;
O caso desastrado, a sorte dura;
Tudo qual vês he cheo de tristura.
Os Anjos da celeste companhia
Te recebem na gloria, que ganhaste;
Celebrando-te estaõ na doce lyra
As Musas do Parnaso:
O doce rouxinol,
Os passaros que cantam,
Com taõ divino som, que o Mundo espantam.

Almeno.

Qual o quieto somno aos cansados,
Entre hũus verdes ulmeiros;
E qual aos sequiosos
A clara, e pura fonte;
Taes me foram teus versos delicados:
O doce accento naõ parece humano:
O tom me espanta, a voz me faz inveja;

No

No Mundo ouvido seja.
  Deste nosso Pastor (31)
Grandemente por certo estaõ provados
Segredos delicados,
Limpos de todo o falso pensamento.
Lá na leal Cidade
Do Douro celebrado
O Interprete divino,
Das Musas Secretario,
Ouvindo o doce canto,
Que faz passando o Tejo crystallino;
Revolvendo contino no conceito
A musica divina,
Por caminho taõ arduo, longo, e vario;
Dará da Poesia hum vivo lume:
E Phebo crespo, e louro,
Ajuda ao graõ volume,
E descobrir-nos-ha segredos certos,
A nenhum grande humano concedidos.
Trabalho illustre, duro, esclarecido.
  Parece que guardava o claro Ceo
Este comettimento, grande, e grave,
A Manoel, e seus merecimentos,
A dar aos seus na lyra nome, e fama.
Acorda Manoel com novo espanto:
Manoel, que exercita a summa alteza
Das Musas na Sciencia.
O louvor grande, o rumor excellente
Iraõ representando,
Onde os juizos altos se estimarem.
De ambos de dous a fronte coroada,

Em

Em quanto produzir o Tejo, e o Douro,
Do Baccaro, e do sempre verde louro.
Oh quem cuidar pudéra
Por certo que algum dia
De mim qualquer memoria ficaria,
Em voz alta, e divina,
No cume do Parnaso!
A vida, e esperança,
Por taõ doce memoria trocaria:
Deixára por memoria
A parte principal de minha gloria.

Meio caminho a noite tinha andado,
Quando deo o Pastor fim a seu canto,
Que move os coraçóes a grande espanto;
Ouvindo o instrumento inusitado
Com louvores de Apollo celebrado.

ANNOTACIONES
A LA EGLOGA ANTECEDENTE.

YA en las advertencias a la Egloga 13 quedan algunas que sirven a esta, y no es necessario repetirlas. Dirè lo que parece serlo, para dar a entender la perfecion de la orden, y la orden de los discursos; y tambien lo que en algunos lances puede causar escrupulo a los curiosos.

Con toda la difficuldad de escribir en centones, se escribe aqui la vida de Luis de Camões, de la misma suerte que la he escrito en prosa; enpeçando desde su criança en Coimbra, y llevando todos sus acontecimientos por orden, hasta que murio en Lisboa. Agora hiremos prosiguiendo por los numeros.

1 *Na fonte de Aganippe*, &c. Aludiendo a las nuestras Rythmas en que entra este Poema, siendo el titulo dellas este: *Fuente de Aganipe.*

Alli mismo: *Mudando andou*, &c. El Poeta dize *andei*, no *andou*: y destas alteraciones ay algunas, aunque pocas en este Poema; pero son precisas, porque el Poeta habla en aquellos lances de si, y yo del.

2 *O' altas semideas*, &c. Invocanse aqui las deidades favorecedoras del canto, y aquellas partes por donde anduvo, y las cosas de que cantò.

3 *Este Canto que escreyo derradeiro*, &c. Vino-

nome bien esto, por dos razones; una por ser este el postrer Poema, que he escrito: otra por ser el postrero (esso vale el *derradeiro*) deste volumen: que es la condicion con que Virgilio dixo en su Egloga ultima, *extremum hunc laborem*, y mi Poeta imitandole, en su ultimo Canto: *neste trabalho extremo*.

Alli mismo: *As gentes Lusitanas*, &c. Llamo a ser oyentes de los discursos de su vida aquellas gentes, y tierras, y cosas de que cantò, y por donde anduvo, por hazer harmonia con el modo de la invocacion.

4. *Montanhas da Lũa conhecidas*, &c. Esto es perifrasis de la montaña, ó sierra que llaman de Cintra, llamada de los Antigos Promontorio de la Luna; sitio singular de frescura: y porque a todas mis Eglogas he dado el titulo del theatro adonde passò lo que cuento, di a esta el de Cintra, por ser cerca de Lisboa, adonde el Poeta muriò, de donde se descubre el Tajo, y el mar, de que fueron todos sus cantos.

Alli mismo: *Almeno, e mais Faria*, &c. El Faria en el Poeta és verbo, *faria*, que vale haria: en este verso de la Egloga 2.: *Tudo farei Almeno, e mais faria, por te ver algum hora descançado*. Y tuve por dicha hallar esto para introduzir aqui mi Appellido, en vez del nombre de otro Pastor. Avrà solo de escrupulo el estilo de; *Almeno, y mas Faria*, porque no parece culto hablar este, deviendo dezirse *Almeno, y Faria*: però és modo proprio del Poeta, que sin

la

la necessidad que yo tuve en esta occasion, dixo en otra de la Egloga 7. *Amanta, e mais Elysa.*

5 *De amor, e da fortuna*, &c. Este verso, y otros siete, ò ocho, se repiten en este Poema, y no he tenido esso por defeto, sabiendo que por arte repiten los grandes hombres algunos versos en sus obras. Aquel tan escogido con que Virgilio diò feliz fin a su Eneida, poco antes queda en la muerte de Camila, siendo assi, que este parece no devierà ser repetido.

6 *Toca, Faria, toca*, &c. El verso de Camões, que es en la Egloga 1. dize: *Toca, Frondelio, toca*: y en lugar de Frondelio puse Faria. Esto hallo yo usado assi en un mui buen Soneto, que con esta lus sacò de Petrarca Antonio Ridolfi, que hablando en el con su amigo Matheo Niccolini, entra assi: *Qui dove mezzo son Niccolin mio*: y el verso de Petrarca, dize: *Sennuchio* en lugar de *Niccolin*, porque el escribia a Sennuchio.

7 *As chagas recebidas*: el Soneto 77. del Poeta comiença assi:

O culto divinal se celebrava
No Templo donde toda a creatura
Louva o Feitor divino, que a feitura
Com seu divino Sangue restaurava, &c.

Es escrito a la occasion y lugar en que el Poeta se enamorò, que fue en un Templo: dizen algunos, que por esso que contienen essos quatro versos, se ha de entender que succediò esto el Jueves santo, en que Christo con su Sangre res-

tau-

taurò el genero humano: outros que nò, sinò que fue en la Yglesia que llamán de las Llagas en Lisboa, y que es perifrasis del, y dellas esse termino. Yo sospecho que esto ultimo es lo cierto, porque en un Soneto de los que tengo suyos manuscritos ay este verso: *A chaga que, Senhora, me fizestes*: con que parece alludir al titulo del Templo, adonde fue herido de la hermosura. Con esta supposicion he declarado con esse versillo, lo que se presume quiso dizir el Poeta en aquel Soneto.

8 *Formosa Leunoria*, &c. Nombranse en esta Est. todas las Damas y bellesas que el Poeta más celebra en sus Poemas: y porque la que el celebra con el nombre de Belisa, que deviò llamarse Isabel, tiene más parte en ellos, pues della son enteramente las dos Eglogas 2. y 3.; y la mitad de la 4., he presumido que esta fuè la mas querida, y por esso prosigo con ella, y la hago superior a todas con aquel verso: *Que das outras parece ser Senhora*, y con los primeros de la Estancia, que se sigue.

9 *Como cruel, Belisa*, &c. El Poeta sin duda tuvo mas de una querida, porque, como alli dixe, celebra a Belisa con tanta copia; y tambien con muchos a Natercia (que vale Caterina, y era D. Catalina de Atayde) pues de más de dos Sonetos, que andan en lo impresso a ella, tengo en lo manuscrito otros, y una Egloga a su muerte (*he a XV nesta nossa Ediçaõ*). si ya no es que la celebrava tambien con el nombre de Belisa: y pue-

puede ser assi, porque tambien el nombre proprio se dá differentes nombres; quando habla de Natercia se llama Liso, y Soliso: y Almeno, quando de Belisa; y otros en otras occasiones, como Alicuto, Leonardo, segun provamos en los Commentarios à sus obras. Finalmente por esta razon elegi para esta Egloga el nombre de Belisa.

10 *A testa de ouro, e neve*, &c. En esta Est. (y tambien en la passada) se han recogido todos los principales terminos con que el Poeta celebra y describe la hermosura amada.

11 *Nesta florida terra*, &c. Refierese a lo que dize el num. 11. con aquel verso: *Nos campos saudosos do Mondego*; porque haviendose criado en los estudios de Coimbra, Ciudad puesta a la margen desse Rio, alli fueron los primeros amores que tuvo, como consta de su Cancion quarta.

12 *A occulta ao Mundo, e preciosa massa*: Este verso en el Poeta es deste modo: *A massa ao Mundo occulta, e preciosa*. Rebolvile sin quitar, ni añadir letra, solo por fenecer con la consonancia.

13 *A romãa rubicunda*. He quitado de entre las dos palabras, las que hazian al verso hendecasyllabo.

14 *De quem põe o desejo, onde não deve*, &c. *O murmurar*, &c. Parece que el Poeta anduvo poco reportado en sus amores, y que los interessados en la causa dellos le perseguian: y si ella era la D. Catalina de Atayde, Dama de Pala-

19 *Por Heitor da Silveira*, &c. Despues que el Poeta anduvo y sirviò en la India, fue desterrado para la China, adonde tambien sirviò, y padeciò el naufragio notorio: y viniendo à Goa fue preso; y estando despues en Moçambique le truxo al Reino Heitor da Silveira, y otros Cavalleros, hallandole alli con mucha pobreza, y desgustos, y alli avia acabado de limar su Lusiada con que entrò en Lisboa.

20 *Deixou segunda vez*, &c. Porque las obras Lyricas fueron primeras, y la Heroica fue segunda, menor en cantidad, mas en calidad mayor.

21 *E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma.* En todo esto Poema no se sacaron dos versos juntos, uno tras otro de las obras del Poeta, sino los dos ultimos desta Estancia, por fenecerla con la harmonia del consonante: y soy de parecer, que en tanto aprieto, bien pueden los ingeniosos usar desto. En la otava Egloga de Garcilasso ay esto en dos occasiones, y en una se pudiera escusar, si quisiera; mas porque no lo tengo por defeto lo dexe ir assi.

22 Esta Estancia, y la siguiente, son quexas de los Cavalleros, y de Portugal, por aver tratado con tanto descuido al Poeta: y vienen a ser las mismas, que el proprio haze al fin del Canto sexto de su Lusiada.

23 *Que nunca vi, Fario, vejo agora.* El verso es de la Egloga primera, adonde dize *Fario*, dize *Frondelio*. Vea-se para esto lo dicho, debaxo del numero 6.

24 *Nota, o e vê, Ulmano.* Es el verso en la Egloga 11. y dize: *Nota, e vê, Umbrano.* Veaselo dicho en el num. 6.

25 *Da primeira maritima victoria.* Primera a respeto del Poeta, porque esta batalla naval fue la primera en que el se hallò: y por esto pongo el *maritima* entre comas: como se dixesse: *Desta primera victoria, en que tuve parte, y que fue maritima.*

Màs adelante: *A's armas braço feito.* Este verso, y el siguiente tienen trocada una palabra cada uno, porque no quedassen languidos: porque allà dizen *braço ás armas feito, mente ás Musas dada.*

Alli mismo: *Camenas, o nome tem,* &c. Porque el Appellido de Camões en anagramma es Camenas: y el nombre de Luis tiene en España, y en Italia muchos Poetas buenos, màs que otro alguno, como observamos en la vida del Poeta, que se verà al principio de los Commentarios a su Lusiada.

26 *Porém vendo,* &c. Aqui se empieça a dar cuenta de los amores que el Poeta tuvo con una esclava, despues de verse falto de todo. *De quem era captiva.* Este verso es de unas Endechas a la esclava, y dize: *De quem he captiva:* y le alterè por llenar el numero de siete.

27 *Estranha, màs naõ Barbara.* Este verso saliò de dos de aquellas endechas, que dizen: *Bem parece estranha, mas Barbara naõ:* y Barbara era el nombre de la esclava. Lo mismo corre en

el verso: *Esta a captiva he, que o tem captivo*: porque en las endechas dize: *Esta he a captiva, que me tem captivo*. Y mas abaxo: *Aquelle moço fero*: es el primero verso de la Oda 10, que el Poeta escribiò a esto de estar enamorado de la esclava; y es una de las grandes cosas de sus Rythmas.

28 *Sobre cabellos louros*, &c. Parecerà que era esto mas proprio para una Dama, a lo menos a quien no supiere que el Poeta era roxo de pelo; y porque lo era, vino alli de molde el parenthesis: *Por tem de louro Apollo*.

29 *Póde ser que algum peito se quebrante*. Aqui no vamos hablando, a salga lo que saliere; sus harmonias se tiene este Poema, quales se pueden esperar de quien escriba con seso, y a su arbitrio, no ya atado a centones. Advertimos solamente esta; y es, que a esto de quebrantarse algun pecho con su muerte, corresponde la Nympha, que le llora, despues del num. 29., supponiendo, que la que nunca se doliò del, vivo, agora se duele viendole muerto.

30 *Choráram te Luis*, &c. Adonde aqui està *Luis*, dize el Poeta *Thomé*. Vea-se para esto lo dicho en el num. 6. Mucho fue que el Poeta no se nombrasse a si proprio en sus obras: solamente con anagramma de Liso que es Lois, se nombra dos, o tres vezes.

31 No infelizmente se hallaron aqui las alabanças de los Commentarios a las Obras del Poeta.

F I M.

IN-

INDEX

DO QUE VAI DE MAIS NESTA EDIÇAÕ, e se naõ achará em nenhuma das outras, que até este presente anno de 1780. se tem feito das Obras de Luis de Camões.

SEtenta e quatro Estancias, que o Poeta regeitou, e desprezou ao tempo de imprimir o seu Poema a primeira vez. Estas Estancias, sendo descobertas por Manoel de Faria e Sousa em dous differentes Manuscriptos, sómente se acham nos Commentarios deste Auctor á Lusiada, e em nenhuma outra Ediçaõ. Nesta nossa vaõ juntas a pag. 267. da parte segunda do primeiro Tomo.

As Lições várias do Poema, observadas pelo mesmo Faria e Sousa, na confrontaçaõ dos mesmos dous Manuscriptos, com os exemplares da primeira e segunda Ediçaõ. Acham-se sómente no fim dos Commentarios de Faria á Lusiada; e nesta nossa Ediçaõ vaõ no fim da parte segunda do primeiro Tomo, a pag. 295.

Hum Discurso de Fernando Rodrigues Lobo Surrupita, que sahio na primeira Ediçaõ que de algumas Rhythmas do Poeta se fez em Lisboa no anno de 1595. Vai inserto no Prologo do nosso segundo Tomo.

Hum Index por ordem alphabetica de todos os Sonetos; das Canções, Odes, Sextinas, Elegias, Oitavas, e Eclogas, que se contém no Tomo segundo, com a declaraçaõ do argumento ou assumpto a que ha composto cada hum daquelles Poemas. Este Index, que vai no fim do Tomo-

mo segundo, sendo todo trabalhado de novo, se naõ achará em outra alguma Ediçaõ das antecedentes.

Hum Discurso de Manoel de Faria e Sousa, em que prova concludentemente serem de Luis de Camões, e naõ de Diogo Bernardes, cinco Eclogas, achadas em hum Manuscripto; as quaes o mesmo Bernardes havia impresso por suas no seu *Lima*. Este Discurso, copiado fielmente dos Manuscriptos originaes do mesmo Faria, vai no principio do terceiro Tomo desta nossa Ediçaõ.

As mesmas cinco Eclogas, as quaes nesta nossa Ediçaõ, pelo muito que o Poeta riscava, e emendava, se acharáõ (pelos que as cotejarem, e conferirem) muito differentes das que Bernardes imprimio; por se servir de Manuscriptos, ou viciados, ou a que o Poeta naõ havia posto a ultima máo. Saõ extrahidas fielmente dos mesmos Manuscriptos originaes de Faria, e vaõ logo depois do Discurso deste Auctor, no principio do nosso terceiro Tomo.

Duas Eclogas (saõ a XIV e XV. nesta nossa Ediçaõ) nunca impressas até ao presente, como já dissemos, e extrahidas dos mesmos Manuscriptos originaes de Manoel de Faria e Sousa; as quaes vaõ a pag. 189., e 198. do terceiro Tomo.

Varios Fragmentos de Obras do Poeta, achados por Faria em alguns Manuscriptos, e copiados tambem agora de diversos lugares dos seus Commentarios. Vaõ neste quarto Tomo, depois das Comedias, a pag. 225.

Hu-

Huma Ecloga, que contém 1414 versos, tirados todos de diversos lugares das Obras do Poeta, na qual Manoel de Faria descreve a vida do mesmo. Vaõ no fim della humas Annotações do mesmo Auctor á referida Ecloga; e naõ nos constando que estas duas Obras se imprimissem atégora, com ellas damos fim a esta nossa Ediçaõ. Principia a Ecloga na pag. 317. deste quarto Tomo.

Naõ fazemos mençaõ de Prologos, vida do Poeta, e mais advertencias necessarias, e concernentes assim á mesma Ediçaõ, como á intelligencia das Obras do mesmo Poeta, o que tudo se achará nos seus devidos lugares.

Em ultimo lugar advertimos, que se o Leitor achar de menos os Sonetos nesta nossa Ediçaõ, he porque nas duas ultimas que se fizeram das Obras do nosso Poeta (saõ a de París do anno de 1759, e a de Lisboa de 1772) se acham repetidos alguns em diversos lugares; como puzemos patente em huma advertencia que deixámos no fim dos mesmos Sonetos, a pag. 177 do Tomo segundo.

AD-

ADVERTENCIA FINAL.

TEmos posto fim a este nosso trabalho; e somos obrigados a dizer aos nossos Leitores, que puzemos todo o cuidado e diligencia em lhes dar nesta huma Edição mais completa, e ampla, que as antecedentes: naõ sabemos, com tudo, se o conseguimos, e só o poderáõ dizer os que livres de paixaõ costumam julgar das cousas. Se porém aqui se achar alguma que desagrade, poderá muito bem attribuir-se á debilidade das nossas forças, e naõ a nossas intenções; que na verdade saõ rectas, de servir bem ao Público, e dirigidas todas a acertar.

Ao tempo que estavam debaixo do Prélo as ultimas folhas deste IV Tomo, nos foi dito, que o Reverendissimo Padre Mestre, o Senhor Fr. Francisco de S. Bento Barba, Monge Benedictino, Doutor pela Universidade de Coimbra, dignissimo Deputado da Real Mesa Censoria, e bem conhecido pela vastidaõ da sua litteratura, possuia hum Exemplar da primeira Ediçaõ da Lusiada, com algumas notas marginaes, que se dizia serem do proprio punho do Auctor. Sem perda de tempo procurámos a este Doutissimo Religioso, o qual empenhado, tanto na gloria do Poeta, como em tudo o que póde utilizar a República Litteraria, com a maior benevolencia, e generosidade, nos facilitou o examinarmos o referido Livro, em que naõ achámos outra cousa, que algumas notas bastantemente superficiaes, e perten-

cen-

centes á Mythologia: de sorte que, postoque a letra de que estavam escriptas inculcasse bastante antiguidade, pois que já algumas se naõ liam; o juizo que fizemos foi, que as taes notas naõ haviam sido escriptas por Luis de Camões; por quanto se naõ faz crivel, que hum tal homem se occupasse em explicar humas cousas facillimas de comprehender, ainda por aquelles que saõ menos instruidos em semelhantes estudos, e deixasse outras que no mesmo Poema ha de summa difficuldade, e que mais necessitavam de declaraçaõ. Observámos, alêm disto, que as mesmas notas estavam escriptas em hum dos Exemplares da primeira Ediçaõ, os quaes por terem sahido consideravelmente errados em muitos lugares, foram logo emendados pelo Poeta em outra, que se fez em Lisboa no mesmo anno de 1572, em que havia sahido essa primeira. E naõ nos devemos convencer, de que tendo Luis de Camões Exemplares certos, nos deixasse notas em hum dos que o naõ eram, principalmente naõ fazendo nellas mençaõ (como naõ fazia) desses mesmos erros.

Por todas estas razões, e porque os nossos Leitores tem no Index de Joaõ Franco Barreto, que lhes damos depois da Lusiada, huma noticia muito mais copiosa da Mythologia que o Poeta toca, julgámos estas notas menos dignas de attençaõ, e que se deviam omittir. Deixamos, porém, aqui esta advertencia, para que no caso que para o futuro appareçam, se naõ entenda que escapáram á nossa diligencia.

Em

Em ultimo lugar, para que de huma vez cesse toda a duvida, e tiremos toda a desconfiança que possa haver sobre a certeza, e legitimidade do texto que Manoel de Faria e Sousa nos deo nos seus Exemplares, especialmente da Lusiada, daremos aqui aos nossos Leitores a noticia que achámos em documentos veridicos. No anno de 1569, voltando da India, chegou Luis de Camões a Lisboa; e logo no de 1572 imprimio a sua Lusiada; e, ou fosse por culpa de Impressores ignorantes, (como sempre tivemos), ou por malicia de emulos do Poeta, sahio esta primeira Edição com muitos erros, e que em partes alteravaõ, e desfiguravaõ consideravelmente o sentido, e contexto do mesmo Poema. Achando-se Luis de Camões neste desgosto, e vendo-se nesta consternaçaõ fez logo no mesmo anno de 1572 segunda Ediçaõ, á qual assistio com toda a vigilancia, e cuidado emendando nella todos os erros, e defeitos da primeira; do que dariamos algumas provas, senaõ attendessemos á brevidade. Esta segunda a Ediçaõ seguida por Manoel de Faria e Sousa; e esta a seguida pontualmente tambem por nós no mesmo Faria, nestas nossas duas Edições. Ese he licito alterala, ou com as conjecturas de outros Editores, ou com as lições varias de Manuscriptos, que de novo appareçam, julguem-no os judiciosos. O mesmo Faria e Sousa teve suas conjecturas, teve seus Manuscriptos, e teve suas lições varias; mas como prudente, e judicioso, e como quem sabia tratar estas cou-

sas,

ſas, tendo por atrevimento alterar o texto, que o meſmo Poeta bavia emendado, e impreſſo, reſervou tudo para o fim do Poema, onde ſeparadamente o deo aos ſeus Leitores. Iſto meſmo he o que atéqui temos viſto praticado pelos Editores mais Sabios, tanto com os Poetas Latinos, como com os vulgares das outras Nações.

Fim do quarto e ultimo Tomo.